FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 10 DE MARÇO DE 1966

ANO 45.º — NÚMERO 15527

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Governo de Johnson estuda o projecto de minar o porto de Haiphong

WASHINGTON, 10 — (R.) — Há indício de que o Governo de Johnson está a discutir se deve minar o porto de Haiphong e cortar, assim, as vias de abastecimento do Vietnam do Norte, por mar.

Tal iniciativa tem grande apoio. O general Maxwell Taylor, antigo embaixador americano em Saigão, defendeu tal disposição perante a comissão de relações externas do Senado.

PERIGO DE CONFRONTAÇÃO RUSSO-AMERICANA DIRECTA

A principal objecção é de que a iniciativa pode levar os Estados Unidos a uma confrontação com a União Soviética se barcos russos correrem perigo. Até agora, o peso da opinião tem sido contra o projecto de minar o porto.

Contudo, fontes bem informadas disseram hoje que uma decisão teria de ser enfrentada pela Administração sobre se o esforço para privar de abastecimentos as forças norte-vietnamianas e do Vietcong, no Vietnam do Sul, exigirá o encerramento do porto.

Julga-se que não se põe a questão, pelo menos nesta altura, de bombardear Haiphong. Funcionários da Administração têm indicado frequentemente que os Estados Unidos não tencionam bombardear Hanoi ou Haiphong — uma disposição que muita gente considera poder provocar a China e levá-la a participar na guerra do Vietnam.

Os pontos de vista de outras nações, além da União Soviética, cujos barcos fazem comércio com Haiphong, teriam de ser tomados em consideração ao chegar-se a uma decisão quanto a minar o porto.

Navios não comunistas estão ainda empenhados nesse comércio, em-

(Continua na 15.ª página)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

Pombas e falcões

Em Washington os falcões alcançaram uma nítida vitória sobre os pombas. Com estas designações são conhecidos os partidários e adversários do prosseguimento da guerra do Vietnam até á vitória militar sobre o inimigo, o qual não é o mesmo para uns e outros. O inimigo para os falcões é constituido pelo Vietcong, pelo Vietnam do Norte e pela China, e a guerra que advogam visa a ultima de maneira categórica e definitiva. Para os pombas a guerra do Vietnam é uma guerra civil travada entre partidos antagónicos — comunistas e não comunistas — no Vietnam do Sul, cujo epílogo decidirá o destino deste país. Os esforços para conciliar as teses opostas de falcões e pombas traduzem-se por fórmulas piedosas cujo unico objectivo consiste em não criar na frente nacional brechas irremediáveis. O debate publico que os pombas exigiam saldou-se com um resultado favorável aos falcões.

A esta aparência não corresponde, porém, uma realidade uniforme. Os senadores Fyllbright e Mansfield, o general Gavin, o jornalista Walter Lippmann, chefes de fila dos pombas, não foram convencidos pelos seus antagonistas nem estes tinham tal pretensão, pois, tratando-se de personalidades de primeiro plano, as suas objecções se fundamentam em argumentos ponderosos e dignos de ser tidos em conta. «O impressionante resultado das votações no Congresso—lê-se no «Herald Tribune» — não podem esconder as sérias divergências que persistem nas fileiras «dos democráticos, sobre a condução da guerra e os objectivos de esta». O debate prosseguirá e os acontecimentos dirão quem tinha razão na prova decisiva que os Estados Undos atravessam.

A princesa herdeira Beatriz, da Holanda, e o marido, o alemão Claus von Amsberg

BEATRIZ e CLAUS: casamento agitado «Viva a República!» — gritou-se à passagem do cortejo nupcial

AMSTERDAM, 10 — (R.) — A princesa Beatriz, herdeira do trono da Holanda, casou-se hoje com o diplomata alemão Claus von Amsberg, enquanto a Polícia lutava com manifestantes antialemães nas ruas de Amsterdam.

Multidões de jovens gritando «Viva a Republica» e lançando bombas de fumo lutaram com a Polícia em diversos pontos de Amsterdam enquanto a princesa se dirigia para o edifício da Camara Municipal, onde se efectuou a cerimónia do casamento civil.

Beatriz, cuja vontade forte conseguiu levar a cabo os seus projectos de casamento mau grado a oposição generalizada á sua união com um alemão, sorria radiosamente ao responder «sim» quando o burgomestre de Amsterdam lhe perguntou se aceitava von Amsberg para marido.

Assistiram ao acto a rainha Juliana, o príncipe Bernardo e a mãe de von Amsberg, já viuva. Segundo a lei holandesa, o casamento civil é o unico válido.

Uma salva de 21 tiros disparada por um cruzador ancorado no porto de Amsterdam assinalou o início do que prometia ser o turbulento dia de um casamento real.

Desde cedo houve indicações de que poderiam ser perturbadas as cerimónias civis e religiosas do casamento da princesa Beatriz com o diplomata alemão Claus von Amsberg.

A's duas da manhã, a Polícia teve de dispersar uma multidão de jovens que se manifestavam junto do palácio real.

Os primeiros espectadores a reunir-se ao longo do percurso do cortejo do casamento estavam munidos de cobertores. Ha-

(Continua na 15.ª página)

WASHINGTON ISOLADA TELEFÓNICA E TELEGRÀFICAMENTE DO RESTO DO MUNDO

WASHINGTON, 10 — (A. N. I.) — Durante uns dez a quinze minutos, a cidade de Washington esteve sem comunicações com o mundo exterior, devido a uma falha no funcionamento de um dos transformadores de corrente da Companhia dos Telégrafos e Telefones.

Algumas comunicações interurbanas da Casa Branca foram também interrompidas, tendo sido necessário recorrer a sistemas de alternativa.

A chamada «linha quente», ligação telefónica entre a Casa Branca e o Kremlin, não foi afectada pela avaria.

ADOULA EMBAIXADOR EM BRUXELAS

BRUXELAS, 10 — (A. N. I.) — A fim de assumir o seu posto de embaixador na Bélgica, chegou hoje a Bruxelas o antigo primeiro-ministro do Congo de Léopoldville, Cyrille Adoula.

Adoula foi nomeado recentemente para aquele cargo pelo chefe do Estado congolês, general Mobutu.

Nota do dia

ORGULHO E HUMILDADE

Será preciso evocar, mais uma vez, o barão Pierre de Coubertin, para defender o espírito que deve presidir a toda a competição desportiva? Com efeito, não é vencer a todo o custo que importa, mas sim a presença que conta, a emulação leal e salutar que traz proveito. Claro que não é indiferente a vitória, que constitui o objectivo final da luta. Os atletas batem-se por ela, os guerreiros perseguem-na, os povos morrem ou vivem, com mais ou menos glória, dos seus frutos. Há, contudo, vencedores que ficam esgotados no fim do combate e vencidos que conseguem extrair da própria derrota o germe de futuras vitórias. Num campo de jogos, porém, não conta só a vitória. Conta, sobretudo, a lealdade, a correcção e a destreza com que se luta. Perde-se com honra e ganha-se, por vezes, sem glória. Mas quando a vitória lhe sorri, o atleta deve recebê-la com humildade, e renunciar a todo o espírito de vanglória. Vencer com humildade e perder com resignação deve ser o lema de toda a competição desportiva. E' o orgulho que perde os homens — e as «équipes» de futebol. Quantos mitos da nossa época não ficaram reduzidos a pó por se terem deixado tentar pelo pecado do orgulho! A derrota de uma falange desportiva, por mais prestigiosa e por mais troféus que tenha conquistado para o seu país, não representa, como por vezes exageradamente se supõe, uma perda nacional. Nem um motivo de desânimo para os vencidos. E' na mó de baixo que se forjam as armas de futuras vitórias. Hoje, é a glória do Benfica que se desvanece. Amanhã, será a do Manchester. A vida não se resume ao rectangulo relvado da Luz. Há outros mitos mais perigosos a destruir — e outras batalhas bem mais importantes a ganhar.

Convite Schweppes
Férias em Londres no «Mundial» de Futebol

CONTINUA O NOSSO CONCURSO E CONTINUA O ENTUSIASMO DE TODOS OS CONCORRENTES

Com a publicação da pergunta 11.ª, o que se verifica hoje, o concurso «Convite Schweppes» entra na sua segunda metade. Faltam, portanto, nove perguntas para o seu termo e isso traduz um acréscimo de entusiasmo da parte dos concorrentes — todos seguros das respostas correc-

(Continua na 23.ª página)

32 PÁGINAS

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • • •

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 ☆ Telex 782

De ontem para hoje

LAVOURA DO RIBATEJO

A Federação dos Grémios da Lavoura do Ribatejo reuniu-se ontem no Grémio da Lavoura de Santarém, sob a presidência do dr. José Marques. A agenda incluía os assuntos que, neste momento, mais preocupam a lavoura ribatejana, entre outros os relacionados com o prejuízo causado pelas recentes e prolongadas inundações, que afectaram muitas culturas, na sua maioria completamente destruídas. As desfavoráveis condições climatéricas (excesso de chuvas no início do ano agrícola) mereceram também a mais preocupante e atenta análise, porquanto o facto de as sementeiras se terem efectuado apenas em cerca de uma quarta parte do seu normal, deverá trazer consequências económicas de compreensível apreensão para uma lavoura já de si tão desafortunada e de perspectivas nada optimistas. Como medida necessária e imediata para atenuar as dificuldades demonstradas, foi decidido solicitar do Governo os meios de acção que no momento se reconhecem mais viáveis pela sua aplicação, de molde a propiciar um futuro agrícola menos angustioso para todos. Além da Federação entender que se deve alertar os departamentos oficiais competentes para o estado actual em que se encontra o leito do rio Tejo prevendo-se desassoreamentos e regularizando ou protegendo as suas margens, não deixou de se ocupar também da necessidade muito urgente de pedir os meios necessários para as próximas culturas de Primavera, algumas a realizar como recurso. Assim, solicitou-se ao ministro da Economia a concessão de um subsídio extraordinário para a cultura do milho híbrido, que será, decerto muito intensificada este ano, por constituir um meio necessário para fazer face á obtenção de mais sementes e á aplicação de adubações mais generosas para esta exigente cultura.

A MOTORIZADA E OS CEIRÕES

Ia um pacato asno pela estrada fora. Não era bem a burrinha enfarinhada e benta da moleirinha. Era um jumento que, a passo seguia, com os ceirões, na freguesia de Tavarede, junto á Figueira da Foz. Ia por ali fora. Veio o electricista dos Serviços Municipalizados da Figueira, sr. José de Sousa Barca, de 58 anos. Não se sabe bem porquê, embateu num dos ceirões e caiu para o lado. Tão ferido ficou, que morria, pouco depois, no hospital da Figueira.

CONSELHO DE MINISTROS

Reuniu se ontem á tarde, sob a presidência do ministro de Estado, dr. Motta Veiga, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. Ocupou-se de assuntos correntes da sua competência.

PALÁCIO DE BELÉM

No Palácio Nacional de Belém, o sr. Presidente da República recebeu, em audiência, os srs. comandante Camacho de Freitas, governador do distrito autónomo do Funchal; brigadeiro João de Paiva Brandão; e dr. Saraiva Lima; a sr.ª professora D. Clarisse Wahnon; e os membros do conselho de administração da C. U. F.

AUTOMÓVEL DE MORTE

Na freguesia de Coucieiro, concelho de Vila Verde, um automóvel conduzido pelo sr. Jorge Ferreira da Silva, de 41 anos, morador em Espinho, colheu o sr. Aníbal Mário dos Santos Graça, de 52 anos, morador na Póvoa de Varzim. Com fracturas múltiplas, ainda foi conduzido ao hospital de Vila Verde, onde morria pouco depois.

Furtos importantes por meio de arrombamento

Na noite de 26 para 27 de Outubro, do ano findo, foi praticado um furto, por arrombamento, num estabelecimento de ourivesaria, pertencente ao sr. Manuel de Oliveira Catarino, na Rua de Fernandes Tomás, 13, na Figueira da Foz. Foram roubados relógios para homem e senhora e objectos de ouro, no valor de algumas dezenas de contos. A Polícia daquela cidade procurou esclarecer o caso, mas foi forçada a aguardar melhores elementos, pois os gatunos não deixaram rasto.

Anteriormente, na noite de 25 para 26 de Julho, pelo mesmo processo, foi assaltado o estabelecimento misto de barbearia e comércio na freguesia de Cavos, naquela cidade, pertencente ao sr. Joaquim da Silva Matias. Também foram roubados relógios e despertadores, avaliados em 30 contos. Assim, o delegado do procurador da República pediu a intervenção da Polícia Judiciária do Porto e os agentes investigadores verificaram que os furtos deviam ter sido cometidos pela mesma ou mesmas pessoas. Parecia resultarem inuteis todos os esforços para arrancar qualquer confissão ao unico suspeito, o vendedor ambulante Manuel Rodrigues Antunes, então detido numa cadeia comarcã por outros delitos. Trazido mais tarde para o Porto, confessou o ultimo furto, negando, contudo, o primeiro. Entretanto, as investigações prosseguiram e as diligências foram coroadas de certo êxito, não só pela actividade da Polícia, mas do próprio roubado, o qual fazendo de investigador, levou ao conhecimento da Polícia a existência de numerosos indivíduos que transaccionaram parte dos objectos roubados. O preso foi enviado ao tribunal e aguarda na cadeia o respectivo julgamento.

Brincadeira de rapazes que acaba no Tribunal

No 5.º Juizo Correccional, começou esta manhã, o julgamento dos estudantes Carlos Afonso Eça de Queiroz, de 18 anos; João José de Castro Girão Corte Real (Fijó), de 19; Manuel Maria Olazabal e Albuquerque, José Maria Eça de Queiroz Cabral, seu irmão, Afonso Eça de Queiroz Cabral, de 18; e Rui Lencastre Nunes da Mota.

Quando passavam um fim-de-semana, na praia da Aguda, na noite de 14 para 15 de Julho do ano findo, entraram na residência da sr.ª D. Maria Teresa do Menino Jesus Pinto Leite Melo Breyner Casal Ribeiro Bayner de Carvalho, residente em Lisboa, onde, então, se encontrava, e depois de cearem, utilizando géneros e bebidas ali existentes, praticaram vários danos. Segundo a acusação, furtaram ainda garrafas de vinho, de «whisky», latas de salsichas e vários outros artigos, que restituiram um dia depois.

Ao julgamento preside o juiz sr. dr. Gama Prazeres e a defesa dos arguidos está a cargo dos srs. drs. Pinheiro Torres, Araujo Barros, Aguiar Branco e Pinto Resende Alegam aqueles, em sua defesa que o que fizeram não passava de uma brincadeira em casa de pessoa amiga, embora ausente.

A sr.ª D. Maria Teresa desistiu já da acusação, mas o processo continuou por se tratar de crime publico. O julgamento prosseguiu de tarde.

Outro vigário pelo estafado processo do vigésimo premiado

Há tempo, o sr. Manuel L. Monteiro, de 35 anos, trabalhador, natural de Pombalinho (Soure), então na Figueira da Foz, em tratamento, queixou-se á Polícia por lhe terem furtado a carteira com 920 escudos, quando dormitava, sentado num banco de jardim publico, naquela cidade.

A queixa seguiu os tramites usuais; e, entretanto, a Polícia Judiciária deteve para averiguações sobre um delito qualquer, três indivíduos: Luís Marques Ferreira, de 36 anos, estivador, residente na Cova da Piedade; Arménio de Sousa e Silva, de 38, servente de pedreiro, morador na Quinta da Flamenga, em Chelas; e Aníbal Dias Gonçalves, de 28, vendedor ambulante, da Rua de São João de Brito, lote 2, r/c, Dt.º, em Oeiras.

Apertados com perguntas, confessaram-se autores de uma burla pelo estafado processo do vigésimo premiado, da qual fora vítima aquele queixoso, o qual, chamado a perguntas, contou uma história que meteu hipnotismo. Por fim, muito envergonhado, acabou por confessar ser a verdade o que os vigaristas disseram: fora pura e simplesmente, vigarizado; fora ele quem, realmente, passara para as mãos dos burlões, os seus 920 escudos, que tanto lhe custaram a ganhar.

Enviados a Tribunal, os dois primeiros foram condenados e o ultimo, absolvido. Entretanto, todos estão entregues á Polícia e aguardam a conclusão de um outro processo para cumprirem as penas a que forem condenados.

NO **MONUMENTAL**

ÀS 21.45 H. — (ADULTOS)

A Cia. TÓNIA CARRERO

Apresenta a obra-prima de PIRANDELLO

SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR

SÓ ATÉ DOMINGO

ESTUDANTES — 50 % DE DESCONTO SOB O PATROCÍNIO DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Na próxima semana, a peça de êxito mundial de Terence Rattingan
O PROFUNDO MAR AZUL (ADULTOS)

SÓ ATÉ DOMINGO

TEATRO **CAPITÓLIO**
Telef. 32 74 93

(ADULTOS) VASCO MORGADO apresenta
15.ª Semana às 21,45 H.
UM DOMINGO EM NOVA IORQUE
HENRIQUE SANTANA · FLORBELA QUEIROZ
UMA COMÉDIA MODERNA, PICANTE E ALEGRE!

DOMINGO A TARDE ÀS 16 h.

Zoppas

frigoríficos
máquinas de lavar

já estão à venda em toda a parte

FÁBRICA PORTUGAL

CONCURSO "DIZE TU-DIREI EU"

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

Nome .....
.....
Morada .....
.....
Localidade .....
Telefone .....

A
RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA
CONCURSO
"DIZE TU-DIREI EU"
Alameda das Linhas de Torres, 95
LISBOA - 5

ARRAIOLOS

Maria Luiza de Câmara Manuel Mira

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Bernardino Câmara Manuel Mira, Joaquim Câmara Manuel Mira, Manuel Câmara Manuel Mira, José Câmara Manuel Mira e Jerónimo Câmara Manuel Mira, suas esposas filhos e netos participam que foi Deus servido chamar á sua divina presença a sua querida mãe, sogra, avó e parentes e que o funeral se realiza amanhã pelas 11 e 30 horas, para o cemitério desta vila, depois de celebrada missa de corpo-presente na Igreja Matriz.

TRATA AGÊNCIA JOCARTA

Ora, diga-nos...

— Os problemas da vida assustam-no?

● *Disse-nos o sr. Avelino Manuel Almeida Ribeiro, estudante:*

— Encaro a vida com optimismo. Claro que penso no dia de amanhã... A vida não é uma estrada lisa. Há obstáculos, muitos obstáculos. Se me assustam os problemas da vida? Penso que não. Sou jovem, as desilusões ainda me não magoaram. Continuo, pois, o meu caminho sem hesitações... Posso seguir? Obrigado.

● *Por ultimo, disse-nos o sr. Pedro Santana, funcionário dos C. T. T.:*

— Encaro a vida tal qual ela é. Ora difícil, ora fácil... Procuro sempre conservar o meu optimismo pois assim se resolvem melhor os problemas. Mas a vida é difícil, é muitas vezes uma madrasta. Há que torná-la mãe de nós todos...

● *Afirmou-nos o sr. Jorge Manuel da Silva, paquete:*

— É uma cantiga isto tudo. Não tenho quaisquer problemas... E com este sol, então, é mesmo de uma pessoa não se importar com nada. Tudo vai bem... Lá em casa? É claro que os velhos não estão muito satisfeitos... Penso que são problemas de gente crescida.

JULGAMENTO
EM LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 10 — (L.) — Prosseguiu o julgamento, no Tribunal Militar Territorial, dos três arguidos de conspirarem contra a segurança do Estado no exterior. Os três incriminados são: o jornalista Luís Augusto Bernardo, Matias Zafanias, dirigente da «Frelimo», na Suazilandia; e José Gomes Neto Junior.

O delegado do Ministério Publico pediu a pena máxima para os acusados, tendo os advogados Almeida Santos, Adrião Rodrigues e Costa Ferreira solicitado benevolência para os incriminados.

O tribunal voltará a reunir-se amanhã a fim de continuarem os debates entre a acusação e a defesa, que ontem se prolongaram durante cinco horas.

Preside ao julgamento o coronel Francisco Correia Leal, que tem como assessores o juiz José Martins Fonseca e o tenente-coronel Ernesto Dionísio.

CONFEDERAÇÃO
EUROPEIA DA CORTIÇA

Principiou hoje em Lisboa o conselho da administração da Confederação Europeia da Cortiça, organismo com sede na Junta Nacional da Cortiça, onde funciona o secretariado permanente, e que interessa aos países europeus produtores ou consumidores de cortiça na zona geográfica da O. C. D. E.

Na reunião em curso participam representantes de associações corticeiras da Alemanha, França, Espanha e Suíça, além de Portugal.

Preside o representante da Espanha, D. Luiz Mombiedro, e os problemas a resolver são de carácter administrativo.

CURSO DE CARDIOLOGIA VETERINÁRIA

Na sala de conferências do Instituto de Medicina Tropical, efectuou-se hoje mais uma lição teórica do curso de cardiologia veterinária, promovido pela Escola Superior de Medicina Veterinária.

A lição esteve a cargo do prof. Konrad Zerobin, do Instituto de Fisiologia da Faculdade de Veterinária de Zurich. Versou os seguintes temas: Registo da pressão sanguínea nos animais pelo método indirecto de Riva Rocci» e «O tratamento da fibrilação auricular, no cavalo, pela quinidina».

A lição da tarde foi proferida pelo prof. Henri Shorri, director daquele Instituto, que versou o tema: «Fonocardiografia nos animais».

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Amadeu Rodrigues Pires

Faleceu o sr. Amadeu Rodrigues Pires, de 72 anos, natural de Elvas, sócio-gerente da firma João António Rodrigues & C.ª.

O saudoso extinto deixa viuva a sr.ª D. Florência Rosa Rodrigues Pires, e era pai das sr.as D. Maria Teresa Rodrigues Pires Couceiro da Costa, casada com o sr. dr. Jorge Cabral Couceiro da Costa, e de D. Maria Manuela Rodrigues Pires Campos Lopes, casada com o sr. Horácio de Campos Lopes, cunhado do sr. António Joaquim Rodrigues, casado com a sr.ª D. Maria Laura Baptista Rodrigues. O funeral, a cargo da agência Salgado, realiza-se amanhã, ás 12 horas, da igreja de S. Sebastião da Pedreira para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS

D. Aurora Dinis Salgado

Do Instituto Português de Oncologia para o cemitério de Benfica, efectuou-se, esta manhã, o funeral da sr.ª D. Aurora Dinis Salgado, esposa do nosso prezado camarada Dinis Salgado. O préstito, que saiu após os ofícios funebres celebrados pelo rev. Oliveiros, pároco da Freguesia da Encarnação, constituiu uma reafirmação da geral simpatia e das profundas amizades de que gozava a saudosa defunta. Além de muitas pessoas de família da extinta e de senhoras das suas relações, velaram o corpo durante a noite e incorporaram-se no cortejo funebre muitos amigos e camaradas de Dinis Salgado, que se viu rodeado, designadamente, de jornalistas que lhe foram levar um abraço de muita simpatia e estima.

Depois de novos ofícios funebres, na capela do cemitério, o corpo da saudosa senhora baixou a uma campa.

Entre muitas outras pessoas presentes, contavam-se os srs. dr. José Ribeiro dos Santos, Horácio Novais, Joaquim Kruces Alvarez, comendador Gastão Barata, jornalistas Luís Lupi, Pedro Rafael, Fernando Martins, Manuela de Azevedo, Silva e Costa, Beatriz Ferreira e José Estêvão Santos Jorge.

O sr. dr. Mário Neves, director-adjunto do «Diário de Lisboa», representava, também, o sr. dr. Norberto Lopes, director do nosso jornal.

Todas as secções do «Diário de Lisboa» se fizeram representar no funeral. O sr. Quinhones de Sá representava os serviços administrativos.

A Dinis Salgado renovamos a expressão do nosso muito pesar.

SUFRÁGIOS

Henrique António Rosa Masoni da Costa

Em comemoração do 7.º aniversário do falecimento de Henrique António Rosa Masoni da Costa, que foi director do Banco de Portugal, reza-se missa por sua alma, amanhã, ás 11 e 30, na igreja de Nossa Senhora de Fátima.

A mãe procura
o filho desaparecido

Vitorino Tomás Vicente

Em 1962 residia na Moita (Castanheira de Pera) o sr. Vitorino Tomás Vicente, de 30 anos, trabalhador rural, solteiro. Aquele indivíduo, que vivia com a mãe, sr.ª Maria Rosa Dinis, de 70 anos, estivera internado em Lisboa, durante alguns meses, num hospital psiquiátrico. Quando saiu, considerado curado, passou a fazer na Moita uma vida normal. No entanto, naquele ano disse á mãe que viria trabalhar para o Ribatejo, provávelmente para a área de Vila Franca de Xira. Deixou em casa todos os haveres incluindo roupas e nunca mais foi visto pela família, que dele não voltou a ter notícias.

A mãe decidiu, entretanto, voltar a encontrar o filho pelo que pede, por intermédio do «Diário de Lisboa», a alguém que possa dar notícias, o favor de lhe comunicar para a Moita (Castanheira de Pera)

CAIU DA JANELA À RUA

ÉVORA, 10 — Esta manhã, caiu da janela de sacada de um primeiro andar á rua o sr. Marcelo dos Santos Afonso, de 50 anos, encadernador, solteiro, natural de Coimbra e residente numa pensão, nesta cidade, na Rua da Republica, 119. O sinistrado, com vários ferimentos no rosto e suspeita de fractura de uma perna, declarou, no hospital da Misericórdia desta cidade, onde ficou internado, que, ao pretender dirigir-se a outra dependência, se enganou na porta, caindo então da janela.

A CIDADE
RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

Operário morto
num prédio em construção

Fernando Martins

Um servente de ladrilhador ficou, esta manhã, entalado entre o balde e a torre de um monta-cargas, e foi dali retirado hora e meia depois, já sem vida.

O acidente ocorreu num prédio de onze pisos, em construção na rua projectada á Rua dr. Gama de Barros, o lote 930, obra que está a cargo da empresa Américo Santos e Outros, com sede na Rua Acácio Paiva, 11, 2.º, dto., e tem como técnico responsável o engenheiro Luís Monteiro Gonçalves.

A vítima, Fernando Martins, de cerca de 17 anos, residente na Rua do Vale Formoso de Cima, 171, trabalhava por conta do ladrilhador Manuel Nunes. Viera para as obras do lote 930 há pouco mais de um mês. Esta manhã, quando descarregava mosaicos na plataforma do 4.º piso, assomou inadvertidamente á torre do monta-cargas no preciso momento em que descia o pesado balde de ferro. Ao ver que o balde não chegava á base do monta-cargas, o encarregado da betoneira galgou imediatamente os quatro andares. O servente estava esmagado pelo terço superior do corpo.

Compareceram quatro viaturas dos Sapadores Bombeiros de Lisboa, entre as quais uma auto-escada Magirus. Sob o comando do chefe Correia. os bombeiros conseguiram retirar o morto ao fim de muitos esforços, com o auxílio de alavancas e um maçarico. Uma ambulancia conduziu-o, depois, ao Necrotério.

A «Angol» aumentou o capital social para 120 000 contos

Em conformidade com a autorização ministerial concedida em Dezembro de 1965, celebrou-se ontem a escritura publica de aumento do capital social da Angol — Sociedade de Lubrificantes e Combustíveis, S. A. R. L., com sede em Luanda. O capital foi elevado de 70 000 para 120 000 contos.

O acto, celebrado nas notas do 13.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do dr. Gama Vieira, foi outorgado por todos os membros do Conselho de Administração, a que preside a Sacor.

Com a concretização deste aumento de capital, vai a Angol entrar em nova fase de expansão como distribuidora dos combustíveis e lubrificantes Sacor na Província de Angola. Para além de um significativo alargamento da rede de distribuição de combustíveis líquidos e de gás, já iniciado, a Angol tem em estudo o reapetrechamento das suas importantes Instalações de armazenagem a granel de produtos petrolíferos. Os investimentos realizados pela Angol na Província ultrapassam já os 200 000 contos.

Trânsito interrompido

Por motivo de cheia, encontra-se novamente interrompido o transito na E. N. entre Vale de Figueira e Pombalinho.

Médicos dos Hospitais Civis de Lisboa

A sr.ª dr.ª D. Maria das Dores Gutierrez Domingues Medeiros Nobre foi contratada, além do quadro, como médica, para prestar serviço de pediatria médica no serviço n.º 2 do Hospital de D. Estefania.

— Estão abertos concursos de provas documentais, teóricas e práticas, publicas e eliminatórias, para provimento de lugares de internos do internato complementar dos Hospitais Civis de Lisboa.

Assembleias gerais

Casa do Algarve

Continuam amanhã, ás 21 e 30, na Casa do Algarve, a reunião da assembleia geral daquela agremiação para eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, em conclusão da ordem dos trabalhos da reunião do passado dia 4.

PELOS HOSPITAIS

DESASTRES MORTAIS DE VIAÇÃO — Morreu no Hospital de São José, onde há dias dera entrada, por ter sido colhido por uma camioneta em Xabregas, Artur Alves, de 70 anos, residente na Azinhaga do Planeta, 10; e no hospital de uma companhia de seguros, para onde entrara no passado dia 7, faleceu Francisco José de Oliveira, de 35 anos, motorista, residente em Salvaterra de Magos, que sofreu um desastre de viação e cujo corpo foi transportado para o Instituto de Medicina Legal.

CHOQUE DE CAMIONETAS — Deu entrada na sala de observações do Hospital de São José, ferido na cabeça e muito contuso pelo corpo, o jornaleiro Artur Manuel Fernandes Pereira, de 30 anos, residente em Abraã, Santarém, que foi vítima de um choque da camioneta que conduzia, com outra, em Fráguas (Rio Maior).

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL — O jornaleiro Francisco Marques Brás, de 52 anos, residente na Avenida de Moscavide, 95-r/c., foi colhido por um automóvel no bairro da Encarnação. Ficou ferido na cabeça e recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma caneta de tinta permanente; um par de luvas e outras desirmanadas; dois bivaques; uma carteira com documentos de Abel Pereira Azevedo; uma licença de condução de velocipedista pertencente a António José Correia Tavares; uma factura passada a favor de F. Duarte de Carvalho; um album com apontamentos escolares; um casaco de fazenda cinzenta; um tubo de escape; um tampão de roda automóvel; diversas argolas com chaves.

Condenado
por conduzir sem carta

BARREIRO, 10 — Por andar a conduzir um automóvel sem a respectiva carta de condução, foi detido pela G. N. R. desta vila e enviado ao tribunal da comarca, Acácio Costa da Cruz, de 17 anos, solteiro, ajudante de mecanico, natural de Palmela, residente na Baixa da Banheira, Rua 31, porta 32.

Julgado em processo sumário, o tribunal condenou-o na multa de 1000$00, mais dez dias a 10$00 e no mínimo de imposto de justiça.

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRAS DO REPOSTEIRO

- *No Teatro da Trindade, a Companhia Nacional de Teatro continua a ensaiar, sob a direcção de António Manuel Couto Viana, a peça «A barca sem pescador», de Alejandro Casona, a subir ali á cena em breve.*
- *A peça «As Raposas», cujos principais papéis são desempenhados por Eunice Muñoz e Maria Lalande, sobe á cena no domingo, no Teatro Garcia de Rezende, em Évora.*
- *A ultima ópera da temporada de S. Carlos será «A Arlesiana», de Cilea, faltando ainda cantar cinco óperas para que a temporada acabe, daqui a cinco semanas.*
- *No sábado, ao fim da tarde, sobe á cena do Tivoli o penultimo espectáculo da Temporada Gulbenkian de Bailado. Serão dançadas «As Silfides», «Homenagem a Florbela» e «O Casamento».*

MARIA VITORIA

Em breve: «Tudo à mostra!»

Reabre na ultima semana deste mês, com um elecno sensacional, o Teatro Maria Vitória, para estreia da nova revista «Tudo á mostra!», original de Aníbal Nazaré, António Cruz e Eduardo Damas, com musica de Manuel Paião e João de Vasconcelos.

À frente do elenco estão o popular cómico Camilo de Oliveira, a simpática Ivone Silva, a apreciada cantora brasileira Maria Helena, a aplaudida fadista Ada de Castro, Angela Ribeiro, artista da TV e do teatro declamado, que se estreia em revista; Isabel Ferreira, Rogélia Paulo, Odete Rito, Janine Osório, Virgínia Silvestre, Nina Flores, Alba Clington, Mira Teixeira, Helena Nobre, o actor Artur Semedo, que também se estreia na revista, Octávio de Matos Filho e o intérprete de fados de Coimbra João Queirós.

A companhia inclui, ainda, um grupo de jovens actrizes, bailarinas, bailarinos e «girls», dirigido por Charles, numa realização de Rosa Mateus.

A direcção de montagem é do pintor Manuel Lima; os figurinos, de Mário Alberto e Laert Neves; e os cenários, dos melhores artistas do género.

É grande a expectativa pelo novo espectáculo do Maria Vitória, cujos ensaios prosseguem de dia e de noite. tão grande êxito — êxito de realização, de interpretação e artístico».

CAPITOLIO

Outro original português

Vasco Morgado vai apresentar, no Capitólio, o seu primeiro espectáculo de 1966, original de Henrique Santana e interpretado pela Companhia Teatro Alegre. Foi escolhida para ultima apresentação desta companhia, antes da sua partida para o Brasil, o original português «Morra Agora e Pague Depois», precisamente do mesmo autor de «Um Fantasma Chamado Isabe», «Aqui Há Fantasmas» e o mais recente, «O Gato», não esquecendo as suas magníficas direcções artísticas em «O Menino da Mamã», «Loucuras de Papá e Mamã», «A Mala da Bernardete», «Eles, Elas e os Meninos», e, ainda em cena, «Um Domingo em Nova York». O Capitólio volta, assim, a partir da próxima semana, a receber o publico que gosta de espectáculos alegres. Estarão presentes todos os elementos da Companhia Teatro Alegre que são: Henrique Santana, Irene Isidro, Irene Cruz, Henrique Santos, Nicolau Breyner, Manuela Maria, Carmen Mendes, Luís Horta, Henrique Viana e Lynne Motta.

A B C

A próxima revista

José Miguel apresenta, ainda esta semana, no A B C, a revista «Adão e Elas», um espectáculo que está a suscitar o maior interesse no publico, mercê dos grandes cuidados impostos, tanto na montagem como nos diversos pormenores artística. Aida Baptista e Badaró, os protagonistas, preparam-se para mostrar novas facetas do seu talento, ainda desconhecidos dos seus admiradores. Além deles, um notável elenco, constituído por alguns dos melhores nomes da cena ligeira portuguesa, como Fernando Borsatti, Emílio Correia, Rodolfo Neves, Wilma Palmer, Fernando Ruas, Dina Maria e Fernando de Figueiredo, promete duas horas de distracção, em que reinará alegria, boa representação e bonita musica. A participação especial de António Silva, grande figura do teatro português, completa este extraordinário agrupamento de actores. Mas, não quis a empresa descurar a parte de atracções e, assim, convidou o «Duo Ouro Negro», de renome internacional, o fadista da nova vaga Beatriz da Conceição e o cançonetista Paulo Jorge, a grande revelação de 1965. O poema do autorio de Rogério Bracinha, Badaró e Augusto Ramos, será musicado pelos maestros Ferrer Trindade, Nóbrega e Sousa e Thillo Krassman. A montagem e os figurinos estão a cargo de Pinto de Campos, sendo o guarda-roupa confeccionado nos «ateliers» Paiva. A direcção de ensaios, a cargo de Badaró, que acumula ainda os cargos de protagonista e autor, é, por si só, uma garantia de êxito do novo espectáculo.

MONUMENTAL

A peça de Pirandello

Devido aos mensos pedidos, a companhia brasileira de Tonia Carrero e Vasco Morgado decidiram repor em cena, no Monumental, o maravilhoso espectáculo «Seis Personagens á Procura de Um Autor», de Luigi Pirandello, que durante três semanas teve sempre lotações esgotadas. Trata-se na realidade, de um excepcional espectáculo, com um drama arrancado á própria vida e superiormente interpretado por um numeroso e escolhido elenco. Tonia Carrero e Paulo Autran, nos protagonistas, ao lado de Maria Brasini, Monah Delecy, Benedito Corsi, Carlos Kroeber, Luís Tito, Sousa Lima e Teresa Amayo, são os intérpretes deste extraordinário espectáculo, que pode ser visto todas as noites. Hoje, ás 21 e 45

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

S. A. R. L.

Paquete «FUNCHAL»

Avisam-se os senhores passageiros que a saída deste navio para a sua viagem á Madeira e Açores, se efectua da Estação Marítima de Alcantara, dia 12, ás 11 horas, e não da Estação Marítima da Rocha do Conde de Óbidos, como inicialmente fora anunciado.

TEATRO VILLARET

«A Guerra do Espanador»

Raul Solnado é sempre «cartaz», pois tudo quanto ele nos dá em espectáculo é «tempo» para rir com gosto e vontade. Não só a peça de Neil Simon é bom teatro de comédia, como a servi-la estiveram nomes consagrados, colaborando para a pôr em cena no moderno Teatro Villaret. «A Guerra do Espanador» conta com Francisco Mata, tradutor da versão portuguesa de «The Odd Couple», Artur Ramos que encenou e dirigiu os actores, e Gustavo Fontoura que concebeu o cenário. Barroso Lopes, Isabel Ruth, Armando Cortês, Isabel de Castro, Nicholson, Pinhão e Pinheiro têm, nesta peça, grandes momentos da sua carreira de comediantes, em papéis para recordar. O enredo é trepidante e cheio de cenas de um humorismo diferente, pelas situações criadas e de todo imprevistos. Como se comportam dois homens que resolvem viver no mesmo apartamento depois de terem falhado os seus casamentos? A resposta a esta pergunta é alegremente explicada,

(Continua na 6.ª página)

COLISEU

Hoje, às 21 e 30

(Maiores 12 anos)

ESTREIA

DO GRANDE FILME

EM TECNICOLOR

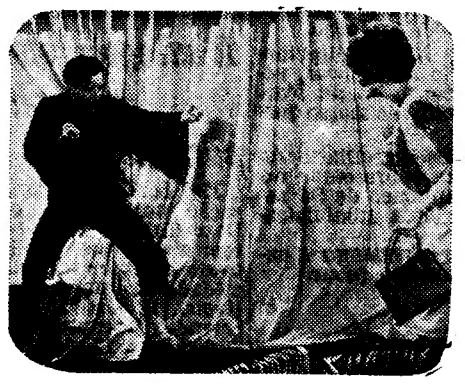
«A ESPADA DO HERÓI»

com o actor GORDON SCOTT

2ª SEMANA

«UMA COMÉDIA INGLESA, EM CUJO DESEMPENHO PARTICIPA PETER SELLERS, NUNCA DEIXA DE CORRESPONDER À PROMESSA DE CONSTITUIR UM FELIZ ENTRETENIMENTO. ESTÁ NESTE CASO «O MUNDO DE HENRY ORIENT». MERECE A PENA IR VÊ-LO»...

Da crítica de: «O SÉCULO»



PAN ARTS COMPANY, apresenta

UMA HISTÓRIA DIFERENTE COM UM NOVO **Peter Sellers**

«UM DOS MAIS ALEGRES FILMES QUE VI NOS ÚLTIMOS ANOS»

—N.Y. Times

«ABSOLUTAMENTE FASCINANTE»

—Newsweek

PETER SELLERS

PAULA PRENTISS **ANGELA LANSBURY**

O MUNDO DE HENRY ORIENT

(THE WORLD OF HENRY ORIENT)

Às 15,15 -- 18,15 e 21,30

ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO OURO

«UMA COMÉDIA EM QUE VEM AO DE CIMA TODA A RIQUEZA DO JOGO CÉNICO DO MAIS BURLESCO INIMIGO DA ORDEM»...

Da crítica do «DIÁRIO DE LISBOA»

com TOM BOSLEY PHYLLIS THAXTER BIBI OSTERWALD e PETER DUCHIN Argumento de NORA JOHNSON e NUNNALLY JOHNSON

Produção de JEROME HELLMAN | Realização de GEORGE ROY HILL | Mús. de ELMER BERNSTEIN | Filmado em PANAVISION® e COLOR by DELUXE | Um filme da UNITED ARTISTS

RANK FILMES

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

NOITE DE TEATRO — **Saudosista, primeiro. Paúlista, depois. Interseccionista também. Lemos alguns dos seus versos — e pasmamos.** «Transcendências neblóticas, metafísicas raras / modelei a minha Obra com minhas mãos avaras...» **Pasmamos como depois, no dobar dos anos, todos os paúlistas esquecem e Armando Cortes-Rodrigues escreve esta pobreza que se chama «Quando o mar galgou a terra».**

E' certo que se trata de uma adaptação. E nunca se sabe bem, quando a coisa mete adaptador, como distribuir as responsabilidades. Queimado embora pela experiência, quero crer que Maria Varga não terá falseado no essencial o pensamento de Cortes-Rodrigues.

No aspecto literário, chega a confranger a literatice que se estadeia ao longo da peça. O pescador, órfão de pai e de mãe, o cego da viola e sua gentilíssima filha que o acompanhara já nas andanças da esmola, exprimem-se como doutores, ou melhor ainda. «A nossa alma é grande... Mede-se pela distancia do horizonte..» «Corre-lhe no sangue a convivência com as ondas..» «Eu vim para decidir do meu destino..»

Por outro lado, abundam os lugares-comuns de uma filosofia mata-ratos que dá, com a restante bem-falância, uma mistura altamente grotesca «A esperança é uma coisa que não se deve perder...». «Só a morte é que não tem remédio». «Quando a gente nasce já traz o destino na palma da mão...». E até, se quisermos saber se é quebranto que nos botaram basta deitar três gotas de azeite num pires de água-benta..

Quanto ao trabalho dos actores, Emílio Correia esteve como peixe na água, atendendo á sua permanente tendência para falar e representar em choramingas. Ontem, então tirou a barriga de misérias. Lastimou-se e chorou do princípio ao fim. Exagerou, talvez. Tornou a peça ainda mais monótona, pesada e enfadonha. Pode-se lá perder um papel daqueles, céguinho e tudo!

Irene Cruz e João Lourenço falaram, falaram... Sempre bem compostos, bem arranjadinhos. São assim os pescadores pobres e as filhas de cegos pedintes nova-vaga. A vida nunca esteve por detrás das palavras que disseram e dos gestos que fizeram Bem se esforçaram, não há duvida A culpa não foi deles. A tarefa dos actores é testemunhar o milagre da criação. Quando esse milagre não comparece ao encontro os actores ficam perdidos e sem saber o que fazer das mãos vazias.

A lentidão da peça, a nítida falta de interesse, os diálogos intermináveis ornaram bem alongada a emissão de ontem. Não tarda que, em vez de se dizer «comprida como a légua da Póvoa», se diga «comprida como a noite de teatro».

M. C.

Insista sempre em...

Schweppes

TV CONTACTO — «Mas na realidade não há mais cançonetistas em Portugal? Será preciso que nos façam uma permanente «lavagem ao cérebro» com os mesmos nomes e as mesmas cantigas? É verdade ou mentira que a Emissora Nacional selecciona anualmente uma centena de cançonetistas? Para onde vão eles?»

J C NOBRE (Lisboa)

«A Televisão tem uma grande queda para os cenários com velas. No ultimo programa de variedades, elas lá estavam. Que soturno!».

F. BAPTISTA (Oeiras)

«Não concordo com a apreciação feita ao representante inglês, na sua crítica. Acho que se sublinharam determinados aspectos superficiais e se esqueceu o principal: era uma bela voz de homem no meio daqueles murmurios caladinhos ao microfone...».

MARIA MANUEL PEDRO
(Carcavelos)

«...para mim, o melhor de tudo no festival foi o «jazz» que se exibiu no intervalo. Representará ele uma séria reacção contra os grupinhos ié-ié?».

C. ALMEIDA (Coimbra)

Hoje pode ver...

● **As 22 e 5: «Variedades»**

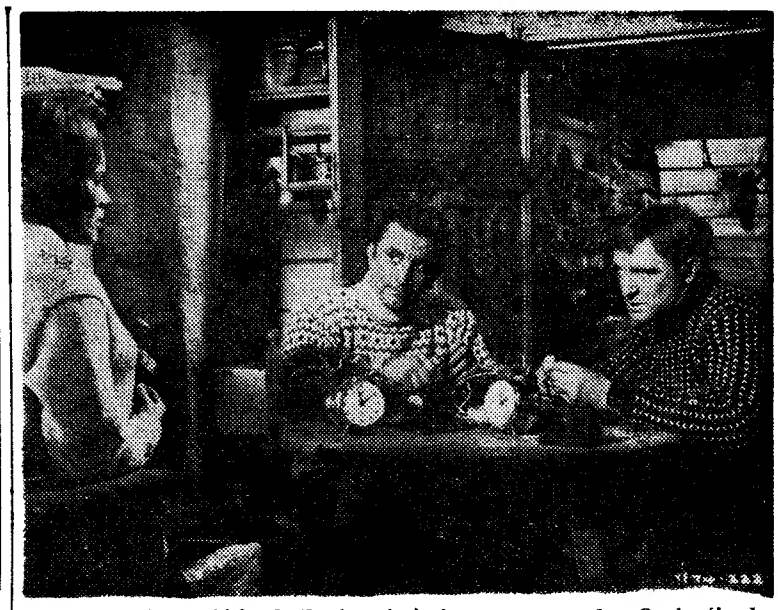
Outro programa de «Variedades», rubrica que ultimamente tem despertado um interesse crescente dos apreciadores, vai esta noite surgir nos pequenos «écrans». Realizado, desta vez, por Fernando Frazão, apresenta, entre outros atractivos, Elis Regina, Jair Rodrigues e o Zimbo Trio.

Musica e passatempo, portanto.

● **Às 23: «Concerto para jovens»**

Mas nem tudo é ligeiro, no mundo da musica da televisão. A rubrica «Concerto para jovens» é dedicada, esta noite, ao impressionismo.

O programa será apresentado pelo compositor Leonard Bernstein, que dirige a Orquestra do Carnegie Hall, de Nova York.



Kirk Douglas e Richard Harris principais personagens de «Os heróis de Telemark»

O cinema revive um dos mais brilhantes feitos da última guerra

Milhões de pessoas, quase o Mundo inteiro, ignora o que deve a um punhado de valentes que, em 1942, obedecendo ás ordens do comando aliado, levou a efeito a destruição das instalações de Norsk Hydro, na Noruega, onde se procedia á destilação da água pesada necessária ao fabrico da bomba atómica alemã. Sem esse acto de bravura, que privou os alemães dos elementos indispensáveis á preparação do tão terrível engenho, é muito provável que eles tivessem conseguido esse objectivo antes dos americanos. E, então, que teria sido da Humanidade? O cinema, revivendo num filme gigantesco, espectacular, onde o «suspense» se mantém da primeira á ultima cena, desse notável feito, presta a mais justa homenagem a esses valentes que passaram á história como «Os heróis de Telemark».

Serão musical Incrível Almadense

Na sede da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, em Almada, haverá amanhã, ás 22 horas, um serão musical em que a banda de musica privativa, sob a direcção do maestro Francisco Gomes da Silva, dará um concerto. Na segunda parte do serão, será exibido o filme «Verdi».

OS CINEMAS

AVIS E ODEON

As 21.45 — As 21.30

TÊM A HONRA DE APRESENTAR HOJE

EM NOITE DE ESTREIA

O 1.º FILME PORTUGUÊS DE 1966!

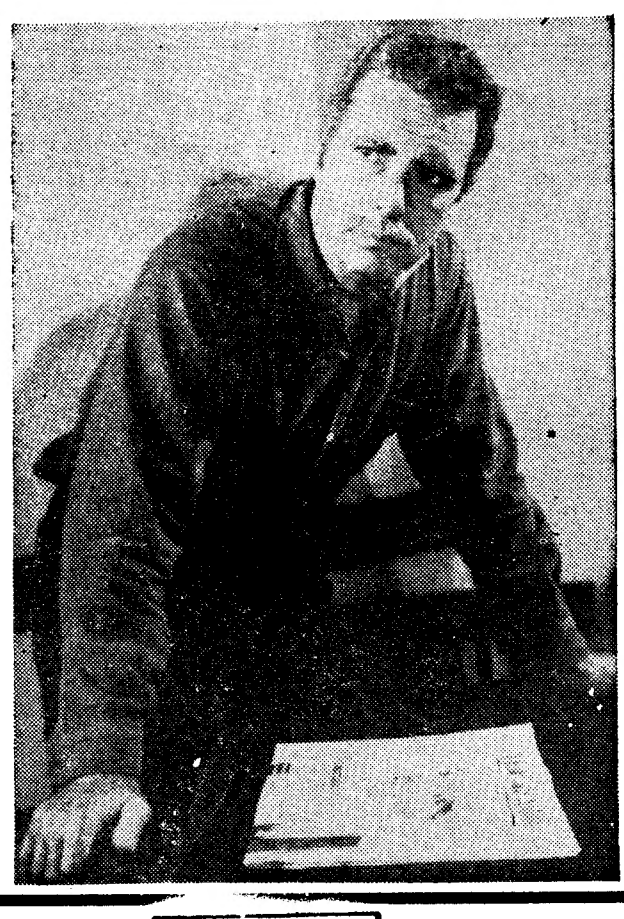
O ESTRANHO CLIMA DE ÁFRICA SERVE DE CENÁRIO A UMA HISTÓRIA PLENA DE IMPREVISTO E EMOÇÃO!

VIRGÍLIO TEIXEIRA

CARMEN MENDES

HEITOR GOMES TEIXEIRA

MIGUEL NUNES



UM FILME DE AUGUSTO FRAGA

A VOZ DO SANGUE

produção de MANUEL QUEIROZ

ARTISTAS E TÉCNICOS PORTUGUESES VIVERAM EM ÁFRICA INESQUECÍVEIS MOMENTOS — PARA PROPORCIONAREM UM FILME DIFERENTE, SUGESTIVO, EMPOLGANTE!

Exclusivo DOPERFILME

MAIORES DE 12 ANOS

BILHETES A VENDA PARA TODA A PRIMEIRA SEMANA!

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

todas as noites, em duas sessões, ás 21 e ás 23 horas, no confortável Teatro Villaret.

VARIEDADES

Últimas de «A Ponte a Pé!»

Marcadas as datas de apresentação da revista «A Ponte a Pé!» em Setubal (14 e 15 do corrente) e Porto (17 do corrente), prossegue até domingo próximo a exibição em Lisboa da melhor revista de todos os tempos, original de José Galhardo e João Nobre, com musica de João Nobre e Carlos Dias e destacada interpretação dos popularíssimos artistas Salvador, Humberto Madeira, Ligia Teles, Mariema, Vera Sanders, Spina, Natalina José, Lita Costa, Linda Silva, Palmira Ferreira, Teresa Torga, Guida de Carlo, Simone Maria, Odete Antunes, Sara Rocha e Gina Loureiro, dois fabulosos «balets» internacionais e, ainda, a sensacional actuação da moderna orquestra de Carlos Dias. Produzida com todo o luxo e requinte, por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, a revista «A Ponte a Pé!» termina a sua carreira lisboeta na noite do próximo domingo. Entretanto, o publico pode admirar esse verdadeiro monumento de alegria, todos os dias, pelas 20 e 45 e 23 horas.

TRINDADE

O êxito da peça de Miller

Lisboa vai ficar privada do seu melhor espectáculo teatral da temporada, pois, devido a compromissos assumidos, «Todos Eram Meus Filhos», de Artur Miller, tem de ser retirada de cena até ao fim do mês. Tudo se congregou nesta peça, em representação no Trindade, para que constituisse um êxito, desde o excelente cenário de Marcello de Morais até á interpretação do elenco da Companhia Nacional de Teatro, que António Manuel Couto Viana dirigiu. Todos os intérpretes — Brunilde Judice, Alves da Costa, Assis Pacheco, Mário Pereira, Ana Paula, Maria Albergaria, Vasco de Lima Couto, Hermínia Tojal, Manuel de Oliveira e Carlos Fernando — se mostram á altura do que lhes era pedido.

TEATRO V. SANTANA

A Companhia de Branca-Flor

Apresentada pela Companhia de Branca-Flor, prossegue, com grande êxito, no cartaz do Teatro Vasco Santana a peça

(Continua na 9.ª página)

TEATRO
VASCO SANTANA

AMANHÃ
ÀS 22 HORAS

O Teatro Experimental de Cascais, a convite do Teatro Estúdio de Lisboa apresenta

A CASA DE BERNARDA ALBA

de Garcia Lorca

com

MIRITA CASIMIRO

— Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol. Subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian

Este espectáculo realiza-se apenas amanhã, sábado e domingo
MAIORES DE 17 ANOS

SEJA DO SEU TEMPO! LEIA
motor

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

Maiores de 12 anos
COLORIDO

3ª SEMANA no EDEN
LISBOA INTEIRA JÁ SABE COMO RIR!
...ATÉ OS MÉDICOS RECEITAM COMO TERAPÊUTICA CONTRA A TRISTEZA!
Um filme de GERARD OURY
O OPORTUNISTA
(LE CORNIAUD)
com
BOURVIL E LOUIS DE FUNÈS

3.ª SEMANA
DE UM GRANDE CLÁSSICO DE «SUSPENSE»!
estúdio
ALFRED HITCHCOCK'S
O "SUSPENSE" NA INQUIETAÇÃO
NA DÚVIDA, NO MEDO.
O "SUSPENSE" SEGREDO DO
ESPECTÁCULO DE EMOÇÃO
100 % ALCANÇADA.
Confesso
EXCLUSIVO
MONTGOMERY CLIFT · ANNE BAXTER
ADULTOS

UM NOVO E MAIS DIVERTIDO DO QUE NUNCA
VITTORIO GASSMAN
VALENTE
IRRESISTÍVEL
ASTUCIOSO
NO SEU PRIMEIRO FILME
CÓMICO - AVENTUROSO
GASSMAN
RIVAL DE JAMES BOND
DISPUTADO POR MULHERES AINDA MAIS BELAS...

SIALOM
TECHNICOLOR - TECHNIS

Finalmente! o filme que é o orgulho da casa que o produziu e do grande artista que o interpretou vai ser exibido amanhã no

MUNDIAL

UM GASSMAN INULTRAPASSÁVEL DE FANTASIA!

UM ESPECTÁCULO DESLUMBRANTEMENTE DIVERTIDO EM QUE ACONTECE DE TUDO!

ADULTOS
EXC. MUNDIAL FILMES

FILMES CASTELLO LOPES
orgulha-se de apresentar

A EPOPEIA DE DUNQUERQUE — A VITÓRIA DOS VENCIDOS!

O MAIOR FILME FRANCÊS DA ÚLTIMA DÉCADA!

Adultos

Baseado na obra de ROBERT MERLE (Prémio GONCOURT) • EASTMANCOLOR • FRANSCOPE

JEAN-PAUL BELMONDO em OS LONGOS DIAS DE JUNHO

(Week-End À Zuydcoote)

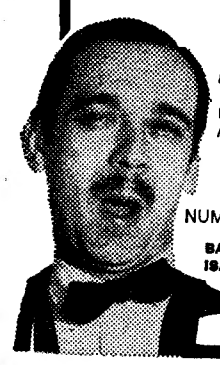
Um filme de HENRI VERNEUIL com CATHERINE SPAAK · GEORGES GERET · JEAN-PIERRE MARIELLE · PIERRE MONDY · MARIE DUBOIS · FRANÇOIS PERRIER Adapt. de FRANÇOIS BOYER Dialog. de ROBERT MERLE Música comp. e dirigida por MAURICE JARRE

AMANHÃ PODEROSA E ESPECTACULAR ESTREIA NOS CINEMAS MONUMENTAL e CONDES

Este filme foi extraído do livro «FIM DE SEMANA EM ZUYDCOOTE», editado por PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

2 SESSÕES
21 HORAS E 23 HORAS
BILHETES DESDE 15$00



A GUERRA DO ESPANADOR

UMA FINA E MALICIOSA CARICATURA
AOS HÁBITOS E COSTUMES DA CLASSE MÉDIA AMERICANA

COM **RAUL SOLNADO** *

NUMA BATALHA ONDE EM VEZ DE PUM HÁ PÓ

BARROSO LOPES · ISABEL RUTH · ARMANDO CORTEZ
ISABEL DE CASTRO · NICHOLSON · PINHÃO · PINHEIRO

COMÉDIA AMERICANA DE NEIL SIMON EM TRADUÇÃO DE FRANCISCO MATA
DIRECÇÃO DE ARTUR RAMOS · CENÁRIO DE GUSTAVO FONTOURA

SEMANA SANTA EM SEVILHA

DE 7 A 10 DE ABRIL

TUDO INCLUÍDO (VIAGEM DE AUTOPULLMAN, HOSTAL DE TURISMO, TODAS AS REFEIÇÕES) — ESC. **880$00**

FIM DE SEMANA EM SEVILHA

DE 28 DE ABRIL A 1 DE MAIO

TUDO INCLUÍDO (VIAGEM DE AUTOPULLMAN, HOTEL DE TURISMO, TODAS AS REFEIÇÕES) — ESC. **690$00**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

ATLAS

AGÊNCIA DE TURISMO E VIAGENS

Av. Duque de Ávila, 203-D — LISBOA — Tel. 733714 e 56229

N-I-N-A
NIGHT CLUB (Maiores 21 anos)
APRESENTA

CORINNE CHAMBORD
ELECTRIZANTE ARTISTA

MONIQUE MONTEZ
ARTISTA NORTE-AMERICANA
E AINDA

LILLY von KARACHI
DO «CRAZY HOURSE SALOON» DE PARIS

«Matinées» todos os dias das 18.30 às 20.30 com atracções
SALA COM AQUECIMENTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O ADEUS
A UM TRIUNFO
INESQUECÍVEL!

SÓ ATÉ DOMINGO

ÀS 20.45 e 23 HORAS

LISBOA PODE VER
A REVISTA MODERNA

A PONTE A PÉ!

Adultos

NO TEATRO
VARIEDADES

Salvador ● Humberto ● Lígia ● Vera Sanders ● Spina ● Natalina

Dias 14 e 15, em SETUBAL ● Dia 17: Estreia no PORTO

TRINDADE
(F. N. A. T.)

Tel. 32 00 00
às 21.45
SÁBADO MATINÉE
ÀS 17.30
(Adultos)

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES EM 8.ª SEMANA
da peça de **Arthur Miller**

TODOS ERAM MEUS FILHOS

Extraordinàriamente interpretada pela COMPANHIA NACIONAL DE TEATRO

(Sub. pelo Fundo de Teatro)
A seguir: **A barca sem pescador**, de **A. Casona** (Maiores de 12 anos)

SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA

motor

O jornal que não havia em Portugal

PUBLICA-SE ÀS 5.as - FEIRAS

HOJE ÀS 21,30

COLISEU

Maiores 12 anos

SCOPECOLOR

UMA ESTREIA QUE VAI FICAR MEMORÁVEL

●

UM ESPECTÁCULO GRANDIOSO E ARREBATADOR QUE EMPOLGA AS MULTIDÕES!

GORDON SCOTT

ALBERTO LUPO
PIERRE CRESSOY

e milhares de figurantes

NUM FILME DE EXCEPCIONAL ACÇÃO

A ESPADA DO HERÓI

A HISTÓRIA DUM GUERREIRO AUDAZ E DESTEMIDO QUE ALCUNHADO DE TRAIDOR LUTOU CONTRA SEUS RIVAIS COM FÚRIA INDESCRITÍVEL!

UMA SUPERPRODUÇÃO SENSACIONAL!

Exclusivo
INTERNACIONAL FILMES

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil etc

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA

O presidente da Câmara Municipal de Oeiras vai ser homenageado pelas colectividades de cultura e recreio

A Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, a propósito da passagem do 6.º aniversário da sua posse como presidente da Camara Municipal de Oeiras, vai cumprimentar, no próximo dia 11, pelas 18 horas, o sr. arquitecto António Bernardo da Costa Cabral de Macedo, acompanhada pelas colectividades recreativas daquele concelho, que lhe manifestarão o seu apreço, pela carinhosa protecção que lhes tem dispensado.

Após aquela cerimónia, que se efectuará nos Paços do Concelho de Oeiras, será entregue ao homenageado a medalha de ouro de «Instrução e Arte», bem como o diploma de sócio honorário, que lhes foram conferidos por aquela Federação na sua ultima assembleia geral

Reuniões científicas

Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica

A Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica inaugura no sábado, ás 22 horas, na sua sede, na Avenida da Liberdade, n.º 65, 1.º, o ano académico de 1965-1966, com a seguinte agenda de trabalhos: alocução presidencial — «Alguns novos aspectos da crenoterapia (A associação farmacológica, a recuperação funcional, o turismo e as termas), pelo dr. Cid de Oliveira; «Flora específica das águas férreas», pelo dr. Nazaré Vaz, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa e investigador do Instituto de Hidrologia de Lisboa.

VIDA RELIGIOSA

Ciclo de conferências sobre as relações da Igreja com o Mundo

O Movimento «Por um Mundo melhor», promove nos próximos dias 14 a 18, ás 21 e 30, mais uma série de cinco conferências, no Pavilhão dos Desportos. Serão proferidas pelo padre Manuel Vieira Pinto, director nacional do Movimento, em Portugal, sobre as relações da Igreja com o Mundo á luz do Concílio Ecuménico Vaticano II.

A entrada no Pavilhão dos Desportos só é permitida mediante a apresentação de um cartão de inscrição, que pode ser pedido á secretaria do Movimento, Rua da Lapa, 106, r/c, esq.º — Lisboa 2 (Tel. 672470).

Em CAMPO MAIOR o «DIARIO DE LISBOA», vende-se na agência do sr. JOSE BAPTISTA PINGO, RUA DA MISERICÓRDIA, 17-B.

ARTES PLÁSTICAS

A exposição de Manuel Cargaleiro no Japão

Manuel Cargaleiro expõe neste momento, em Osaka, no Japão, uma série de guaches, antes da sua exposição em Roma e na Suíça.

Temos presente o belo catálogo da exposição em que sobresaem duas reproduções a cores realmente belas.

O artista, que se encontra presentemente em paris, virá ainda este ano expor a Lisboa.

Exposição de Aníbal Alcino no Casino Estoril

Inaugura-se, depois de amanhã, ás 19 horas, no átrio do Casino Estoril, uma exposição de quadros do artista Aníbal Alcino. O certame, que é mais uma iniciativa da Sociedade Estoril-Sol, engloba quinze obras daquele pintor, e estará patente ao público durante doze dias.

Para os nossos pobres

De um assinante de Lourenço Marques recebemos a quantia de 31 escudos para os nossos pobres.

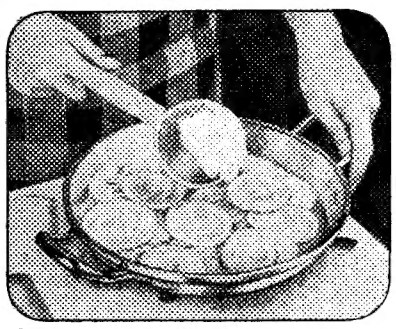
O bailarino Alexis Rassine participa nos espectáculos do Grupo Gulbenkian

A convite da Fundação Gulbenkian, encontra-se em Lisboa o célebre bailarino Alexis Rassine, uma das primeiras figuras do «Royal Ballet», de Londres, que vem participar nos próximos espectáculos do Grupo Gulbenkian de Bailado, a efectuar no Tivoli, nos dias 12 e 14, ás 18 e 30.

Alexis Rassine dançará com Paula Hinton, artista residente convidada, o bailado romantico «As Sílfides», coreografia de Fokine, sobre musica de Chopin, com um cenário segundo Corot.

O programa destes espectáculos inclui, ainda, a reposição de «Homenagem a Florbela», coreografia de Norman Dixon, sobre musica de Frank Martin e poemas de Florbela Espanca; e, em estreia mundial, uma coreografia de Walter Gore, intitulada «O Casamento», com musica de Jacques Ibert e figurinos segundo Degas.

1 Quando prepara os «ovos à minha moda», a Sr.ª D. Maria do Sameiro começa por escaldar as folhas de uma couve lombarda; depois pica-as e refoga-as com uma cebola e uma colher (sopa) de Vaqueiro. Ficam logo saborosas que é um regalo!

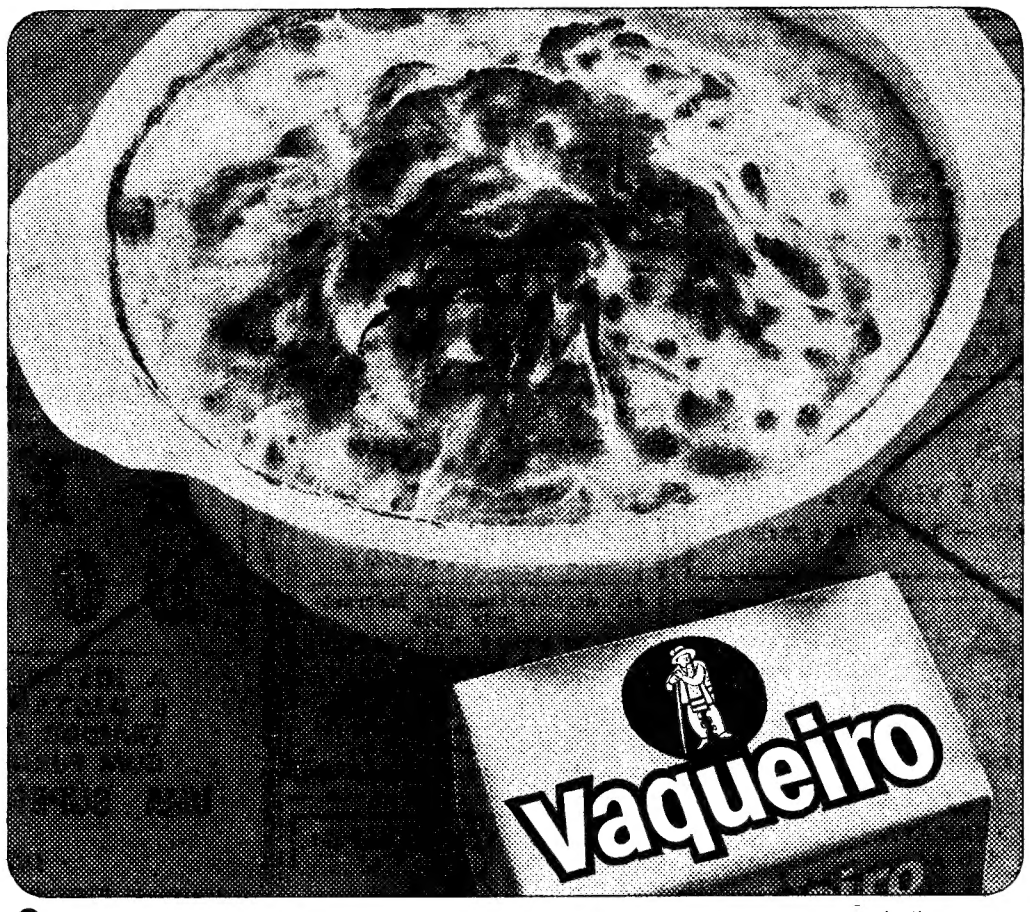


2 Em seguida corta 3 cebolas em rodelas e frita-as em 2 colheres (sopa) de Vaqueiro; polvilha com farinha, rega com 2,5 dl de leite e deixa ferver até obter um creme — tempera com sal, pimenta, noz moscada e sumo de limão.

3 Coloca depois num tabuleiro metade da porção das couves, e, por cima, 4 ovos cozidos cortados às rodelas e um pouco de creme.

AVaqueiro dá ao refogado um paladar tão apuradinho!...

A Sr.ª D. Maria do Sameiro Araújo Leão, de Amares, é uma dona de casa especialista em boa cozinha.



4 Tapa por fim com as couves que restam e rega com mais creme — polvilha com pão ralado e leva ao forno a alourar. Fica um prato delicioso!

VAQUEIRO TORNA TUDO MAIS APETITOSO

FIMA 66-VA 67

ARDOR?

ALÍVIO RÁPIDO

com DIGESTIF

RENNIE

Digestif RENNIE, de uma maneira suave e agradável, rápida e eficientemente, neutraliza o excesso de ácido clorídrico que causa dores de estômago, ardores e indisposição.
Digestif RENNIE é um composto moderno e científico de sais de cálcio e de magnésio.
Basta deixar que as pastilhas Digestif RENNIE se dissolvam lentamente na boca. Traga sempre consigo algumas Digestif RENNIE.
Sem necessidade de receita médica, pode obtê-las em qualquer farmácia.

N.B. Procure o seu médico se sentir dores mais fortes e prolongadas.

DIGESTIF RENNIE

UM PRODUTO NICHOLAS

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

SEDE–LISBOA

CAPITAL E RESERVAS 413.000.000$00

COMO INÍCIO DA EXPANSÃO PROGRAMADA PARA O ULTRAMAR COMEÇOU A FUNCIONAR NO DIA 1 DO CORRENTE EM

LOURENÇO MARQUES

UMA FILIAL, O QUE FACILITARÁ AS OPERAÇÕES DOS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES COM A PROVÍNCIA DE

MOÇAMBIQUE

DIVERSÕES — TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

(Continuação da 6.ª página)

para crianças «A Menina da Gruta e a sua Varinha», de Lília da Fonseca. O próximo espectáculo efectuar-se-á no sábado, pelas 16 horas, e irá, como os anteriores, entusiasmar os pequenos espectadores que, nos intervalos, têm, ainda, a possibilidade de brincar ao sol e ao ar livre, no vasto recinto em que está situado o teatro de Entrecampos. A peça, realizada de acordo com os modernos princípios educativos e interpretada por três dezenas de fantoches, está classificada para maiores de 4 anos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Matrimónio à italiana» no Império

«Não é cinema novo nem cinema velho — é bom cinema, do melhor!» — eis uma síntese do filme «Matrimónio á italiana», ontem estreado no Império, que perfilhamos inteiramente.

O publico sabia que se tratava de um filme extraordinário. Só assim se compreende que, numa noite em que devido a um grande acontecimento desportivo, as casas de espectáculos estiveram praticamente desertas, a sala da Alameda tivesse registado quase uma enchente. E raras vezes o publico terá saido tão satisfeito de um cinema. A juntar aos muitos prémios que já obteve em Itália, Rússia e Estados Unidos, «Matrimónio á italiana» alcançou ontem outro, singelo mas sincero: os aplausos espontaneos do publico de Lisboa.

Numca Sophia Loren nos impressionou tanto como neste filme. Nunca a vimos tão bela, tão fresca, tão segura. Será muito difícil ser mais convincente perante as camaras. Marcello Mastroiani dá boa réplica, e assim os dois dão um vigor poderoso ao problema humano da peça de De Fellipo («Filomena Marturano»). O operador Roberto Girardi obteve belos enquadramentos, colocou-se sempre, pode dizer-se, no melhor ângulo; o guarda-roupa, a musica e a montagem concorrem de igual modo para a excelência desta película rodada em belas cores, que Vittorio de Sica dirigiu com visão de mestre. Arte e realismo conjugaram-se perfeitamente, e daí resultou uma obra cinematográfica de palpitante interesse, técnica e artísticamente difícil de superar — um espectáculo verdadeiramente excepcional.

O programa ontem estreado no Império agradou sobremaneira a um publico escolhido, que aplaudiu sem reservas. Não só «Matrimónio á italiana» ouviu palmas: estas também premiaram dois interessantes documentários portugueses — «Num mar de molico», a preto e branco, de Alfredo Fortes, com locução do nosso camarada de redacção dr. Francisco Assis Pacheco, e «A embalagem de vidro», colorido, do género vanguarda. — Visor 55.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Avis e no Odeon

Título — «A voz do sangue».
Produção — Portuguesa.
Realização — Augusto Fraga.
Intérpretes — Virgílio Teixeira, Carmen Mendes, Heitor Gomes Teixeira e Miguel Nunes.
Género — Dramático.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Normal, preto e branco.
Classificação — 12 anos.

No Coliseu

Título — «A espada do herói».
Produção — Italo-francesa.
Intérpretes — Gordon Scott, Alberto Lupo e Pierre Cressoy.
Género — Reconstituição histórica.
Distribuição — Internacional Filmes.
Processo — «Scope Color»
Classificação — 12 anos.

EMISSORA NACIONAL DE RADIODIFUSÃO

VIOLAS PARA A ORQUESTRA SINFÓNICA

CONCURSO DE ADMISSÃO

Até ao próximo dia 25 de Março está aberta a inscrição de candidatos ao concurso de admissão a lugares de viola do quadro efectivo da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional a que poderão concorrer indivíduos nas seguintes condições:

1 — Terem nacionalidade portuguesa, salvo se já prestarem serviço, nesta data, nas Orquestras da Emissora Nacional;
2 — Terem menos de 40 anos e não completarem aquela idade até 31 de Dezembro do corrente ano, salvo se já prestarem serviço, nesta data, nas Orquestras da Emissora Nacional.

As provas eliminatórias, a realizar em data e local a fixar oportunamente, onostarão de:

a) — Execução do «Arioso et Allegro de concert» de Stan Golestan;
b) — Execução de uma peça á escolha do concorrente, com a duração máxima de quinze minutos;
c) — Prova de leitura á primeira vista.

Os concorrentes aprovados nas referidas provas serão submetidos a estágio remunerado durante seis meses. Findos os estágios, será elaborada a lista de clasificações em mérito relativo.

Os requerimentos de admissão a concurso são dirigidos ao Presidente da Direcção da Emissora Nacional, e devem conter os seguintes elementos:

a) — Nome completo, filiação, naturalidade, data do nascimento, estado, morada, numero e data do bilhete de identidade e Arquivo que o passou;
b) — Habilitações literárias e musicais que possuam;
c) — Indicação, se for caso disso, de prestarem serviço em qualquer das Orquestras da Emissora Nacional, nesta data,

Os requerimentos devem dar entrada na Repartição dos Serviços Gerais — Secção de Pessoal — Rua Alexandre Herculano, 42-A — em Lisboa, até às 17.00 horas do próximo dia 25 de Março.

Emissora Nacional de Radiodifusão, em 9 de Março de 1966.

SERVIÇOS GERAIS
O Chefe da Repartição
ALBERTO REPRESAS

20/159 A.J

os 4 portas, 1600 c.c.

mais acessíveis

VAUXHALL **101 S** e **VX 4/90**

COM TRAVÕES DE DISCO SERVO ASSISTIDOS
4 VELOCIDADES, PNEUS DE FAIXA BRANCA
MOTOR E ACABAMENTOS ESPECIAIS NO 'VX'

LICAR

CONCESSIONÁRIOS DA GENERAL MOTORS
AV. CASAL RIBEIRO, 48 A e C
TEL. 537122/4 • LISBOA

FOTOGRAMAS

Assinado por Vittorio de Sica (o realizador desta semana) estreia-se esta noite no IMPÉRIO, um dos filmes mais esperados da presente temporada: «Matrimónio à Italiana». Um filme de Vittorio de Sica é sempre motivo de regozijo para o nosso publico, que tem acompanhado com o maior interesse a espantosa carreira do grande realizador italiano. Mas, desta vez, «Matrimónio à Italiana» ainda tem outro aliciante: pela primeira vez, em Portugal, Sophia Loren e Marcello Mastroiani aparecem juntos no mesmo filme

O cinema português já nos habituou a uma regularidade de presença nas salas de espectáculos, graças á arrojada iniciativa e dinamismo de um reduzido grupo de produtores. E o ODEON e o AVIZ apresentam amanhã mais uma prova desta luta tão ingrata, que tem sido fazer cinema em Portugal: «A Voz do Sangue». Dirigido por Augusto Fraga (um nome que dispensa comentários e apresentações), e totalmente rodado em Africa, «A Voz do Sangue» é a prova mais evidente de que o cinema nacional não está parado. E o publico aguarda a próxima estreia do ODEON e do AVIZ, com justificada ansiedade

«Os Longos Dias de Junho», que se estreia simultaneamente no CONDES e no MONUMENTAL, é daqueles filmes cujo êxito está garantido á partida. Uma história de guerra, que tem por cenário a retirada em Dunquerque, e um «naipe» de actores, do melhor que há em França: Jean-Paul Belmondo, François Périer, Marie Dubois, Pierre Mondy e, a já célebre Catherine Spaak. Assinado por Henri Verneuil, «Os Longos Dias de Junho» é a odisseia dos soldados franceses numa das fases mais negras que a França atravessou na II Guerra Mundial

Anuncia-se para amanhã no Mundial a estreia do novo filme de Vittorio Gassman: «Slalow». O magnifico actor italiano interpreta nesta comédia o papel de um desportista, que nas belas paragens da neve vive as sensacionais peripécias deste grandioso «Slalow»

os filmes de EXITO da semana

A OS olhos curiosos do espectador lisboeta vai apresentar-se um novo filme nacional: «A Voz do Sangue». O realizador Augusto Fraga foi, desta vez, á África Portuguesa para a concretização da sua nova obra cinematográfica.

Por outro lado, e trilhando outros caminhos, o jovem cineasta António Macedo promete a estreia de «Domingo à Tarde», baseado na obra de Fernando Namora. Assim vai o ano de 1966...

O cinema nacional, numa luta desesperada de sobrevivência, marca novas posições com dois homens, dois estilos e dois compromissos. Que cada um saiba assumir as responsabilidades das obras assinadas; que cada um, perante um publico e uma crítica atenta, possa responder de consciência afoita á prometida continuidade do cinema português.

Mesmo que, do esforço e dos capitais dispendidos, não saiam obras apuradas e de qualidade absoluta, ao menos que se progrida no conteúdo da narrativa e na seriedade dos temas.

F L A S H E S

Dentro da linha de longas-metragens documentais «New York Há Só Uma», um filme de Jean Domingue Gaisseau, mostra-nos as misérias e as grandezas duma metrópole onde oito milhões de pessoas trabalham, vivem e morrem da forma mais insólita.

«Only One New York» que faz parte da programação do Estudio, leva-nos até ao seio das famílias dos presidentes mortos, aos lugares dos mais estranhos rituais, aos divertimentos insólitos de um povo que quer viver depressa, aos bairros ricos e pobres, enfim, a todos os lugares e manifestações que revelem um mundo diferente dos nova-iorquinos.

*

Sophia Loren (vedeta de «Matrimónio à Italiana»), George Peppard, Trevor Howard, Lili Palmer, John Mills e Tom Courtenay encabeçam o fabuloso enlenco de «Operação V2», um filme em 70 mm que o Império exibirá, em breve, no seu écran gigante.

«Operação V2» mostra toda a odisseia dum grupo de ingleses e americanos para sabotar as fábricas de foguetões de Hitler.

*

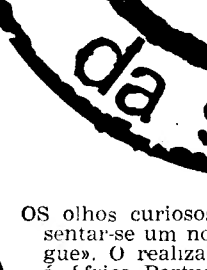
A curta-metragem «Um Mar de Moliço» de Alfredo Tropa, em que colaborou Fernando Lopes, faz parte da programação de «Matrimónio à Italiana», em exibição no Império.

*

O célebre par de «Crime» — Alberto Sordi e Silvana Mangano — estarão brevemente entre nós, em mais uma produção do famoso Dino de Laurentis. Desta vez é uma série de histórias (dirigidas pelos mais famosos realizadores da Itália) intituladas «A Minha Senhora», onde os dons excepcionais de histrionismo do talentoso Sordi vão fazer furor. A estreia está marcada para o Roma.

*

A nova produção portuguesa «A Abelha na Chuva» parece encontrar agora a sua oportunidade... Carlos de Oliveira (o autor) e Fernando Lopes (o realizador) estão em perfeito acordo. Baptista Rosa (o produtor) pronunciou a palavra mágica: «acção!» A promessa vai ser realidade.



O REALIZADOR DA SEMANA

Vittorio de Sica preenche um lugar cimeiro entre os realizadores de todo o mundo. E julgamos que nada é mais justo para premiar uma total entrega a uma arte tão sujeita a condicionalismos como é o cinema.

De Sica foi durante muitos anos o galã romantico das comédias italianas até ao dia em que decidiu dirigir em vez de ser dirigido. E o primeiro filme de que a crítica se deu conta, chamava-se «I bambini ci guardano» (1942). Mas a celebridade vem em 1946 com o já clássico «Sciuscia». E a consagração mundial acontece dois anos depois com «Ladrões de Bicicletas». De Sica era agora o «leader» da escola neo-realista italiana, que tanto contribuiu para a evolução do cinema do pós-guerra no mundo inteiro.

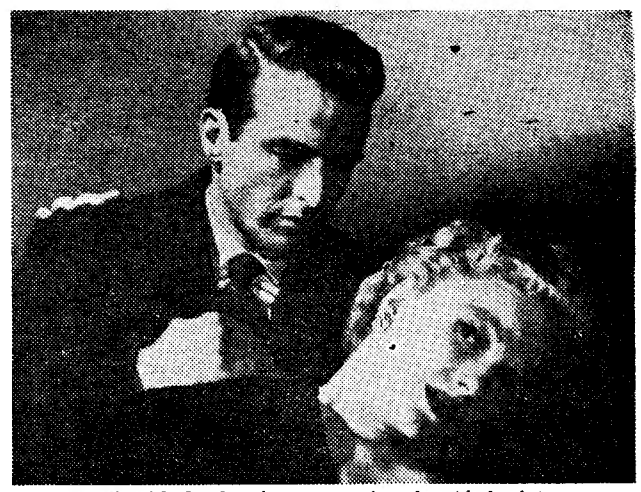
Vêm depois obras enesquecíveis, como «O Milagre de Milão», «Ouro de Nápoles», «Duas Mulheres», «O Juizo Final», e tantos outros, para terminar em «Matrimónio á Italiana» (que hoje se estreia no Império), que vem demonstrar que o talento e a visão realista que De Sica tem da actual sociedade, nada perdeu com os anos.

FOTOGRAMAS

O êxito de «Música no Coração», agora em 3.º mês de exibições no TIVOLI, é incontestável. O filme que conquistou definitivamente o nosso publico (tal como já tinha acontecido em todos os paises onde se exibiu), é uma daquelas obras que comunica com a plateia logo a partir da primeira imagem. É certo que cabe a Julie Andrews a maior percentagem desse fenómeno, mas não podemos esquecer um grupo de jovens (verdadeiramente fabulosos), uma Austria paradisiaca e a musica incomparável de Rodgers e Hammerstein

O EDEN anuncia a 3.ª semana da magnífica comédia francesa «O Oportunista» (Le Cerniaud), interpretada por Bouvril e Louis de Funès. Este grande êxito, paralelo ao de Paris (mais de um milhão de espectadores em Janeiro) vem confirmar que estamos actualizados em matéria de cinema. «O Oportunista» é, de resto, um caso invulgar: raro o espectador que não volta á sala do EDEN para ver novamente a original comédia

Um anuncio de jornal informava-nos há dias que 125 mil pessoas já tinham visto no POLITEAMA o novo filme de Mario Moreno: «Cantinflas, o Bom Pastor». As dez semanas de enchentes (quase três meses!...) Significam bem a popularidade do grande cómico mexicano e a irresistível história em que se vê metido. «O Bom Pastor», que por compromissos de programação será retirado próximamente, é mesmo um filme recomendável



A continuidade do cinema nacional está á vista... **No ESTÚDIO continua a exibir-se com enorme êxito o filme do mestre de «suspense», Alfred Hitchcock, Confesso». Anne Baxter, Montgomery Clift e Karl Malden são as estrelas deste festival de representação que se exibe em 3.ª semana na mais escolhida sala da capital. O ESTÚDIO continua, assim, a série de «suspense» que tem vindo a apresentar, no melhor dos ritmos...**

ELES
SABEM
O
SEGREDO...

da
PURA LÃ VIRGEM

Tão distinta
e sóbria
como ELES
é a PURA LÃ VIRGEM,
natural, elástica,
e confortável,
sempre enriquecida pelo
progresso constante da técnica.
A lã tem ainda o privilégio
da suavidade
e do requinte
para servir a moda,
a elegância e a juventude.

natural leve inimitável

PURA LÃ VIRGEM

PURA LÃ
VIRGEM

EXITO 1

SECRETARIADO INTERNACIONAL DA LÃ

Nada mudou em «sir» Malcolm Sargent

que aos setenta anos continua a ser o embaixador musical da Grã-Bretanha

LONDRES (*De Ernest Bradbury, do «The Yorkshire Post»*) — Aos 70 anos, «sir» Malcolm Sargent continua firme como legítimo embaixador musical, que leva a herança britanica a todos os cantos do mundo E de sua energia é prova o facto de, tal como aconteceu quando fez 60 anos, haver decidido comemorar seu 70.º aniversário, há alguns meses, trabalhando — dirigindo no Royal Albert Hall um concerto no qual coristas de Leeds e Huddersfield fortaleceram as fileiras da Royal Choral Society, contando ele, assim, com o apoio de seus três principais coros na Grã-Bretanha.

O mesmo, no estilo e na aparência

O 70.º aniversário de «sir» Malcolm nada teve de fenomenal, quanto ao facto puro de ser o de um regente no activo. Já vimos Toscanini e Pierre Monteux, em grandes apresentações, aos 90 anos. Beecham continuava trabalhando, sem perda de vigor mental, aos 80. Os regentes, talvez pela própria natureza de seu trabalho, que implica certa aptidão física, assim como mental, parecem, frequentemente, destinados á longevidade.

Sargent, no entanto, é um caso singular, pois é o unico regente que conhecemos e do qual podemos dizer, com verdade, que 30— ou até 40 — anos não alteraram, de modo algum, nem o seu estilo, nem a sua aparência.

Cabelo preto e sedoso

«Sir» Malcolm não está nem mais gordo nem mais magro. Aquele corpo viril, esguio, parecendo mais alto do que é, continua ágil como dantes. O seu cabelo mantém-se preto e sedoso como sempre. A sua fisionomia sem gordura, vincada, firmemente atenta mesmo quando em repouso, e aqueles olhos negros, penetrantes — nada mudou.

Mas, acima de tudo, há nele os gestos amplos, dinamicos, na regência; aquele vigor, aquela energia que assombram assistências e levam os musicos a uma completa aceitação de sua autoridade Com Sargent, o comandante é, ás vezes, mais evidente que o artista. Há algo de demoniaco na sua influência

Portanto, as actuações de Sargent figuram entre as mais eficientes em criação. Ele é completo absolutamente seguro — e esse superprofissionalismo estende-se até ao modo como uma execução é apresentada. Já vi Sargent classificado de «showman». Mas o sarcasmo intencional é literalmente verdadeiro, e um cumprimento, pois sem o homem Sargent não poderia haver tal «show», e a dignidade da musica seria bem fraca.

Vi outros regentes, sem o génio de Sargent, tentar imitar suas qualidades de «superfície» — com resultados desastrosos. Os dons do homem erguem-se ou caem juntos no todo do homem. Não podem ser separados e surripiados por impostores.

Tradicionalista

Mas Sargent não é um demónio. Em repouso e um dos homens mais fascinantes, atenciosos e espirituosos. Não é apenas um brilhante conservador: é — mais raro — um bom ouvinte Mas, como muitos de nós, detesta ser importunado Embora cristão, acho que não suporta tolos

A sua mente nunca se afasta dos deveres A energia mental está sempre em acção. O jovem que, em 1921, impressionou uma difícil orquestra londrina com seu poder natural de regência (havia ido apresentar as suas «Impressions of a Windy Day», num concerto ao ar livre), tem, durante toda a sua vida, formulado para si mesmo problemas mentais e enigmas, pelo puro prazer de resolvê-los.

Os 70 anos de Sargent não foram apenas de glórias e êxitos. Ele conheceu o amargor do lado mais negro da vida: séria enfermidade, com toda a sua carreira, e mesmo a sua vida, em perigo; aflições, muita tristeza Tem coragem e por trás de tudo, um espirito confiante na suprema correcção das coisas, qualidades que brilham nas suas actuações mais pessoais, em obras espirituais como «Messiah», de Handel, ou «The Dream of Gerontius», de Elgar.

Inevitàvelmente, em 70 anos, muita coisa muda — e, na nossa época, muitas coisas têm mudado com bastante rapidez, na musica como em todos os outros aspectos da vida. Como todos os homens de fama, Sargent é, inevitavelmente, filho de sua época Assim, ao permanecer fiel á sua própria visão das coisas, ele descobriu-se a si mesmo como um tradicionalista num período iconoclástico.

O «Messiah» de Handel é um bom exemplo disso Nem daqui por cem anos alguém discutiria a correcção do tipo de apresentação que Sargent oferece. Mas hoje em dia a tendência (já fixada) é no sentido da ortodoxia instrumental, correcção vocal (por exemplo, na questão da ornamentação), o tipo de autenticidade que — a erudição nos assegura — o próprio compositor aprovaria.

Retoques e sinceridade

A rápida resposta de Sargent a isso é a de que, desde que o compositor não viveu na nossa época, ninguém pode dizer o que ele aprovaria agora. É um problema difícil e complexo, e dá motivo para muita conversa e discussão, com grande ênfase na palavra «se». Afinal, se Handel vivesse hoje, seria bem pouco provável que viajasse pelo Continente de diligência.

Bach, com certeza, ficaria electrizado com o som da orquestra moderna. Por outro lado, não retocamos velhas obras de arte para adaptá-las ao pensamento e ideias modernas.

(ou fazemo-lo? Que dizer de Shakespeare?).

Diante de todas essas modificações, Sargent mantém a cabeça (e seus próprios princípios) bem acima da linha de água. Gosta da luta, e pode entrar numa divertidamente, embora aos seus punhos não falte potência. As suas actuações são apreciadas, porém, principalmente por causa das qualidades mencionadas acima: a sua extrema eficiência — indiscutìvelmente, o maior serviço prestado a qualquer compositor — e a sinceridade da convicção que a apoia.

MALCOLM SARGENT

A III Semana de Engenharia Civil prosseguiu com uma conferência pelo eng.º Manuel Rocha

No salão nobre do Instituto Superior Técnico, o eng.º Manuel Rocha, director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, proferiu hoje uma conferência integrada no programa da III Semana de Engenharia Civil, que tem estado a decorrer com muito interesse.

Assistiram o director do I. S. T., professores, engenheiros, tecnicos e estudantes. O eng.º Manuel Rocha falou sobre «A mecanica das rochas e a sua aplicação ao estudo das fundações de barragens», um tema de muita actualidade que ilustrou com exemplos colhidos ao longo da vasta e proficiente experiência do organismo que dirige, o qual tem desempenhado um papel muito importante em estudos e ensaios de barragens tanto portuguesas como estrangeiras. O trabalho foi seguido com muito interesse.

À tarde, o eng.º Jorge Seixas proferiu uma palestra, no anfiteatro do Instituto Superior Técnico, sobre «Equipamento para terraplenagem e suas aplicações», fazendo-a acompanhar de elucidativas projecções.

A III Semana de Engenharia Civil prossegue amanhã, com uma conferência pelo eng.º Luís Gomes Fernandes, director dos Serviços Técnicos da Hidroeléctrica do Cávado, e uma palestra pelo eng.º Manuel Bignolas sobre aspectos da pré-fabricação.

Supremo Tribunal Militar

Pelo sr. ministro da Defesa Nacional, mediante proposta do sr. general presidente do Supremo Tribunal Militar, foi louvado o juiz conselheiro, sr. dr. Francisco António Lopes Moreira, porque, durante mais de seis anos, desempenhou as funções de vogal relator do Supremo Tribunal Militar com inexcedível aprumo e a maior competência profissional.

Os trabalhos da Assembleia Nacional

A Assembleia Nacional concluiu na sua reunião de hoje, a que preside o sr. prof. Mario de Figueiredo, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Mário Bento, o debate do aviso-prévio sobre a política habitacional das classes económicamente debeis do Ultramar.

O período de antes da ordem do dia é inteiramente dedicado ás comemorações do 40.º aniversário do movimento de 28 de Maio, estando inscritos para usar da palavra os deputados srs. drs. Castro Fernandes, Gonçalo Mesquitela e Júlio Evangelista e coronel Sousa Rosal.

No debate sobre a política habitacional no Ultramar, usam da palavra o sr. comandante Gabriel Teixeira e o autor do aviso-prévio, sr. dr. Henriques Nazaré, que encerrará a discussão e apresentará uma moção no sentido de se fomentar a habitação económica nas provincias ultramarinas.

Na moção a submeter á aprovação da Assembleia, a qual é subscrita, tambem, por outros deputados, louva-se os esforços já feitos pelo Governo Central e pelos Governos provinciais, mas considera-se que as medidas até agora tomadas são insuficientes e não resolveram ainda as necessidades das populações ultramarinas, de fracos recursos, em matéria de habitação.

Assim, reconhece-se a necessidade de resolução imediata do problema e de cooperação de técnicos que tenham ampla capacidade realizadora, chamando-se ainda a atenção para o facto de ser indispensável neutralizar os entraves burocráticos, capazes de impedir a rápida execução dos projectos.

Uma estátua (reprodução da à cidade do Rio vai ser er

A cidade do Porto vai ter um segunda estátua equestre. Será a d rei D João VI, reprodução da qu Portugal ofereceu ao Rio de Jane ro no centenário da sua fundação que foi inaugurada no ano passad na grande cidade.

A estátua de D João VI foi m delada pelo estatuário prof. Barat Feio, no seu «atelier» do Porto, jun to á Escola Superior de Belas-Arte onde é mestre acatado. Fundida em Gaia, embarcou depois para o Bra sil.

A Câmara Municipal do Port pensou depois que, modelada n Porto, fundida em Gaia, bem pod ria ser erguida essa estátua numa praça da Cidade Invicta. E encon tra-se actualmente uma fundição de Gaia a trabalhar de novo, va zando a estátua em bronze para o Porto render homenagem ao Re Clemente. Curioso é notar que as duas estátuas equestres do Porto são as de filho e pai, já que na Praça Nova se encontra a de D. Pe dro IV, o que se bateu nos muros

Faltou a energia eléctrica (durante quase uma hora) *no Bairro Alto*

Devido a uma avaria num cabo de alta tensão, que se verificou esta manhã, ás 10 e 34, toda a zona do Bairro Alto ficou privada do fornecimento de energia eléctrica. Cerca das 11 e 26 — ou seja cinquenta e dois minutos depois — foi restabelecido, parcialmente, o fornecimento.

O Hospital do Ultramar visto através da TV

No prosseguimento dos programas dedicados a assuntos ultramarinos, a R. T. P. transmite hoje, ás 20 e 30 um documentário sobre o Hospital do Ultramar. Este modelar estabelecimento de saude será, assim visto hoje na televisão, numa sequencia de imagens colhidas no decorrer do funcionamento dos serviços, bem significativas da sua acção que se desenvolve num vasto campo da assistência médica e cirurgica, que não se limita á especialidade das doenças tropicais

PRÉDIO

AO LUMIAR

FACILITA O PAGAMENTO A JURO BAIXO. Construção e acabamentos de 1.ª, composto de 17 inq., 3 casas soalhadas por hab. Todas as comodidades modernas. Rende 194.000$00 aprox. Preço 2.900 contos. «A CONFIDENTE», Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6.

ZEBÚ

PRÉDIO

À BOA-HORA

Revestido a marmorite, entrada em mármore, composto de 11 inq., 3 casas soalhadas por hab. Todos os req. modernos. Rende 157.200$00. Preço 2.300 contos. «A CONFIDENTE», Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6.

SENSACIONAL!...

CASACOS DE ANTÍLOPE E DE CABEDAL, SOBRETUDOS, TAILLEURS E TODO O GÉNERO DE VESTUÁRIO EM PELE PARA AMBOS OS SEXOS
Distintos, indeformáveis, levíssimos e de delicioso conforto. Preços de fábrica. A pronto ou a prestações sem aumento de preço COM UM MÍNIMO DE FORMALIDADES, SEM FIADOR e ainda desconto aos sócios do A. C. de Portugal (excepto saldos)

CASACOS DE ANTÍLOPE PARA SENHORA

Compridos	1.200$00
Curtos	780$00

CASACOS DE CABEDAL PARA SENHORA

Compridos	950$00
Curtos	680$00

PARA HOMEM

Antílope	1.150$00
Cabedal	980$00

UM RECLAME SÓ POSSÍVEL DA CASA QUE POSSUI O MAIOR SORTIDO DO PAÍS

O REI DAS PELES

LISBOA — R. DA ASSUNÇÃO, 88, 3.º

PORTO — R. ST.ª CATARINA, 388, 2.º

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A Ourivesaria da GUIA

EM QUASE 100 ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 43
(Edifício do Hotel Mundial)

NA SAPATARIA

ZEBÚ

NÃO PAGA LUXO...
PAGA SÓ QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 51

de D. João VI

que foi oferecida de Janeiro)

guida no Porto

para firmar o Liberalismo em Portugal.

A estátua de D. João VI ficará na rotunda do Castelo do Queijo, onde decorreram muitos episódios das lutas civis e que foi um dos pontos nevrálgicos do Cerco. Está presentemente a trabalhar no arranjo urbanístico do local o prof. Carlos Ramos, director da E. S. B. A. P., de quem é também o pedestal da estátua. Esta deve ser inaugurada provàvelmente num dos meses de Verão. O pedestal está a ser trabalhado na Cooperativa dos Pedreiros.

O «Diário do Governo» insere hoje uma portaria do ministro das Obras Públicas concedendo, pelo Fundo do Desemprego, á Câmara Municipal do Porto 500 contos de comparticipação nos encargos resultantes da execução da estátua.

Anote-se também que Lisboa vai ter a estátua do Condestável, modelada por mestre Leopoldo de Almeida, a inaugurar ainda este ano. É a primeira vez que duas estátuas equestres são fundidas no mesmo ano. Chegarão elas a juntar-se na mesma fundição? A do Condestável, como noticiámos, vai a concurso no próximo dia 21.

A estátua equestre de D. João VI que foi oferecida á cidade do Rio de Janeiro. A do Porto será vasada no mesmo molde

SETE ALUNAS

da Faculdade de Ciências vão pegar «touros» no Campo Pequeno

Veio o sol. Com ele chegou a vontade do ar livre. A gente nova, como a menos nova, espaneja-se por onde pode, e não admira, assim, que as praças de touros sejam um dos muitos locais preferidos dos espectáculos de ar livre. E' por isso que os redondéis têm registado desusada frequência de estudantes, desde o ano passado aderentes á moda da festa brava académica, lançada ultimamente entre nós.

Antigamente, eram duas ou três Faculdades que vagamente se entretinham a brincar ás touradas. Agora, são muitas mais, além dos liceus, que também aderiram .. *á brava*.

Em domingos anteriores, no Campo Pequeno, entraram na praça, a meio da festa, formosas estudantes, de enorme cravo vermelho pespegado no cabelo. Aproximaram-se do lugar da barreira onde estava o reitor, tiraram os cravos da cabeça, fizeram uma vénia da praxe toureira, oferecendo a pega que a seguir iam fazer. Tocaram, fanhosas, cornetas. Fez-se silêncio. Abriram-se as portas do curro. Assustada, uma bezerra de mama entrou na praça. Ouviram-se «olés». As raparigas de Medicina correram para o animal. Este, vendo o caso mal parado, fugiu a bom fugir, á frente das «forcadas» pegadoras. Uma delas apanhou a ponta do rabo da vaquinha, que mugiu. A *malta* gritou entusiasmada «Olé!». A bezerra tropeçou e caiu. Em cima dela caíram, também as *valentes* pegadoras. Na bancada, a rapaziada ria a bom rir aplaudindo a destreza das raparigas e da vaca, que mostrou ter excelentes patas para fugir. Os aficionados, para quem a festa brava é um espectáculo de arte, revoltaram-se, gritando.

— Isto aqui não é para rir. Os touros não são p'ra gente se distrair.

Mas como aquilo não eram mesmo touros e o que os estudantes queriam era palhaçada, ninguém notou. E a festa acabou em bem.

Mas temos já outra na forja. De novo, no domingo, a meio da tarde, no Campo Pequeno.

grande, a apresentação do grupo feminino de forcados. São sete, algumas delas lindas raparigas, outras menos belas mas igualmente todas muito corajosas. Desde a «caba» Maria Isabel Peneque, passando pelas suas colegas Ana Maria Braga, Maria Isabel Santinho, Maria do Rosário Domingues, Maria do Rosário Palmeiro, Graciette Palma e Luísa Salgado, todas prometem grandes proezas. Prometem, sobretudo, não fugir e não ter medo.

Os homens, na bancada, nem precisam de ter pena das pequenas, temendo que os bezerros as derrubem.

Na arena estará também o grupo de forcados masculino com o Carlos Queifão, José Parrança, José Mendes, Manuel Gonçalves, Luís Borges F. Borges, Luís Nunes, Vicente Alfacinha, Manuel da Silva, Nicolau Amaral, Luís Rodrigues e Rui Portugal, que ficarão atentos ás diabruras das bezerras.

Como os estudantes de Ciências querem levar a coisa a sério a *corrida* de domingo tem também a *abrilhantá-la* os cavaleiros José Sommer d'Andrade e Vítor Ribeiro, não lhe faltando sequer os *espadas* José Pisco e António Calado. Bandarilheiros há também alguns, como o Pedro Matos Neves, Manuel Freire, Guilherme Chitas e Inácio Neves.

Vai ser, como tudo indica, uma brava festa. Se houver sol, com tudo quanto atrás se disse, a beleza das raparigas a alegria e garbo dos rapazes, os gritos, as vaias, os «olés» e as fatiotas a preceito, no meio da assistência, que vai para os touros com uma indumentária própria, será um domingo bem passado.

«Não se recomenda — dizem os alunos de Ciências na sua publicidade — este espectáculo a pessoas que sofram de cieiro ou que por qualquer outro motivo tenham os lábios gretados». Eles lá sabem!!!

Perante o cartaz afixado numa das paredes da Associação Académica esta estudante parece perguntar: «Vou ou não vou?»

● **Touros e Ciências**

Essa será a garraiada dos estudantes da Faculdade de Ciências. Destaca-se, de novo, como número

TRIBUNAIS

Julgamento no Plenário

No Plenário Criminal Auxiliar da Boa Hora, sob a presidência do sr. desembargador Correia Barreto, sendo delegado do Ministério Público o sr. dr. Costa Saraiva, começou esta tarde o julgamento dos srs. Indalécio Soares Felicíssimo, de 46 anos, casado, guarda-fios; Custódio Lucas Antão, de 45, trabalhador, casado; José Paulino de Barca, de 40, trabalhador rural; António de Jesus Paulo, de 41, casado, tractorista; Manuel Luís Dimas, de 34, casado, com a mesma profissão; Virgílio Sobral da Cruz, de 33, empregado camarário, casado; Paulo Cândido Pinto, de 39, casado, tractorista; Joaquim Granja, de 48, solteiro, trabalhador; e Luís João Merca, de 55, sapateiro, solteiro. Foram todos incriminados por actividades subversivas na região de Alcácer do Sal.

Segundo o processo, eram todos componentes do Partido Comunista Português; e o Ministério Público afirma que distribuiram imprensa clandestina e assistiram a várias reuniões partidárias. Teriam incitado, ou fomentaram, entre os camponeses, daquela região, greves, concentrações de massas populares, faltas ao trabalho, o abandono colectivo do mesmo, com o fundamento nas reivindicações das oito horas de trabalho, melhorias de salários, etc. Usavam vários pseudónimos para se ocultarem ás autoridades. Entraram para o partido nos anos de 1959, 1961, 1962 e 1963.

Existia um «contrôle» em Alcácer do Sal e nas margens direita e esquerda do Rio Sado.

O acusador público salienta que, de 1963 até o ano seguinte, o primeiro dos arguidos recebera, de noite, naquela vila, uma caixa com cem detonadores metálicos, destinados, como ele sabia, á perpetração de crimes contra a segurança do Estado. Para não os deter muito tempo em seu poder, transportou-os para a residência de sua madrinha, sem dizer do que se tratava.

Na discussão deste pleito figuram quatro declarantes, duas testemunhas de acusação, e nove de defesa. São patronos dos réus o sr. dr. António de Sousa e a sr.ª dr.ª D. Maria Lucília.

A audiência não termina hoje.

«MOTOR»

Saiu hoje mais um numero do magnífico semanário «Motor», uma publicação que se impõe a todos quantos se interessam por desportos motorizados e assuntos automobilísticos. Com uma larga reportagem sobre a Volta a Portugal em Automóvel, valorizada com entrevistas e apontamentos fotográficos, este numero, além das suas secções habituais, insere numeroso noticiário e artigos de Stirling Moss, eng.º R. Farinas de Almeida, Baptista dos Santos, António Madeira, dr.ª D. Susana Duarte Pedro, Franklin Barbosa e José António Marques.

Zsa Zsa Gabor casou-se pela quinta vez

HOLLYWOOD, 10 — (R.) — A estrela do Cinema Zsa Zsa Gabor, que, na quinta-feira passada, se divorciara, no México, do seu quarto marido, o industrial Herbert Hunter, casou-se ontem, com o industrial de petróleo texano Joshua S. Cosden, durante uma cerimónia privada, que se realizou na sua residência, em Hollywood.

CASINO ESTORIL

APRESENTA NUM EXCEPCIONAL «SHOW»

CLAUDE ROYAN

VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA

TORENO and GURO

ILUSÃO, MISTÉRIO E FANTASIA

HELENA TAVARES

POPULAR CANÇONETISTA PORTUGUESA

Ballet israelita «HAPAAMONIM»

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40$00. Todos os dias, jantar 80$00 (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

TODOS OS DOMINGOS «Matinée» às 17 horas
Chá completo 25$00 (Taxas e impostos não incluídos)

Os mesmos artistas actuam também todas as noites no
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(Maiores 17 anos)

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ZEBÚ

PRÉDIO

EM ALMADA

1.750 contos

Isento por 6 anos. Construção e acabamentos esmerados. Composto de 11 inq., 3 e 4 casas soalhadas por hab. Rende cerca de 123.000$00 aprox. «A CONFIDENTE», Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6.

Foi descoberta no Brasil mais uma rede de contrabando

RIO DE JANEIRO, 10 — (F. P.) — Acaba de ser descoberta, no Norte do Brasil, mais uma rede de contrabando de minerais radioactivos, soube-se de fonte próxima da Segurança Nacional. Foi em consequência da caça enérgica aos contrabandistas aberta pelas autoridades brasileiras desde que foi descoberta, na semana passada, uma importante organização para a exportação de minerais a que pertenciam cidadãos dos Estados Unidos que os agentes da Segurança Nacional conseguiram descobrir o segundo «gang». As autoridades recusam-se a indicar se as duas redes agem em ligação. Sabe-se, no entanto, que ambas dispunham de um certo numero de aviões e dispunham da cumplicidade de personalidades da Polícia e da Alfandega.

O general de Rio Grande Kruel, chefe da Segurança Nacional, anunciou que iam ser feitas em breve declarações surpreendentes acerca das personalidades brasileiras implicadas neste caso.

Barulho insuportável a altas horas no Cacém

Junto á estação dos C. T. T. desta localidade, existe um estabelecimento de venda de leite, onde a altas horas da noite são depositadas as grades de garrafas, para de madrugada serem retiradas pelos distribuidores, que as vendem ao domicílio. O barulho que o camião de grande tonelagem faz ao subir o passeio para encostar á porta do referido estabelecimento, o da descarga das grades, que são arrastadas pela caixa do veículo, é tão incomodativo, áquela hora, que impede aos moradores dos prédios mais próximos conciliar o sono.

Apesar das constantes reclamações dos moradores á autarquia local e á autoridade policial, o insólito procedimento mantém-se e não se vê possibilidade de qualquer solução.

Esta localidade, que presentemente conta perto de 15 000 habitantes, não pode, porém, estar á mercê de abusos desta e doutra natureza, pelo que compete a quem de direito pôr-lhe cobro urgentemente.

Mercês honoríficas

Foram condecorados com a medalha de mérito militar, de primeira, segunda e terceira classes, respectivamente, os seguintes oficiais franceses do Exército e da Armada, sr. general Pierre Delachenale, capitão-de-fragata André Calen e primeiro-tenente Jean Albaney.

— Os srs. contra-almirante Laurindo dos Santos, major Leandro Pereira Soveral e Alberto Gomes da Silva Barra foram agraciados, respectivamente, com a grã-cruz, distintivo branco da Ordem de Mérito Naval, de Espanha, e os graus de cavaleiro da Ordem de Mérito Militar e oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul, do Brasil.

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — Tel. 45587

Dr Abel Alves — Ouv., nariz e garganta, 14 h.
Dr Artur Fernandes — Doenç. olhos — 2.ª 4.ª e 6.ª ás 14 1/2; 3.ª e 5 ás 17 horas.
Dr. Armando Valle — Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias, 17 h.
Dr. Benard Guedes — Raios X, 16 h.
Dr E de Miranda Rodrigues—Doenças nerv mentais (2.ª 4.ª e 6.ª), 18 h.
Dr Formigal Luzes — Ag. Físicos, 5 h
Dr. Fernando Castro Amaro—Medicina geral 14 h
Dr. J. Junqueira Junior - Boca e dentes 17 h.
Dr Maia Mendonça — D. das crianças (2.ª 4.ª e 6.ª), 15 h.
Dr. Maria do Carmo Martinho — Clínica médica Doenças do coração Electrocardiogramas, 15 h.
Dr Souto Soares — Cirurgia geral ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h
Dr. Tito de Noronha — Doenças da pele e sífilis (2.ª 4.ª e 6.ª), ás 12 1/2
Dr. Xavier de Brito — Clínica médica, estômago, intestinos, fígado, ás 18 h

MORRIS J4

DIESEL E GASOLINA

Uma forma moderna e dinâmica com painéis especialmente concebidos para uma boa inserção publicitária.

Veículo versátil que se adapta a qualquer trabalho e que proporciona uma alta economia de consumo quer no serviço de multi-paragens quer no serviço de longas distâncias.

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L. Rua da Escola Politécnica, 39 — Lisboa
Rua de Sá da Bandeira, 501 — Porto

AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que no sábado, dia 12, efectuar-se-á novamente a automotora para serviço publico, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13-40 e chegada a Faro ás 18-55; a Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19-55; a Portimão ás 19-06 e a Lagos ás 19-32. O regresso efectua-se no domingo, dia 13, com partida do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19-35; de Faro ás 20-31; de Lagos ás 19-48 e de Portimão ás 20-13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) á 1-30 horas.

ORGANIZAÇÕES BETI, S.A.R.L.

Flamenga — LOURES

CONVOCATÓRIA

De harmonia com a lei e estatutos, ficam convocados os senhores accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 31 de Março, pelas onze horas, com a seguinte ordem do dia:

a) — Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas respeitantes ao exercício de 1965;
b) — Eleger os corpos gerentes para o triénio de 1966 a 1968;
c) — Discutir quaisquer outros assuntos de interesse para a sociedade.

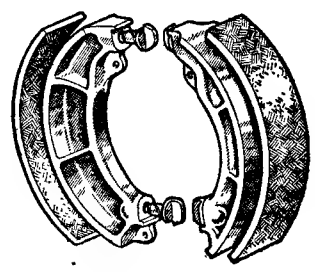
A reunião terá lugar na sede social, Quinta do Romão — Flamenga — Loures.

Flamenga, 8 de Março de 1966.

Pelo Presidente da Assembleia Geral,
a) Eng.º António Ferreira da Trindade Barbosa Correia

CALÇOS COLADOS MINTEX

MAXILAS PARA TROCA



NOVO TIPO DE CALÇO PARA
MERCEDES e FIAT

- TRAVAGEM MAIS EFICIENTE
- MAIS QUILOMETRAGEM
- SEGURANÇA ABSOLUTA

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
AUTO-LUSITANIA

COLAGENS, ORGANIZAÇÃO ESPECIALIZADA

COTAL

R. ARTILHARIA UM, 105-A E 105-B — TELEF. PPC. 683131 — LISBOA 1

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR

Veja os n/ preços carros a estrear ou impecáveis Av. João Crisóstomo, 89 Telefs. 50060/51047.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

CASAMENTO REAL

Estão em Amsterdam 900 jornalistas

(Continuação da 1.ª pagina)

via, no entanto, mais soldados e policias do que espectadores.

Não se registava aquela excitação alegre que costuma acompanhar um casamento real. Muito poucos holandeses aprovam sem reserva o casamento de hoje, embora as objecções não sejam contra von Amsberg mas sim contra a sua nacionalidade.

APELO A' TOLERANCIA

O primeiro-ministro fez esta manhã um discurso pela Rádio em que disse: «Além daqueles para quem hoje é dia de festa, há inumeras pessoas que, com toda a consciência e sinceridade, não se podem associar á festa sem, no entanto, desejar estragá-la. Ao fazer isto, essas pessoas dão mostras de uma das melhores qualidades do nosso povo — a tolerancia».

A POLICIA DESVIOU MANIFESTANTES DO PERCURSO DO CORTEJO

No trajecto de cinco minutos, do Palácio Real até á Camara Municipal, o coche da princesa foi calorosamente saudado pela multidão apinhada nas ruas.

Os noivos nada viram da manifestação, que foi desviada do percurso do cortejo pela Polícia, que se apresenta hoje na sua máxima força.

Os «vivas» mais calorosos foram para a rainha Juliana e o príncipe Bernardo e para as princesas irmãs de Beatriz.

O rei Constantino da Grécia e a rainha Ana Maria seguiam á frente dos convidados reais, na companhia do rei Balduíno e da rainha Fabíola.

As medidas de segurança intensivas impediram que estalassem manifestações ao longo do trajecto seguido pelo cortejo, mas uma peça de fogo de artifício foi lançada sobre os noivos á sua chegada ao município para o casamento civil. Os cavalos do coche empinaram-mas Beatriz e o noivo entraram imperturbáveis no município.

PALAVRAS DO BURGOMESTRE DIRIGIDAS AO NOIVO

Dirigindo-se ao noivo — que passa a chamar-se Claus van (com a) Amsberg, príncipe da Holanda — o burgomestre disse: «Tenho a certeza de que á medida que a nação vos conhecer melhor, crescerão o seu respeito e a sua confiança em vós e que vos tornareis não só num grande apoio para vossa mulher mas que também ocupareis um lugar importante entre nós».

O burgomestre afirmou que a actual família reinante tinha dado á monarquia um conteudo aceitável para as gerações mais velhas — sendo lamentável que as novas gerações pareçam não compreender isso.

Na Camara Municipal, a cerimónia terminou com o burgomestre apertando a mão dos noivos e entregando-lhes a sua certidão de casamento. O cortejo dirigiu-se, depois, para a catedral, onde será celebrado um serviço protestante tão simples e despretensioso como a cerimónia civil.

VESTIDA DE CETIM BRANCO BEATRIZ LEVAVA O DIADEMA DE SUA AVÓ GUILHERMINA

AMSTERDAM, 10 — (F. P. e R.) — Está desvendado o mistério do vestido de noiva da princesa Beatriz: talhado em cetim branco, é guarnecido com motivos de veludo de seda que se inspiram no diadema que ela ostentará na cerimónia. O cetim foi tecido pela casa Staron, de Saint-Etiènne, em França. O modelo, com uma cauda de cinco metros de comprimento e 2 e 20 de largura, é assinado pela casa «Linette», de Bois-le-Duc, na Holanda. O diadema prende curto véu de tule.

A princesa Beatriz usava hoje o diadema de que sua avó, a falecida rainha Guilhermina, levou na sua coroação, em 1898, e no seu casamento, em 1900.

O diadema inspirou o criador do vestido de noiva da princesa.

Os reis e príncipes presentes na cerimónia

AMESTERDAM, 10 — (A. N. I.). — A nobreza europeia convidada para o casamento da princesa herdeira Beatriz da Holanda com Claus von Amsberg e que esteve presente, foi: rei Balduino e rainha Fabíola dos belgas; rei Constantino e rainha Ana Maria dos gregos; grão-duque João e a grã-duquesa Carlota do Luxemburgo; princesa Marina e a princesa Alexandra, de Kent; príncipe Harald, da Noruega; príncipe Alberto e princesa Páola de Liége; princesa Benedita da Dinamarca; princesa Irene dos gregos; príncipe Carlos do Luxemburgo; príncipe João Carlos e princesa Sofia da Casa Real de Espanha; príncipe Aschwin, princesa Armgard e princesa Simone de Lippe-Biesterfeld.

Mais de cem pessoas presas pela Polícia

AMSTERDAM, 10 — (F. P.) — Beatriz da Holanda e Claus von Amsberg casaram-se religiosamente, tendo proferido o «sim» tradicional e trocado as alianças.

A Polícia prendeu mais de cem pessoas que se manifestavam no percurso do cortejo nupcial.

Um manifestante sofreu ferimentos, em recontro com agentes da Polcia, no centro da cidade.

A Polícia tentava canalizar a manifestação. O ferido foi levado numa ambulância.

A CHEGADA DOS NOIVOS Á IGREJA

AMSTERDAM, 10 — (R.) — A princesa Beatriz e seu marido, o príncipe Claus da Holanda, dirigiram-se para a igreja onde se efectuou o seu casamento religioso.

Os cavalos da escolta chegaram a recuar ao estalar fogo de artifício sob os cascos.

Mas a princesa e o príncipe, que exibiram um sorriso no decurso de toda esta agitação, não se mostraram afectados, continuando a acenar á multidão através das janelas do coche, encharcadas pela chuva.

SABOTAGEM PARA IMPEDIR A REPORTAGEM PELA TV

AMSTERDAM, 10 — (F. P.) — Dois cabos do circuito de televisão cortados, uma câmara de tomada de vistas atirada para um canal e outra quebrada é o resultado — declarou um informador da Polícia — da sabotagem desta madrugada, perto do templo de Westerker, onde se celebrou a cerimónia do casamento da princesa Beatriz com Claus von Amsberg. Segundo a mesma fonte, um grupo determinado de «sabotadores» teria decidido tornar impossível a reportagem em directo do acto matrimonial.

AMSTERDAM PAREGE UM CAMPO ENTRINCHEIRADO

O dia amanheceu pardacento, na capital do Reino dos Países Baixos. Os serviços técnicos do Exército retiraram durante a noite, com a ajuda de camiões-guindastes, os automóveis que habitualmente «dormem ao relento» junto aos canais e nas avenidas. O centro da cidade ficou limpo.

Polícias e soldados, 8500 ao todo, tomaram posição nas artérias centrais, isolando por completo praças e avenidas, fechadas por barreiras metálicas. Amsterdam não se transformou em «campo entrincheirado» como afirmam certas pessoas irritadas com o alarde de força, mas, francamente, em coisa muito parecida. A manutenção da ordem começou de manhã muito cedo, com a arrumação do público.

Novecentos jornalistas e quinhentos técnicos dos meios de Informação de todas as nacionalidades encontram-se reunidos nos pontos «estratégicos».

EM BUSCA DE UM MISTERIOSO PIRÓMANO

Parte da cidade não dormiu. Mas não foi o casamento da princesa Beatriz que manteve os habitantes acordados: estes estiveram de vela, a fim de tentarem capturar o pirómano misterioso que, numa semana, provocou seis incêndios e oito mortes. O príncipe Bernardo visitou, ontem á noite, o bairro que o maníaco escolheu para teatro das suas proezas, enquanto os convidados reais dançavam nos salões de um grande hotel de Amsterdam, ao som de três orquestras. Alguns «provos» (meninos bestas) dedica-

Um general entre os implicados na conjura descoberta no Estado do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE, 10 — (F. P.) — A conjura descoberta no Rio Grande do Sul e que se destinava a eliminar o governador Ildo Menezhetti e outras autoridades do país, começaria simultaneamente em diversos pontos daquele Estado — informou hoje um representante da brigada militar.

Entre os presos contam-se os coronéis Atílio Escobar e José Lemos Avelar — o segundo, antigo chefe do Departamento Federal de Segurança Publica — um tenente da guarda do palácio do Governo, o capitão Walter Silva e um general cujo nome não foi indicado.

O coronel Octávio Frota, comandante da brigada militar de Rio Grande do Sul, disse aos jornalistas que embora não pudesse revelar pormenores, para não prejudicar as averiguações, estava habilitado a dizer que a conspiração «tinha grande profundidade e os responsáveis principais estão detidos e incomunicáveis».

No Rio de Janeiro, o ministro da Justiça, Mem de Sá, disse que a descoberta da conjura prova que o Governo está bem informado e firme na determinação de garantir a ordem publica, «impedindo que elementos vingativos, mediante acções pessoais, tentem promover o regresso á corrupção e á subversão». Concluiu que a tranquilidade é absoluta no Estado do Rio Grande do Sul.

O MARIDO DE ISABEL II VIAJA PELOS E. U. A. ANGARIANDO FUNDOS PARA BENEFICÊNCIA

MIAMI, 10 — (R.) — O príncipe Filipe da Grã-Bretanha inicia hoje uma viagem de costa a costa dos Estados Unidos, numa distância de 160 mil quilómetros, numa campanha para angariação de fundos destinados a fins de beneficência, que começou com a obtenção, a noite passada, nesta cidade, de 250 mil dólares (cerca de 7250 contos).

Residentes e turistas contribuiram com essa quantia durante um banquete de gala a que presidiu o duque de Edimburgo no Fontainebleau Hotel, enquanto exilados cubanos estabeleciam piquetes junto do edifício, protestando contra o comércio britânico com Cuba.

Empregados cubanos do hotel, constituindo cerca de metade do pessoal, pediram á gerência para ser dispensados de servirem o príncipe, segundo afirmou um informador dos exilados.

O duque chegou ontem a Miami, vindo das Bahamas, pilotando um bimotor a jacto. A sua viagem é patrocinada pelo Variety Club International, que administra hospitais de crianças em todo o Mundo.

Portugal numa reunião interamericana

WASHINGTON, 10 — (A. N. I.) — A Organização dos Estados Americanos anunciou que dezassete países não membros informaram que vão enviar observadores á reunião anual do Conselho Económico e Social Interamericano, que inicia os seus trabalhos, na terça-feira, em Buenos Aires.

Os dezassete países são: Portugal, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, República Federal da Alemanha, França, Israel, Itália, Jamaica, Holanda, Noruega, Espanha, Suécia, Suíça, Trinidad-Tobago e Reino Unido.

A luta no Vietnam

(Continuação da 1.ª página)

bora em menor escala do que outrora. A maioria de tais barcos — segundo anunciou a Administração americana — é constituída por pequenos navios costeiros arvorando o pavilhão britanico e com base em Hong-Kong.

Mísseis antiaéreos, que têm sido empregados contra aviões americanos, nas áreas de Haiphong e de Hanoi, chegaram ao Vietnam do Norte, segundo se julga em Washington, a bordo de navios russos que os trouxeram para Haiphong.

ACAMPAMENTO AMERICANO OCUPADO PELO VIETCONG

SAIGÃO, 10 — (A. N. I.) — Caiu em poder dos guerrilheiros comunistas o acampamento das forças especiais americanas de A Shau, nas proximidades da fronteira laociana, 600 quilómetros para Nordeste de Saigão.

Foram pesadas as baixas entre os defensores — 12 ou 13 norte-americanos e cerca de três companhias de montanheses. O acampamento ficou em chamas.

«Encerrámos o acampamento de Shau esta tarde» — notificou o coronel William McKean, comandante do Quinto Regimento das forças especiais americanas no Vietnam do Sul. Acrescentou que «americanos e alguns dos montanheses que se bateram contra forças comunistas esmagadoramente superiores durante quase dois dias haviam sido retirados dali de helicóptero».

Disse ainda o coronel McKean que a rendição do posto fora decidida por o estado do tempo não permitir um eficaz auxílio aéreo aos defensores.

DESTRUIÇÃO DA FLORA NO VIETNAM

WASHINGTON, 10 — (F. P.) — A destruição da flora, no Vietnam do Sul, é limitada a certas regiões precisas onde o «Vietcong» se refugia ao abrigo de uma vegetação luxuriante. São igualmente utilizados herbicidas para a destruição das colheitas a fim de privar o inimigo de víveres que lhe são tão preciosos como as armas e as munições.

E' esta a sumula de uma declaração feita hoje por Robert McCloskey, informador do Departamento de Estado, para levar o arquitecto nova-iorquino Robert Nichols, a renunciar á greve total da fome que faz há oito dias, para protestar contra a destruição deliberada da flora sul-vietnamiana.

Nichols recebeu já explicações da Casa Branca, á qual escrevera, mas não as achou satisfatórias e prosseguiu no jejum.

Na sua declaração de hoje, McCloskey deu mais esclarecimentos e fez notar que as destruições, que são operadas por sul-vietnamianos utilizando aviões americanos, não punham em perigo as vidas humanas ou o gado.

«Dominguin» confessa que tem medo

BUENOS AIRES, 10 — (A. N. I.) — «Não toureio mais, pelo menos a sério» — declarou, á sua chegada a Buenos Aires, Luís Miguel «Dominguin», que veio passar três semanas de férias no Sul da Argentina. Abrindo-se em confidências, acrescentou: «Entre outros motivos, não voltarei aos «ruedos» porque tenho muito medo. Dantes, não sentia medo, talvez porque nunca tinha tempo para pensar nisso sériamente».

Em CASCAIS o «DIARIO DE LISBOA», vende-se na PAPELARIA CABRAL DA SILVA, LDA., RUA FREDERICO AROUCA, 1-3.

COMEU UMA ORELHA DO NAMORADO

BOGOTÁ, 10 — (R.) — Francisco Riveros encontra-se há 15 dias internado num hospital desta cidade porque a sua namorada, durante um arrufo de amor, lhe arrancou, á dentada, uma das orelhas e, segundo uma testemunha ocular, a comeu «com grande prazer».

Amigos descreveram Francisco como «uma paz de alma».

EMISSORA NACIONAL DE RADIODIFUSÃO

VIOLINOS PARA A ORQUESTRA SINFÓNICA

CONCURSO DE ADMISSÃO

Até ao próximo dia 25 de Março está aberta a inscrição de candidatos ao concurso de admissão a lugares de violino do quadro efectivo da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional a que poderão concorrer indivíduos nas seguintes condições:

1 — Terem nacionalidade portuguesa, salvo se já prestarem serviço, nesta data, nas Orquestras da Emissora Nacional;

2 — Terem menos de 40 anos e não completarem aquela idade até 31 de Dezembro do corrente ano, salvo se já prestarem serviço, nesta data, nas Orquestras da Emissora Nacional.

As provas eliminatórias, a realizar em data e local a fixar oportunamente, consistirão de:

a) — Execução do «Preludio e Allegro», de Kreisler;

b) — Execução de uma peça á escolha do concorrente, com a duração máxima de quinze minutos;

c) — Prova de leitura á primeira vista.

Os concorrentes aprovados nas referidas provas serão submetidos a estágio remunerado durante seis meses. Findos os estágios, será elaborada a lista de classificações em mérito relativo.

Os requerimentos de admissão a concurso são dirigidos ao Presidente da Direcção da Emissora Nacional, e devem conter os seguintes elementos:

a) — Nome completo, filiação, naturalidade, data do nascimento, estado, morada, numero e data do bilhete de identidade e Arquivo que o passou;

b) — Habilitações literárias e musicais que possuam;

c) — Indicação, se for caso disso, de prestarem serviço em qualquer das Orquestras da Emissora Nacional, nesta data.

Os requerimentos devem dar entrada na Repartição dos Serviços Gerais — Secção de Pessoal — Rua Alexandre Herculano, 42-A — em Lisboa, até ás 17.00 horas do próximo dia 25 de Março.

Emissora Nacional de Radiodifusão, em 9 de Março de 1966.

SERVIÇOS GERAIS
Pel'O Chefe da Repartição
ALBERTO REPRESAS

DIÁRIO escolar — INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO EM EQUIPA – III

A variável participação

Para que um grupo exista como tal não é suficiente que os seus componentes «estejam aí juntos», nem mesmo que se encontrem «muito» juntos, é preciso que *participem* nele. A palavra participação representa o fundamento sócio-dinâmico daquilo a que se chamou cooperação e comunicação, na medida em que estes conceitos traduzem não a unidade intelectual, nem mesmo o acordo afectivo do grupo, mas o *empenho* no trabalho em comum.

Condições individuais e colectivas intervêm nesta atitude fundamental como no seu contrário, a desobrigação ou desinteresse, afastamento mais ou menos confessado, mais ou menos completo e mais ou menos perigoso para o grupo, da parte dos seus membros (sabotagem do grupo). O conhecimento e a familiaridade dos componentes, a confiança, a aceitação da diversidade das pessoas, a adesão aos valores e aos fins comuns, a fé no grupo e nas suas possibilidades, estão entre os elementos mais determinantes da fecundidade dos grupos, tanto no seio dos organismos como nas reuniões de trabalho.

A imagem que cada um faz do grupo, a imagem de si no grupo, a ideia que cada um faz da ideia dos outros a seu respeito, o grau da «empatia» do grupo e da sua coesão, podem agir positiva ou negativamente na progressão do grupo, tratando disso na *participação*. De todas as maneiras, esta variável participação está ligada á precedente na medida não só em que as reacções pessoais ao animador-director influenciam o grau de participação ou retracção (agressiva ou silenciosa), mas, também, onde o animador é, no fim de contas, responsável pelo grau de participação de todos os seus colaboradores.

5) *A variável «Consequências»*. Convém chamar consequências aos resultados tangíveis da cooperação ou da reunião, a passagem das decisões ou das conclusões comuns á realização, o futuro de grupo tal como é vivido pelo grupo em relação ao que foi presente para ele e que se torna seu passado.

Tomemos para exemplo reuniões nas quais são tomadas decisões, com o acordo de todos, cujo futuro demonstra que «caíram á água», postas em questão por misteriosas razões e ficando letra morta. Nada de consequências.

Esta descoberta esteriliza ou paralisa a eficácia do grupo tão seguramente como a não-participação dos componentes numa outra circunstância.

A história do grupo, do organismo, do «escritório», tanto como de um grupo que se reune periódicamente, intervém no espírito de cooperação, não só no que respeita á vida comum, com as suas metamorfoses e os seus momentos privilegiados, mas como prova do valor ou da inutilidade da própria cooperação. Porque é em relação ás suas próprias realizações que o grupo se mede; e é nas suas decepções que se dissocia.

● Conclusão

Todo o grupo humano funcionando em relações de trabalho dispõe de uma considerável energia latente. O problema permanente que se deve pôr aos responsáveis é o de saber que utilização eles fazem desta energia. Está aí, sempre ai virtual ou actualizada, mesmo se a desconhecessem, mas, neste caso, ela trabalha contra eles, investida numa «resistência», aberta ou passiva, da parte do grupo, ou em diversos freios e sempre surpreendentes. Pelo contrário, utilizada transfigura a existência e o rendimento dos grupos.

A SEGUIR: **Segunda parte, o trabalho em grupo**

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º
Telef. 32 65 15

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia. Ossos e Articulações — As 18 horas.
Dr Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas.
Dr Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr A. de Barros Simão — Garganta nariz e ouvidos — As 16 horas.
Dr Casimiro Afonso — Doenças das Senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia e Electrocardiografia — As 5.as-feiras, ás 15 h.
Prof. Dr Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas

O método audio-visual

«Voix et Images de France»

A Revista Portuguesa de Filosofia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Tomos I e II, 1964-65, inclui uma bibliografia analítica do método audio-visual «Voix et Images de France» da autoria da conhecida professora metodóloga dr.ª D. Maria Emília Ricardo Marques da qual extraímos as seguintes passagens de interesse par aos nossos leitores:

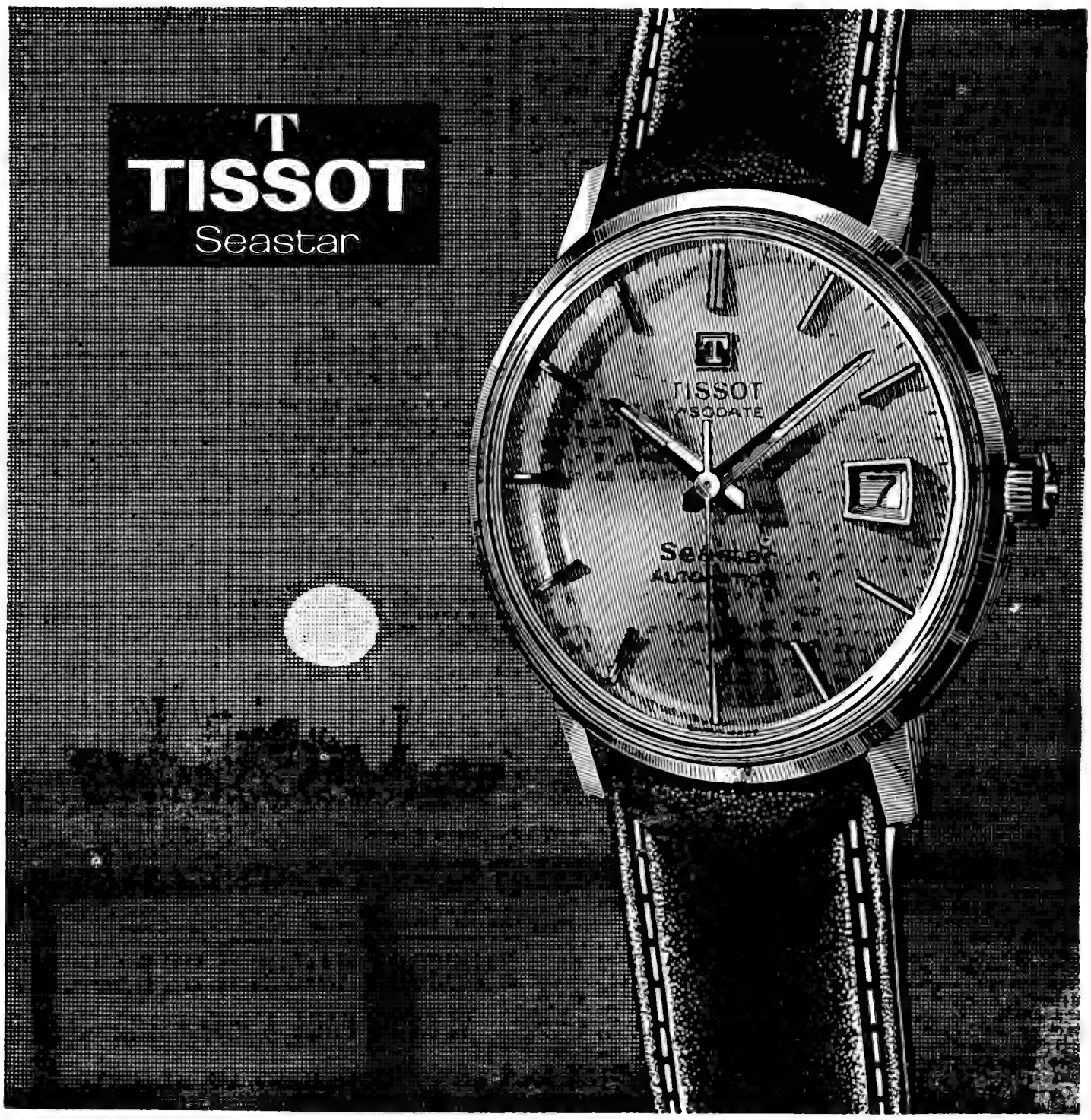
«O «Centre de Recherches et d'Etudes pour la Diffusion du Français», (C. R. E. D. I. F.), foi criado em 1952 na Escola Normal Superior de Saint-Cloud. Devemos-lhe a criação do método audio-visual «Voix et images de France», *método intensivo, destinado a adultos estrangeiros e baseado no francês fundamental seleccionado pelo mesmo Centro. Encontramo-nos, portanto, ante um bloco linguístico e metodológico sempre igual, seja qual for a parte do mundo em que se aplique, e onde se faz tábua rasa da língua materna do aluno e dos hábitos psico-linguísticos por ela determinados».*

. . . . . .

«E que o valor do método — filmes, fitas magnéticas, livro — leva-nos a exigir-lhe mais, sobretudo, e porque possível, a adptação aos grandes blocos linguísticos onde seja aplicado. Podemos fazê-la. Podemos também ir mais longe (aqui fica a sugestão): transpor o método, na sua essência, para o caso do Português a ensinar a aborígenes das nossas províncias ultramarinas, pois o maior valor do bloco «Voix et Images de France» *reside, para além da solução encontrada em relação a uma determinada língua, no caminho pedagógico aberto, rico de sugestões e com sólida base psico-linguística».*

ESCOLA TÉCNICA DA SERTÃ

SERTÃ, 10. — Iniciou-se nesta vila a construção da desejada Escola Técnica Elementar, melhoramento que vem ao encontro das necessidades escolares de quatro concelhos: Sertã, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila de Rei. Está prevista uma frequência inicial de 400 alunos.



Seastar

Há mais de cem anos que em todo o mundo, os melhores relojoeiros recomendam um TISSOT, porque a resistência e a precisão dos relógios desta marca são unanimemente reconhecidas em todas as latitudes. Na própria Suiça, país relojoeiro por excelência, os relógios TISSOT são dos de maior venda. E o público é, no fim de contas, o melhor juiz na avaliação da qualidade dum produto.

O TISSOT SEASTAR, automático e com calendário, é um relógio maravilhoso de precisão, e dotado dum movimento automático de perfeita simplicidade. E esta qualidade é da maior valia. Mas o Seastar pode, também, ser vendido sem calendário e sem ser automático. Satisfaz, por isso, todos os gostos.
Preferir um TISSOT, é ter a qualidade pelo preço mais vantajoso.

De aço inox	1.200$
De plaqué	1.300$
Outros Modelos	
S/ calendário	700$

T
TISSOT
Seastar

A preços fixos nas Agências Oficiais. Têm assistência técnica em todos os países do mundo

A COPRAI decidiu elaborar as bases da Associação Portuguesa de Movimentação e Armazenagem

Na sua ultima reunião, o Grupo de trabalho sobre «Movimentação» promovido pela COPRAI — Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa, decidiu elaborar as bases para a criação de uma Associação portuguesa de «Movimentação e Armazenagem» com o objectivo de congregar o maior numero possível de entidades particulares (técnicos, professores, etc.) e colectivas (empresas industriais e comerciais, etc.) que se interessam por estas técnicas consideradas hoje como fundamentais para o aumento da produtividade.

A próxima reunião do referido grupo está marcada para o dia 15 do corrente, na sede da Associação Industrial Portuguesa, Praça das Industrias, Lisboa-3.

Centro Nacional de Cultura

Amanhã, ás 22 horas, na sede do Centro Nacional de Cultura, Rua António Maria Cardoso, n.º 68, 1.º, haverá uma sessão em que se fará a leitura da peça inédita de Luís Sttau Monteiro «A Estátua».

«Diário de Lisboa»

Da direcção da Casa do Algarve e assinado pelo seu presidente sr. Joaquim António Nunes, recebemos um expressivo telegrama a agradecer ao «Diário de Lisboa» a publicação do «Plano de exploração e apetrechamento do porto de Portimão, obra urgente e de transcendente importancia para a valorização daquela excepcional zona de turismo portuguesa».

— A direcção da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar teve a gentileza de agradecer ao «Diário de Lisboa» o relevo dado no nosso jornal ás celebrações do 163.º aniversário da fundação do Colégio Militar, na parte que respeita áquela associação e aos antigos alunos do estabelecimento

—A administração da Companhia União Fabril teve a gentileza de agradecer ao «Diário de Lisboa» o relevo dado no nosso jornal á cerimónia da inauguração do Bairro «Alfredo da Silva» — Lavradio — e da entrega de insígnias aos colaboradores daquela empresa com mais de 40 anos de bons serviços.

Cinco novos adidos de legação

No Ministério dos Negócios Estrangeiros terminaram as provas do concurso para adidos de legação, tendo sido aprovados os srs. drs. Jorge Adelino R. Monteiro dos Santos, Álvaro Gil Gonçalves Pereira, Domingos Tomás V. Garrido Serra, Manuel António P. Jorge Barreiros e Jorge de Matos Serpa Neves.

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA LEITÃO. RUA INDIA PORTUGUESA. 13.

O turismo transatlântico não é desfavorável à balança de pagamentos dos Estados Unidos

— demonstram as companhias de aviação europeias

O facto de os cidadãos americanos viajarem mais e gastarem mais dinheiro nas suas viagens para o exterior do que os turistas estrangeiros nos Estados Unidos, contribuindo, assim, para a situação deficitária que a balança de pagamentos dos E. U. apresenta desde há alguns anos, tem preocupado o Governo americano. Algumas sugestões têm sido feitas no sentido de se adoptarem medidas que contrariem o chamado «Travel Gap», quer reduzindo o turismo americano para o exterior, quer convencendo os cidadãos americanos a dar preferência aos transportadores da sua nacionalidade.

Porque uma tal preocupação pode, por si só, obscurecer importantes considerações e factos e originar conclusões erradas, o «EARB» (European Air Research Bureau), associação de 16 companhias europeias, de que a TAP é membro efectivo, no sentido de contribuir para um mais perfeito esclarecimento do problema, publicou, recentemente, um estudo, em que se analisam as relações entre o turismo transatlantico e a balança de pagamentos los Estados Unidos.

Conclui-se desse documento que, no período de 1946-1964, os transportadores membros do «EARB» despenderam nos Estados Unidos cerca de 3 biliões de dólares com a aquisição de aviões e a manutenção dos seus serviços de vendas, enquanto a receita correspondente ao seu transporte transatlantico não ultrapassou no mesmo período 1,5 biliões de dólares. Assim, a balança de pagamentos dos Estados Unidos beneficiou, no período de pós-guerra, em 1,6 biliões de dólares como resultado das transacções dos transportadores europeus na América do Norte.

Isto significa que, durante o período de 1960-1964, a contribuição média nual líquida dos transportadores europeus para a balança de pagamentos americana foi de 150 milhões de dólares, verba que é aproximadamente igual ao «déficit» anual médio registado na balança de transportes dos Estados Unidos.

CARREIRAS AÉREAS

Previsão sobre a carga aérea

O volume anual da carga aérea do mundo livre deverá duplicar para 11 200 milhões de toneladas-quilómetros nos próximos cinco anos, segundo os cálculos do sr. Maurice Fitzgibbon, gerente da Pan-American para a Carga, revelados em discurso pronunciado na VI Conferência Anual de Embarques e Embalagens.

Na ultima década, o aumento registado foi de 16 por cento. Só no terminal da P. A. A., no Aeroporto de Nova York, foram manejadas 150 toneladas diárias durante o ano de 1965.

NATURA

Foi posto á venda o n.º 138 referente a Março. Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista, de Higiene Geral e Alimentar, de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver.

Director e Proprietário: DR. INDÍVERI COLUCCI

Do sumário destacamos os artigos seguintes:

— CANSAÇO, ESGOTAMENTO, RESISTÊNCIA AOS TÓXICOS
— PROJECÇÃO DA MEDICINA NATURAL
pelo Dr. Eduardo Afonso
— SOBRE UM NOVO TRATAMENTO DAS DOENÇAS VASCULARES
pelo Dr. Jorge Monteiro
— QUANDO A VESÍCULA FABRICA PEDRAS
— A SAÚDE EM PERIGO — II
pelo Arquitecto Rego Gonçalves
— GINÁSTICA FEMININA
pelo Dr. J. Circuns Espelt
— O PASSADO E A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM
— OS OLIGOEMELENTOS
pelo Dr. Raymond Lautie
— CARTA AO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
por António Crisóstomo Silva
— PLANTA MARAVILHOSA PARA AS DOENÇAS DO CORAÇÃO
— A LONGEVIDADE

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta Administração, Rua Antero de Quental, 35-1.º-Dt.º (Ao Intendente). Assinatura Anual 55$00; Semestral, 28$00. Número avulso, 5$00. Estrangeiro e Ultramar, 70$00. **SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA, DESDE LOGO FICARÁ NOSSO ASSINANTE.**

Junte-se com as pessoas de bom gosto...

Beba Whisky White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420, Porto

E

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 69, Lisboa

A CARRIS COMUNICA

SERVIÇO DE AUTOCARROS

ALTERAÇÕES DE PERCURSOS

A partir do próximo sábado, dia 12 de Março, por motivo de exigências de trânsito, serão introduzidas alterações nos percursos das seguintes carreiras:

Carreira N.º 3 — P. Comércio-M. Bombarda, via R. Rodrigo da Fonseca

O seu percurso é desviado, definitivamente, da Avenida Guerra Junqueiro para a Praça de Londres, Av. de Roma, Av. João XXI, Praça do Areeiro e Av. Almirante Reis, etc.

Carreira N.º 4 — P. Comércio-M. Bombarda, via Av. Duque de Loulé

O seu percurso é desviado, igualmente, da Av. Guerra Junqueiro para o troço final da Av. Almirante Reis, Praça do Areeiro, Av. João XXI, Av. de Roma e Praça de Londres, etc.

Carreira N.º 7 — P. do Chile-C. Carriche

Em direcção à Praça do Chile o seu percurso mantém-se desviado, provisòriamente, da Av. Guerra Junqueiro para a Av. Manuel da Maia e Alameda D. Afonso Henriques, etc.

Carreira N.º 17 — Cais do Sodré-Av. Brasil

Em direcção à Praça do Areeiro ou além o seu percurso é desviado da R. Carvalho Araújo, R. José Ricardo, R. Rosa Damasceno e R. Actor Isidoro para a R. Morais Soares, R. Carlos Mardel, arruamentos Sul e Norte da Alameda D. Afonso Henriques e o de ligação da R. Rosa Damasceno à R. Actor Isidoro, R. Carlos Mardel, etc.

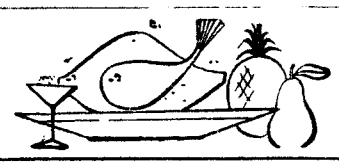
Carreira N.º 19 — P. do Chile-Moscavide, via Olivais

O seu percurso é desviado da R. Quirino da Fonseca, Alameda D. Afonso Henriques, R. Actor Isidoro e R. Actriz Virgínia para a Av. Almirante Reis, nos dois sentidos, e R. José Falcão, etc.

Carreira N.º 35 — Cais do Sodré-Av. de Roma e Hospital de Santa Maria

O seu percurso, em direcção à Praça do Areeiro ou além, é desviado da R. Carvalho Araújo, R. José Ricardo, R. Ângela Pinto, R. Rosa Damasceno e R. Actor Isidoro para a R. Morais Soares (último troço), R. Carlos Mardel, arruamentos Sul e Norte da Alameda D. Afonso Henriques e o de ligação da R. Rosa Damasceno à R. Actor Isidoro, R. Carlos Mardel e R. Actriz Virgínia, etc.

bom apetite



RESTAURANTE
MONTE ALENTEJANO
Diariamente servimos os pratos de MIGAS com carne de porco Ensopado de Borrego Sopa de cachola, e mais pratos regionais
Rua D. Luís de Noronha, 32-A
(A Av. de Bernal — **Telef. 778095**
(Encerrado ós 2.ºs-feiras)

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H
Rua das Portas S. Antão, 83
Telef. 323059

RESTAURANTE
RESTAURAÇÃO
AS MELHORES E MAIS RAPIDAS REFEIÇÕES AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Especialidade de Churrasco
RUA 1.º DE DEZEMBRO, 105
Telef. 369495

RESTAURANTE
BÓLIDE
(Premiado nos concursos do S. N. I.)
AMANHÃ
BACALHAU NO FORNO À BÓLIDE
ARROZ DE FRANGO À TRIPEIRINHA
Diàriamente especialidades da casa
AV. DE ROMA, 7-A — Telef. 763522

Restaurante
CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

COZINHA ALENTEJANA
AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Servem-se lanches de casamento e banquetes
ENCERRA AS 2.ºs-FEIRAS

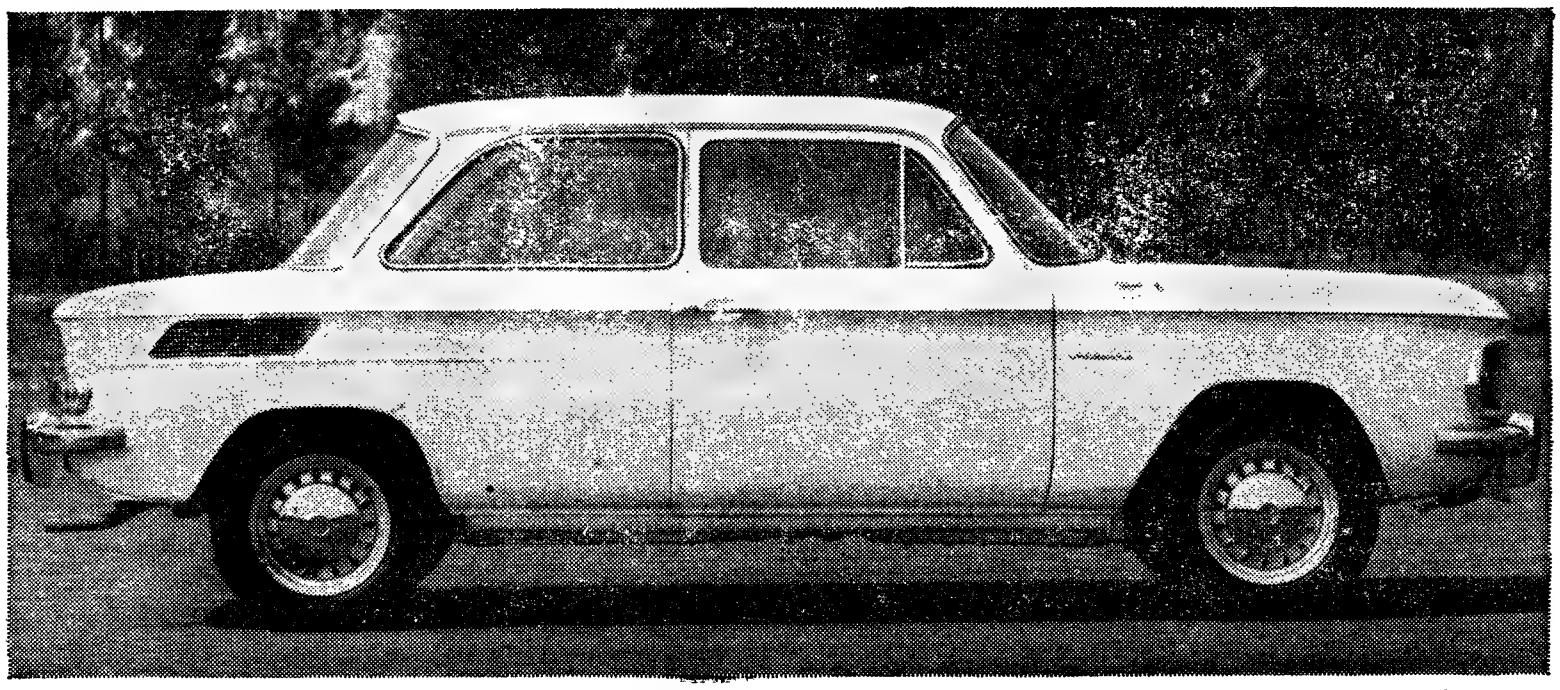
laranjada
Schweppes
AGUA TONICA * GINGER ALE * COLA DRINK * GASOSA

Restaurante CUBANA
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 77 32 80
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã
Bacalhau à Cubana
Sábado
Caldeirada à Cubana

SNACK TIPICO
FRAGATA
Rua Cais de Santarém 4 e 6-A
ÓPTIMO AMBIENTE
Amanhã
BACALHAU NA CANCA
Servem-se jantares
Reserva de mesas pelo tel. 37 10 62
Parque p/ automóveis

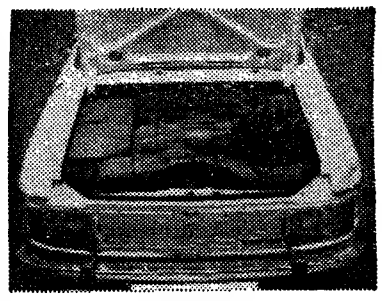
ADMISSÃO AOS INSTITUTOS | INDUSTRIAL — COMERCIAL
EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
PROFESSORES ESPECIALIZADOS — ENSINO EFICIENTE
Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas
INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56-1.º, Esq.º — **Telef. 736380**

US.N 011...advinhou, era o inverso de NSU 110 !



5

100 % NOVO EIS O INACREDITÁVEL NSU 110



PORQUÊ INACREDITÁVEL?

É o veículo que faltava nesta categoria, porque nunca se tinha construído um 1100 tão brilhante, tão completo sob todos os pontos de vista. NSU apresenta-vos o inacreditável, prova-vos "o impossível": leia o texto deste anúncio e depois venha ver este NSU 110. Não terá sombra de hesitação e não haverá mais comparações.

RÁPIDO

145 Km/h! Além de ser agradável ter uma viatura rápida, é necessário na situação actual, porque os homens activos de hoje não têm tempo a perder.

VIGOROSO

No espaço de 6 segundos 6, estareis a 60! Em 11 segundos 11, estareis a 80! Em 16 segundos 16, tereis atingido 100!

NÃO É CARO

Consome sòmente 7 litros 1/2 aos 100 quilómetros. E se andar sempre no máximo talvez faça 8 litros 1/2... mas é preciso ser muito duro com o seu NSU!

SEGURO

À frente: travões de disco. Atrás: super travões de tambor. É de longe a melhor solução e foi adoptada pelas melhores e mais modernas viaturas. É a solução equilibrada que bem permite travar num momento na cidade (e a frio) e manter uma travagem infatigável e ultracurta na estrada.

SUPER-ESTÁVEL

Respira estabilidade e nada como ver. Mas é preciso conduzi-lo: vira com uma facilidade sensacional, o seu comportamento em estrada é impressionante.

LUXUOSO

Mil detalhes requintados: volante luxuoso, tablier tom de madeira, assentos bem estofados e generosamente almofadados... é muito longo de enumerar, venha ver!

5 LUGARES "RELAX"

É largo: 1 metro e meio. É comprido: 4 metros. Acomoda 5 pessoas à vontade e o seu teto plano permite aos de maior estatura estarem como em casa, mesmo nos lugares de trás.

PORTA BAGAGEM IMENSO

Um "meio-metro cúbico"; é inacreditável mas verdadeiro.

EM EXPOSIÇÃO DAS 9 H ÀS 24 H ATÉ AO DIA 12
NOS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

NSU

SOC. LUSOLANDA, LDA.

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 25-C - TELEF. 537077

E NOS SEUS AGENTES EM TODO O PAÍS

Carrier

REFRIGERAÇÃO

INDÚSTRIAS TÉRMICAS
NUNES CORREIA
S. A. R. L.

LISBOA — R. DO ALECRIM 29 — TELF. 30901/4
PORTO — R. DA FIRMEZA 482 — TELF. 28034

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Chamusca marca encontro com Chamusca de Lisboa no

Restaurante Castanheira e Teatro Variedades

No próximo dia 13 do corrente, é homenageado no restaurante Castanheira com um almoço, e ás 20.45, com uma sessão no Teatro Variedades o Grupo Cénico do Montepio União Chamusquense que acaba, com pleno êxito, de dar o seu 8.º espectáculo no Cine-Teatro da nossa terra, com a revista «Salsifré», tudo em benefício da secular Instituição, Misericórdia e pobreza do concelho. Composto de 50 figurantes, este grupo que já representou «Na Cepa Torta» o qual deu a volta ao Ribatejo, bem merece a homenagem que lhe é agora prestada.

UNIÃO FABRIL DO AZOTO

S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convoco os Accionistas desta Empresa a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na Rua das Portas de Santo Antão, n.º 89 (Edifício da Associação Comercial de Lisboa), pelas 17 (dezassete) horas do dia 31 de Março, com a seguinte ordem do dia:

1.º) Discutir e aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas do Conselho Fiscal, relativos á Gerência de 1965;

2.º) Proceder á eleição de um Accionista para uma vaga no Conselho de Administração.

Lisboa, 7 de Março de 1966.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Manuel Augusto José de Mello

Companhia Portuguesa de Pesca

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: ESC. 75 000 000$00

SEDE — Avenida 24 de Julho, 3, 2.º LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia Geral Ordinária, para o dia 25 de Março, pelas 15 horas, na Associação Industrial Portuguesa, Praça das Industrias, Junqueira, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DO DIA

1.º — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas do Conselho de Administração, relativos ao ano de 1965, e respectivo Parecer do Conselho Fiscal.

2.º — Eleição para todos os cargos sociais.

Lisboa, 1 de Março de 1966.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) Armando Manuel de Almeida Marques Guedes

Leilão de Penhores

A COMERCIAL

18, T. da Trindade, 20

Telef. 325082

HOJE AINDA SE RECEBEM JUROS

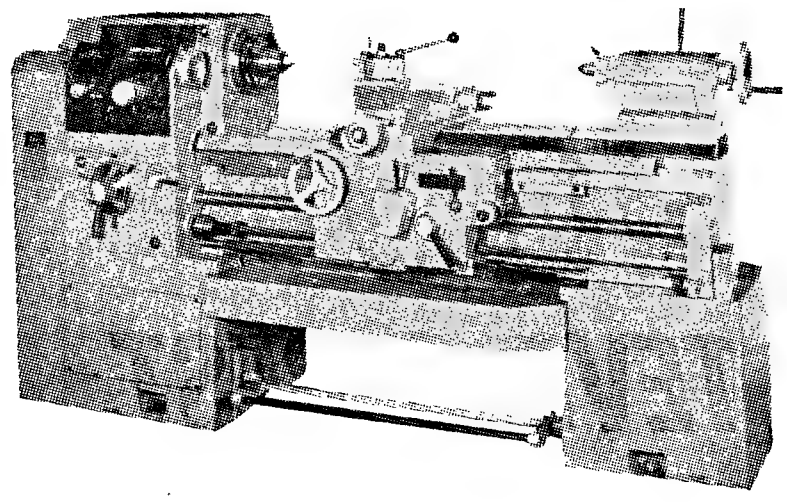
HENRIQUE ANTÓNIO ROSA MASONI DA COSTA

DIRECTOR DO BANCO DE PORTUGAL

Missa do 7.º Dia

Sua viúva, mãe, filhos, nora, genros, netos, irmãos, cunhados e sobrinhos, participam que amanhã, pelas 11,30, será celebrada missa de sufrágio, na Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª de Fátima, agradecendo desde já a quantos os queiram acompanhar no piedoso acto.

TORNOS MECÂNICOS EFI.



CINCO ANOS de produção e cerca de 300 UNIDADES em serviço em PORTUGAL, BÉLGICA, INGLATERRA ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, ÁFRICA DO SUL e outros mercados são a melhor garantia da alta qualidade dos tornos EFI.

CONSULTE OS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA O CONTINENTE

- ALTA PRECISÃO
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA EFICIENTE
- BOA RELAÇÃO PREÇO/QUALIDADE
- EQUIPAMENTOS VÁRIOS

UNIVERSAL

Aços, Máquinas e Ferramentas, S. A. R. L.

PORTO
RUA DO CAMPO ALEGRE, 718-746
Telef. 65151 (4 linhas)
TELEX 388 UNISAL-P

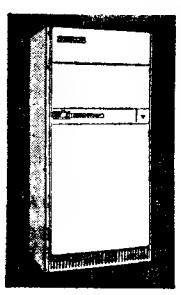
LISBOA
AVEN. DA REPÚBLICA, 34-A, 34-B
Telef. 750081/2

Em CANTANHEDE o «DIARIO LISBOA» encontra-se á venda, depois das 17 horas, na BRASILEIRA, CINEMA TIVOLI, CAFÉ MANDARIM, CAFÉ SANTA CRUZ, PASTELARIA E RESTAURANTE IMPÉRIO, na REGIONAL, e no CAFÉ TROPICAL.

Fábula a quente e FRIO

Um elefante nosso conhecido, já farto do banho diário nas águas mornas dos rios, escreveu propondo mudança de situação, a uma morsa.
Esta, a tremer de frio e cheia de reumatismo, respondeu-lhe em alfabeto... morsa:
- Aceito troca. Sigo próximo iceberg.

Ninguém vive contente com o que tem... mas quem tem um frigorífico AMBRA vive contente como ninguém



FRIGORÍFICOS AMBRA

REPRESENTANTES: **SABEL**, Rua D. Estefânea, 98-A/B, Tel. 5 93 37/8-LISBOA-1

IMPER-ALGO

BRONQUITES—ASMA!

ACUDA ÀS VIAS RESPIRATÓRIAS USANDO

O INALADOR ELÉCTRICO DO DR. DOBBELSTEIN

Clima maske HICO

PATENTE MUNDIAL

Método eficaz de cura natural para:

- CONSTIPAÇÕES
- ASMA
- CATARRO NASAL
- BRONQUITES
- SINUSITES
- TOSSE
- AMIGDALITE
- INFLAMAÇÕES DA GARGANTA E FARINGE

MILHARES DE MÁSCARAS EM USO COMPROVAM A SUA EFICACIA

O CLIMAMASKE não é incómodo, as crianças podem usá-lo

Distribuidores exclusivos para PORTUGAL:
HASSE, LDA.
Calçada do Garcia, 3 a 5
Telef. 86 20 40 ✲ LISBOA 2

A VENDA NAS FARMÁCIAS

Depositários no PORTO:
BORAL
Rua da Fábrica, 36
Telef. 3 44 17

CASCAIS

MORADIA DE 1 SÓ PISO

assente s/ placa, composta de: hall, lavabo, living c/ 50 m2, c/ fogão, 4 quartos, c/ roup., 3 casas banho, quarto criada c. c. banho e roup., c. eng. coz., desp. e peq. alm. garage e 2 carros e aquec. Sistuada em Birre num lote c/ 1400 m2.

POLICARPO

Telef. 281497 — CASCAIS

ARREMATAÇÃO

Vão á praça, sábado, dia 12, das 15 ás 16 horas, á porta da Bolsa de Lisboa, Praça do Comércio, as seguintes propriedades: 1.º. Boa propriedade rustica, toda quadrada, na Idanha, freguesia de Belas concelho de Sintra, área 3360 m2 vai por 50 400$00; 2.º. Terreno de cultura arvense, em Massamá, encosta do Nascente com a Quinta das Flores, freguesia de Agualva-Cacém, concelho de Sintra, área 1560 m2, vai por 28 000$00; 3.º. Terra de semeadura na freguesia de Fanhões, concelho de Loures área 3280 m2, vai por 12000$00; 4.º, Terreno de cultura arvense, sito no lugar do Faião, freguesia de Terrujem, concelho de Sintra, área 7720 m2, vai por 28 000$00; 5.º. Terreno rustico na freguesia de Terrujem concelho de Sintra, área 3520 m2, vai por 12 000$00. Informações: Rua de Gustavo de Matos Sequeira, 44, 1.º, Esq.º — Telef. 664531.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

O Manchester United eliminou o Benfica nos quartos de finais da Taça dos Campeões Europeus

GANHOU QUEM TEVE O BEST...

por FERNANDO SOROMENHO

Excepcional ..

Se tivesse visto, pela primeira vez, o Manchester United, ficaria com a impressão de que vindo de um planeta desconhecido havia chegado ao Estádio da Luz um grupo de indivíduos, disfarçados em jogadores, dispostos a revolucionarem todas as concepções do futebol terráqueo, interpretando-o de modo insólito e assombroso. Como se usassem pantufas e asas, vestissem do mais rico brocado num luxo de discreta ostentação, mostrassem um sorriso de inocência sem cinismo revoltante e trouxessem na alma o poder satanico de um Mefistófeles impulsionado por uma vontade assassina de destruir e esmagar.

Mas não vi o Manchester United que conhecia. Que presenciei em Old Trafford e, anos antes, em Alvalade. Contra o Sunderland e contra o Sporting. E também, lá no seu reduto, em data pintada de fresco, graças á TV, contra um Benfica autêntico, de 18 quilates, porque ontem, o Benfica, de branco, foi algo de impossível, quase um produto natural de ficção para ser encarado como coisa verídica.

Vi, portanto, extasiado um extraordinario — excepcional — Manchester United a fabricar o mais belo futebol que se terá desenvolvido em campos portugueses. Superior até ao Santos do 5-2, contra o Benfica, e, inclusive, acima da craveira do Benfica de eleição. De célebres «quartas-feiras europeias».

Um sonho mau, uma realidade amarga. Mas de qualquer modo algo que enobrece o futebol, que o tira do marasmo rotineiro e sediço e lhe empresta um halo de incomensurável grandeza. Para perdurar como se fosse o padrão de uma moeda, o simbolo de um idealismo, o orgulho de uma identidade.

Diante de adversários tão categorizados, prestidigitadores de arte consumada, gazelas de corrida elegante e industriais de grande capacidade reprodutiva, o Benfica soçobrou naturalmente, mas sem a desonra de ter alardeado um comportamento de submissão prematura. Perdeu, e perdeu bem, mas fê-lo de cabeça erguida, com rebeldia, de semblante carregado e de maxilares contraídos. Talvez com lágrimas de raiva a embaciarem um olhar que nunca deixou de encarar, de frente, quem para se impor precisou de fazer um apelo a todos os seus recursos, especialmente aqueles que resultam da inspiração irresistível. Que nem sempre desponta para reforçar um maravilhoso tecnicismo, um requinte atlético de «sprinters» de 10 segundos e picos — e um espirito associativo que mais parecia ser o reflexo de onze irmãos a viverem um habitual momento familiar impregnado de fácil e entranhada intimidade.

Não, leitor conformado e exageradamente descrente: o Manchester United, em 9 de Março de 1966, foi um Manchester United de incrivel figuração. Quase uma novela de Ian Fleming, um diabólico James Bond que riscou do seu dicionário a palavra «dificuldade».

Como quer que seja, desportivamente, saudemos o notável vencedor de ontem, outorgando-lhe o espontaneo reconhecimento do mérito

As duas equipas:

BENFICA — Costa Pereira; Cavém, Germano, Coluna e Cruz; Ferreira Pinto e José Augusto; Augusto Silva, Torres, Eusébio e Simões.

MANCHESTER UNITED — Gregg; Brennan, Foulkes, Stiles e Dunne; Crerand e Charlton; George, Best, Denis Law, Herd, Connelly.

Árbitro: Lo Bella (italiano).

Golos: Best (6 e 11 m); Connolby (14 m); Dunne, na própria baliza (51 m); Crerand (77 m) e Charlton (88 m).

Resultado final: 5-1.

e agradecendo-lhe, sem lisonja, a invulgar lição de futebol que foi dada num relvado que mais parecia um bilhar digno da inteligência, do saber e da eficiência de um campeão.

E viva o futebol de fulgurante recorte imaginativo, expressivo nas desmarcações estonteantes, avaro no aproveitamento dos espaços vazios, denso e ágil a defender e tigrino a atacar, forte no esforço colectivo e portentoso na capacidade individual.

A Inglaterra, através deste Manchester United desportivo, arrancou as teias de aranha de um tradicionalismo teimosamente vitoriano. Agora, vestindo um trajo sul-americano, de feitio brasileiro, parece diferente, mais alegre, mais moçoila e mais moderna.

Cuidado com ela no «Mundial». Muito cuidado.

●

Ganhou quem teve o Best...

Exacto. Ajustadíssimo ao que se desenrolou diante de mais de 70 mil espectadores. Atónitos e deslumbrados.

Foi ele. Foi o «beatle». Um garoto de 19 anos, de cara de menina e farta cabeleira. O fantasma que atarantou a defesa do Benfica. Imitando o macaquinho á solta dentro de uma loja de vidros. Escaqueirando tudo. Sem dó nem piedade.

O menino George, em campo um operário de fato de ganga, foi a ponta da seta que o Manchester United atirou constantemente da sua povoadíssima retaguarda, onde se aglomeravam 7, 8, 9 e ás vezes os 11 jogadores. Com 0-0, com 1-0, com 2-0, com 3-0. Práticamente, sempre. Apenas, abrindo-se o harmónio, Best era o garoto travesso a correr no pátio da escola. E como corria o simpático guedelhudo. Passava por Germano e Coluna, dizendo-lhes «olá», como se fosse uma bala saída da carabina.

Marcou dois golos (6 e 11 m.) e de um modo geral esteve em toda a parte. Incansável. Prodigioso. Formidável.

●

Começo alucinante. Demoníaco. Nos primeiros 14 minutos três golos. O contrário do que se esperava da parte, do Benfica. Law enganou

(Continua na página seguinte)

A multidão rodeia os magníficos jogadores do Manchester United

O «capitão» Mário Coluna aponta a má noite do Benfica e deseja felicidades ao Manchester

Nos vestiários do Benfica havia aborrecimento, mas não desespero.

Ouvimos, em primeiro lugar, o «capitão» Coluna que, como sempre, parco de palavras, declarou:

— O jogo saiu-nos mal e o Manchester United esteve em noite excepcional. Desejo-lhes as maiores felicidades pois de certo serão os vencedores da Taça Europa deste ano.

«O Benfica não rendeu o seu habitual» — disse o dirigente Gastão Silva

O dirigente Gastão Silva, com palavras pausadas, só disse:

— A equipa inglesa venceu bem pois foi superior á nossa. O Benfica não rendeu aquilo que esperávamos e eles sobrepujaram-se. Se jogando o normal já seria difícil ganhar a eliminatória, dada a categoria do adevrsário, a exibição deitou por terra todas as nossas esperanças.

Custou cerca de vinte e oito contos uma fotografia do Manchester United

Como todos sabem o futebol inglês é o mais profissionalizado do mundo. Por isso mesmo as posições, direitos e deveres de clubes e jogadores estão perfeitamente definidos.

Recentemente, esteve em Manchester, o fotógrafo holandês Guus de Jong, da revista ilustrada «Revue», que pretendeu tirar uma fotografia á equipa do Manchester United.

Pois teve de pagar 2500$00 a cada um dos jogadores, porque havia nos contratos uma cláusula que estabelecia tal prémio para as fotos comerciais.

Assim De Jong pagou 27 500$00 e os futebolistas foram por quatro vezes ao campo, pois só no ultimo dia houve sol para a foto ser executada.

É o que se chama aproveitar a profissão ao máximo.

Schweppes

OPINIÃO DO ÁRBITRO: «PARECE INCRÍVEL COMO O BENFICA PERDEU»

Lo Bello, o siciliano que dirigiu um jogo sem «vendettas», teve sempre a partida na mão e, no final, disse-nos:

— É inacreditável que o Benfica tenha perdido por 5-1 com o Manchester United, mas a verdade é que os ingleses bem o mereceram e o vencedor não poderia ser outro.

O optimismo dos adeptos do Benfica antes do jogo principiar manifestou-se de vários modos

EXTRAORDINÁRIA EXIBIÇÃO DO MANCHESTER UNITED

(Continuação da página anterior)

os portugueses, jogando recuado. E o engano nunca foi percebido...

Best surgiu na frente. Aqui residiu o busilis da questão. A defesa portuguesa oscilou e perturbou-se. Nunca acertou a marcação. Não pôde ser capaz na antecipação. Embaralhou-se, tornando-se primária, ante um futebol inteligente, rápido, envolvente, de primeiro toque, acutilante. Gizado com uma singular descontracção.

Pressentiu-se um acontecimento histórico. Desagradabilíssimo para o Benfica. Mas o seu publico, a sua inconfundível falange de apoio, reagiu. Estimulando os seus atletas. Com incitamentos calorosos.

O jogo conheceu, depois, uma paralisação de situações perigosas, embora Costa Pereira houvesse salvo dois golos certissimos. Mas o predomínio continuava a ser dos ingleses. Invulgares na produção de um futebol invulgar.

E veio o segundo tempo. José Augusto surgiu na extrema direita, o seu verdadeiro lugar. Coluna reapareceu também, mas na missão de apoiador e Augusto Silva, o surpreendente substituto de Nelson, ocupou o lugar de Cruz o qual transitou para o de Coluna, médio de cobertura. O Benfica cresceu. Foi mais igual ao Benfica. Impulsivo e dominador. Enérgico e ameaçador. Perigoso. O Manchester acusou o toque, desconjuntando-se, perdendo qualidade nos passes e no entendimento.

3-1 (51 m., ou seja aos 6 m. do 2.º tempo), obra de Dunne na sua baliza, com o Benfica a apertar. Redobraram os incitamentos do publico, o empurrão que os jogadores sentiam. Seria possivel o milagre? Mas a pressão dos homens da Luz (por que não actuaram assim logo na 1.ª parte?) carecia de sentido prático. O sentido prático, com base no contra-ataque electrizante, que propiciou, por exemplo, o 4-1 e o 5-1, este num lance magistral. Cupula dourada de um futebol de ouro, em récita de gala.

●

O Benfica não foi o Benfica. Quando chegou á estação já o comboio, apitando três vezes, ia distante. E nunca mais seguiu viagem. Entristeceu-se, sentiu-se diminuido. Mas não baixou os braços. Lutou, lutou, teimosamente, para não ficar em terra. Contribuindo para valorizar o feito do Manchester.

De todas as suas unidades, Costa Pereira, apesar de ter consentido cinco golos, foi o mais regular, o mais positivo. Os restantes só o foram na segunda parte, porque na primeira acusaram desnorte. José Augusto viu-se mais na direita extrema, o «meio-campo» adquiriu maior consistência e o ataque acusou um apoio mais próximo. Deixou de existir a imagem de serem três ou quatro avançados do Benfica contra oito ou nove mancunianos, enquanto na defesa dos «encarnados» quatro homens guardavam... Best! Erro táctico de Guttmann. Falha imperdoável. Talvez a razão de ser da primeira derrota na Luz para o torneio. Da eliminação com um total de 8-3, no conjunto dos dois golos.

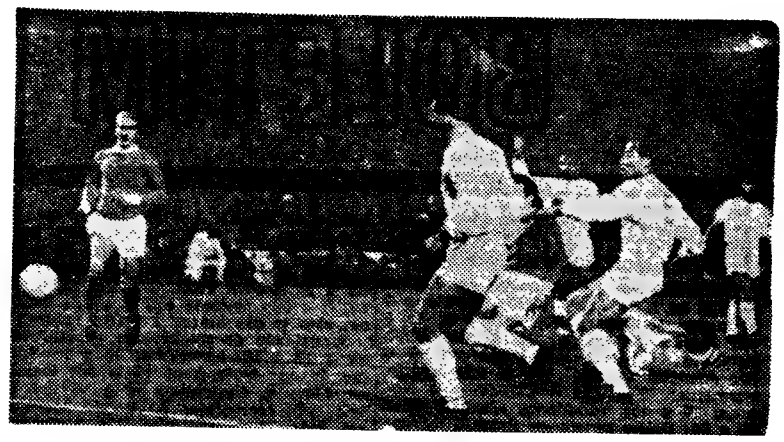
●

O Manchester United deslumbrou. Todos são dignos de elogios. Mas Best, Law e Charlton (que golo o seu...), Crerand, Stiles, Folkes e Gregg foram portentosos. Feliz selecção que possa contar com esta mescla britanica, «cocktail» de gosto requintado.

Será no dia 11 de Maio, a final que voltaremos a ver este extraordinário «onze»? Será que ele continuará a ser extraordinário?

O sr Lo Bello, italiano, foi «belo» falhas (duas) dos seus auxiliares. Mas os jogadores, correctissimos (e o Benfica, atormentado, foi modelar), facilitaram-lhe o trabalho.

F. S.



Toda a defesa batida. E era o 3.º golo...

Plena satisfação dos jogadores ingleses

Ao entrarmos na cabine do Manchester United vimos logo o «fogo-fátuo» Best que penteava as suas longas e encaracoladas melenas. Com o seu cerrado sotaque nordestino disse-nos:

— Estou imensamente satisfeito com tão clara vitória sobre um «onze» de tanta fama como o Benfica, pois a fama do adversário valoriza os triunfos.

A nossa exibição foi, no entanto, facilitada pela maneira correcta, aberta, de ataque franco como o Benfica jogou. Creio que o publico gostou muito da partida. Espero voltar a Lisboa para jogar a final.

«Quero os canários!» — exclamou Dunne

Perguntámos a Stiles como fora o golo marcado na própria baliza e ele declarou, apontando para Dunne:

— Aquele é que o marcou.

Dunne sorriu e informou: — Eu e o Gregg desentendemo-nos...

Então explicámos-lhe que tinha sido anunciada a oferta de um casal de canários ao marcador do primeiro golo do Benfica.

Então, Dunne exclamou:

— Quero os canários! Quero os canários!

Charlton aproximou-se ao ouvir as exuberantes exclamações do colega e riu com gosto ao saber do motivo. Resta saber se o ofertante será capaz de cumprir a promessa.

Gregg, que escutara tudo muito atentamente, disse:

— Então eu que defendi todos os remates dos avançados do Benfica não ganho nada?

Depois confessou-se satisfeito com o triunfo e com a possibilidade de voltar a Lisboa.

1.º golo do United. Best, o autor, e Law mostram o seu regozijo

Claros e escuros da Luz

por FERNANDO ASSIS PACHECO

O Benfica-Manchester United mobilizou meia Lisboa. Mas todo este entusiasmo não foi exclusivo nosso: em Inglaterra as apostas para o jogo atingiram totais astronómimos, quase tão elevados como os de uma boa corrida de cavalos. Favorito? O Manchester United, na proporção sintomática de 2 para 1.

Quatrocentos adeptos meteram-se por aí abaixo, com rocas, bandeiras, rosetas na lapela, fitas ao pescoço e barretes coloridos. A excursão, incluindo o bilhete para o jogo, custava 32 guinéus ou seja pouco mais de 2700$00.

No final da partida um eufórico adepto do United clamava, alto e bom som, que ia reservar hotel para 11 de Maio. Quer muito simplesmente ver a final, onde estarão presentes, segundo crê, os seus «Diabos vermelhos».

★

«Dos cinco só resta um», rezava um cartaz que foi amplamente passeado ao longo da linha lateral. Após a eliminação das outras quatro equipas portuguesas que este ano disputaram torneios europeus, restava de facto o Benfica, solitário como o seu símbolo alado — a águia.

Mas os adeptos da equipa visitante foram mais longe. Às vezes não esperamos coisas destas da parte dos ingleses... O seu unico cartaz: «Manchester United, the Religion» («Manchester United, a Religião»).

★

Na bancada especial da Imprensa havia um pouco de tudo: papel, lápis, canetas, telefones, fios dos ditos para a gente tropeçar. O enviado especial do «Corriere della Sera», habituado ao repouso de espírito que é o futebol italiano, preferia servir-se de uma elegante máquina de escrever. O correspondente do «Sport-Magazin» (Alemanha Federal) trouxera de casa o seu gravador portátil.

Quando chegou á bancada o enviado especial do mais inglês dos jornais ingleses, o «Times», os outros jornalistas de Além-Mancha brindaram-no com uma discreta salva de palmas.

Entretanto, um «furioso» do Manchester conseguira, não sabemos á custa de que argumentação, instalar-se na bancada da Imprensa. O seu suplício durou 14 minutos — até aos 3-0. Daí em diante, galhofou á vontade, certo de que os «White Angels» («Anjos Brancos»), como ele dizia, não escapavam do caldeirão de Pero Botelho.

Só o vimos em panico por altura de uma escapada de Eusébio Rofa as unhas e murmurava: «Chase him, chase him!» («Agarrem-no, agarrem-no!»).

★

O primeiro golo do Manchester não fez mais do que excitar o amor-próprio da «torcida» benfiquista, que imediatamente intensificou o seu apoio sonoro aos campeões nacionais. Mas o 2-0 deu uma sensação de jogo arrumado. Agitaram-se bandeiras vermelhas — as dos forasteiros .. O 3-0 foi a catástrofe, a avalancha subita, o maremoto. Ao nosso lado comentava-se:

— Querem ver que é como o Benfica-Santos?

O correspondente do «Sport-Magazine» ditava calmamente para o gravador: «Benfica, energia negativa».

★

O nervosismo da assistência, sobretudo no sector reservado aos sócios do Benfica e no terceiro anel, podia medir-se pela quantidade de fósforos que se acendiam de repente. Era uma coisa bonita de ver-se. Best disparado pelo meio do terreno — fósforos! Law a meter-se entre Germano e Cruz — fósforos! Costa Pereira desviando para canto um remate venenoso de Herd — fósforos! Muito se fumou ontem...

★

Havia várias ofertas para o marcador do primeiro golo do Benfica. As mais anunciadas pelos altifalantes foram um fogão a gás destinado «ao jogador do Benfica que marcasse o primeiro golo» e um casal de canários como prémio «ao jogador que marcasse o primeiro golo do Benfica». Duas coisas que não eram bem a mesma. Assim os canários pertencem de pleno direito ao defesa-esquerdo Dunne, enquanto o fogão a gás ficou, quem diria, por atribuir.

★

Desabafo na assistência:

— O Luz Afonso tem de fazer uma equipa nova...

— Afinal o «pão de Law» não é só na Páscoa!

— Este Manchester está sempre a fazer o jeito ao Sporting!

A porta da cabina do Manchester um adepto inglês desabafava á sua maneira: com a almofada no chão, pusera-se de joelhos e exclamava «Allah, Allah!».

★

O senhor Lo Bello chegou ao estádio da Luz vinte minutos antes de o jogo começar. A equipa do Benfica não se lhe adiantou muito: quarenta minutos. Os homens do Manchester, mais precavidos, entravam na cabina com uma hora de avanço sobre o horário.

No final tardaram em aparecer. Matt Busby só deixava entrar seis repórteres de cada vez, e pelas nossas contas a «toilette» durou quatro vezes seis repórteres — quase uma hora...

Do outro lado iam saindo os jogadores do Benfica: Costa Pereira e Germano de camisola, Simões e Eusébio de casaco, com o ar atónito de quem esteve em Pompeia no ano 79 da nossa era. O futebol é caprichoso...

A maior e mais bela vitória do Manchester United

Matt Burby, o dedicado «manager» do Manchester United, irradiava satisfação e declarou:

— Nada tenho a dizer senão que esta foi a melhor e a maior vitória do historial do Manchester United. Os jogadores fizeram um jogo magnífico e a sorte sorriu-lhes.

O Benfica, como grande equipa que é, obrigou os meus jogadores a esforçarem-se ao máximo. A vitória recompensa-os do esforço feito.

SERVIÇO FORD
LINCURI, LDA. ASSISTÊNCIA RÁPIDA - Av. JOÃO CRISÓSTOMO, 15
Ford CONCESSIONARIOS TAUNUS REPARAÇÕES GERAIS - Av. MIGUEL BOMBARDA, 6

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — **1.º programa** — 451 m — 655 kc/s — Às 16 e 30: Noticiário e Programa da Tarde; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 40: Rádio mocidade: 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção Luanda!; 19 e 15: Instrumentistas; 19 e 25: A Ciência e o Homem; 19 e 45: Variedades «Festival 66»; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 9.º episódio do folhetim «Mathias Sandorf»; 21 e 40: Musica brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 23: Programa da noite; 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

2.º **programa** — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: Festival de Chimay de 1965; 16 e 58: Resumo do programa; 17: Interrupção; 18: Que quer ouvir?; 18 e 35: Árias de óperas; 19: A evolução das formas musicais; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: Musica sinfónica (1.ª parte); 21 e 2: Temas sociológicos; 21 e 12: Musica sinfónica (2.ª parte); 21 e 58: Resumo do programa; 22: A Voz do Ocidente; 0 e 15. Fecho.

3.º programa — 94,3 mc/s — Às 22: 1.º e 2.º actos da ópera «Luísa»; 23 e 30: Ciclo Bach; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 30: Vozes de Portugal; 17: Noticiário; 17 e 2: Bossa nova; 17 e 15: Campeão português; 17 e 30: Cartas ao sr. produtor; 17 e 45: Ela e o seu mundo; 18: Folclore; 18 e 15: Clube das donas de casa; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Jornal da A. P. A.; 20: Noticiário; 20 e 15: Ribalta; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Conjuntos vocais; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Vozes e ritmos do Brasil; 21 e 30: Hot Clube, 22: Noticiário; 22 e 2: Composições de...; 22 e 15: A estrela da noite; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda. 0 e 02: Meia-Noite; 3 e 02: Sintonia 63; 6 e 02: Desculpe, mas já são horas; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequências — 90,7 mc/s — À 16 e 30: Noticiário; 16 e 35: Estúdio 4; 17: Noticiário; 17 e 50: Estrelas em FM; 19. Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa-noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Gó-Gó; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 02: Alta fidelidade; 1: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 785 kc/s — Às 16 e 30: Composições de...; 16 e 45: Eles cantam para si; 17: Noticiário; 17 e 2: Clube do Disco; 17 e 45: Vozes que são êxito; 18: Guitarras e fadistas; 18 e 15. Variedades; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 2: ... dirige o ritmo; 19 e 15: Vozes de Paris; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45. Melodias para si; 20: Noticiário, 20 e 3: Rádio placard; 20 e 7: Sucessos; 20 e 30: Um Xis Dois-Palpite; 20 e 45: Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Hoje é vedeta...; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Bossa nova; 22 e 15: Ele e ela; 22 e 30: Conjuntos de ritmo; 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude; 0 e 02: Meia-Noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16 e 30: O Clube das Donas de Casa; 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: C. C. C. igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Canções portuguesas; 19 e 45: A orquestra de Paul Mauriat; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: As vozes de Simone e Tony; 21 e 45: Trio Esperança; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica do cinema; 22 e 45: À esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16 e 30: O Clube das Donas de Casa, 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Canções portuguesas; 19 e 45: A orquestra de Paul Mauriat; 20: Musica para o seu jantar, 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: ópera, opereta, zarzuela ou bandas sonoras; 22: A musica é boa companhia; 22 e 30: Musica do cinema; 22 e 45: À esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 397 m — 755 kc/s — Às 17: Abertura; 17 e 5: Rumo ao futuro; 17 e 15: Separador; 17 e 20: Musica do século XX ou concerto; 17 e 45: Noticiário; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — 188 m — 1594 kc/s (99,4 mc/s) — Às 16 e 30: Rádio Voz de Lisboa; 17 e 30: Clube Radiofónico de Portugal; 19: Rádio Graça; 22: Rádio Peninsular.

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✽ Voluntários, 538524.

AGUA - GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✽ Companhias Reunidas, 537021 ✽ Gazcidla, 538821 ✽ Gazcidla (dom. e feriados), 382069

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✽ Segurança Publica, 366141 ✽ Judiciária, 735380 ✽ Marítima 326456 ✽ Internacional, 362721 ✽ Viação e Trânsito, 42205 ✽ G. N. R. (área rural), 36865.

SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ✽ Enfermagem permanente, 766161 ✽ Enfermagem de urgência, 43738 ✽ Hospital de Santa Maria, 775171 ✽ Hospital de S. José, 860131 ✽ Sangue, oxigénio e soro, 771161 ✽ Transfusões, soros e oxigénio, 538524.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✽ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✽ ✽ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✽ Estação Fluvial (T. Paço) 325345 ✽ Estação Mar de Alcântara, 663195 ✽ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✽ Estação Fluvial (Belém), 638531.

✝

Amadeu Rodrigues Pires

FALECEU

Florência Rodrigues Pires, Maria Teresa Rodrigues Pires Couceiro da Costa, seu marido e filhos; Maria Manuela Rodrigues Pires Campos Lopes, seu marido e filho; António Joaquim Rodrigues, sua mulher e filhos, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô e cunhado, e que o funeral se realiza amanhã, ás 12 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

Na TABACARIA POLAR, RUA 5 **contra-se á venda o «DIÁRIO DE D'OUTUBRO, 1-2, em CASCAIS, en-LISBOA».**

para os vossos transistors...

DIALUX

a pilha de confiança!

Programa da TV

HOJE — 1.º Período — Curso Unificado da Telescola — Às 15 e 15, Língua e História Pátria; 16 e 10, Ciências Geográfico-Naturais; 17 e 10, Francês; 18 e 10, Trabalhos manuais. **2.º período** — Às 18 e 45, Abertura; 18 e 47, Telejornal (edição da tarde); 19, TV Escolar — «Curso de Adultos»; 19 e 20, TV Educativa — «Matemática»; 19 e 40, TV Educativa — «Francês»; 20, Programa Feminino; 20 e 20, Hospital do Ultramar; 20 e 35, «Sangue na Estrada», por Joaquim Filipe Nogueira; 21, Telejornal (edição da noite); 21 e 20, Boletim meteorológico; 21 e 25, «O Dia da P. S. P.»; 21 e 50, «Actualidade Desportiva» (Imagens e comentários do jogo de futebol da 2.ª mão dos quartos de final da «Taça dos Campeões Europeus» entre as equipas do S. L. Benfica e Manchester United); 22 e 20, Variedades (Realização de Pedro Martins); 23 e 15, «Loreta Young Show»; 23 e 45, Telejornal (ultimas notícias); 23 e 50, Meditação; e 23 e 55, Fecho.

AMANHÃ — 1.º Período — Curso Unificado da Telescola — Às 15 e 15, Língua e História Pátria; 16 e 10, Matemática; 17 e 10, Francês; e 18 e 10, Desenho. 2.º Período — Às 18 e 45, Abertura; 18 e 47, Telejornal (edição da tarde); 19, TV Escolar — «Curso de Adultos»; 19 e 20, TV Educativa — «Ginástica Infantil»; 19 e 40, «TV Educativa — «Inglês»; 20, Episódio da série «Thierry La Fronde»; 20 e 25, «Ao Serviço da Nação» — programa das Forças Armadas; 21, Telejornal (edição da noite); 21 e 20, Boletim Meteorológico; 21 e 30, O Falso Profeta do Ghana; 22, Concurso «Dize Tu, Direi eu!» (6.ª sessão. Apresentação de Maria José Baião e Artur Agostinho. Realização de Fernando Frazão); 23 e 5, Episódio filmado da série «Olho Vivo»; 23 e 30, Telejornal (ultimas notícias); 23 e 35, Meditação; e 23 e 40, Fecho.

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno I

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — A. César, R. Prior do Crato, 74 (660187)

ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) ✽ **Góis, Ld.ª, Sucs.**, R. dos Anjos, 12-C-D (840101)

ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).

ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776905) ✽ **Aeroporto**, Av. do Aeroporto, lote 318 (722384) ✽ **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (721409)

AREEIRO — Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (727721) ✽ **Algarve**, Av. de Roma, 7-B (777478)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D (771661) ✽ **Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✽ **Cruz Nunes**, Pr. Duque de Saldanha 14 (41845) ✽ **Novais**, Av. Luís Bívar, 11-13 (44324)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) ✽ **Valadas, Suc.**, R. da Madalena, 235 (326260) ✽ **Cortez**, R. de São Nicolau, 93 (325378).

BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34 (784838) ✽ **Vitex**, Est. de Benfica, 373-B (780548)

BELÉM — Gomes, Suc. (Gonçalves), Rua da Junqueira, 326 (638193).

BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63 (611454)

CAIS DO SODRÉ — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (369120)

CAMÕES — Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96 (321534)

CAMPO GRANDE — Cabrita, Campo Grande, 220-222 (772397)

CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) ✽ **Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-9 (662838) ✽ **Elma** — R. D. Maria Pia, 358-A (686176)

CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo Vila Paulo Jorge, 1 (790969)

CONDE REDONDO — Saluz, R. Luciano Cordeiro, 73 (42239)

ENTRE-CAMPOS — São Miguel, P. Francisco de Morais, 1 (771469)

ESTEFÂNIA — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (734027)

ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta Possidónio da Silva, lote 3 (669435) ✽ **Rodrigues & Aires**, Rua da Lapa, 52-54 (662246)

GRAÇA — Silva, Calçada de Santo André, 16 (862074)

LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790484)

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237)

PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439) ✽ **Laranjeiras**, Rua Filipe da Mata, 160-162 (761035)

PAMPULHA — Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (661867)

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 16-A, Bairro de Santa Engrácia (728395-720703)

POMBAL — Ribeiro & Castro, Rua Braamcamp, 58 (43409).

RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A á Encosta do Restelo (612248)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) ✽ **Pereira, Suc.**, Rua do Paraíso, 98-100 (863224) ✽ **Branquinho**, Rua dos Sapadores, 87 (842725)

SANTO AMARO — Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) ✽ **Costa**, R. dos Lusíadas, 32 (636704)

SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores 59 (327901)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 271297).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BARREIRO — Moderna — R. D. Maria H. Gomes Araujo, 12 (Tel. 2273443).

COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — E. das Barrocas, 50-A (Tel. 275182).

MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025)

MONTIJO — Moderna — R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA — Lopes — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL — Rosado Pinto — P. de Bocage (Tel. 22484); **Nova** — Rua General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Carmele — R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); **Helénica** — R. Elias Garcia, J. P. L., loja B (Tel. 930213).

DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023)

QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); **Zeller** — R. da Republica, 83 (Tel. 950043)

CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

SÃO PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Simões — Estefania — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832).

COLARES — Colares — Abreja (T. 299088).

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Avenida Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).

OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204).

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).

CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova** — Est. Alvide — Fontainhas (Tel. 281044).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 4 3/4 % I. 10	685$00	682$00	—
Cons. 3 % I. 10	742$00	742$00	745$00
Cons. 3 1/4 % I. 10	840$00	838$00	842$00
Centenários 4 % 1940	1.970$00	1.972$00	1.980$00
Obg. Tes. 4 1/2 % 1942	—	1.015$00	—
Obg. Tes. 4 1/2 % 1943	—	1.008$00	—
Obg. Tes. 4 1/2 % 1944	—	1.015$00	—
Externo 1.ª série	—	1.245$00	1.250$00
Externo 1.ª série car.	—	1.265$00	1.275$00
Externo 2.ª série	—	1.270$00	—
Externo 2.ª série car.	—	1.270$00	—
Externo 3.ª série	1.310$00	1.305$00	1.310$00
Externo 3.ª série car.	—	1.355$00	1.370$00
Caut. 3.ª série s/l.	—	301$00	305$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	505$00
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás, Elect. 3 3/4 %	940$00	—	940$00
Gás, Elect. 4 %	—	920$00	935$00
Gás, Elect. 4 1/2 %	950$00	945$00	950$00
Gás, Elect. 5 %	985$00	975$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	87$00	—
U. E. P. 4 % 1945	90$50	90$00	91$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	93$00	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	95$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. do Douro	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	—	—	—
Metropolitano	1.011$00	1.009$00	1.011$00
Acções — Bancos			
Totta Aliança c/d	5.400$00	5.300$00	5.350$00
Alentejo	700$00	690$00	710$00
Angola	—	1.350$00	1.400$00
Espírito Santo	—	10.300$00	11.000$00
Lisboa & Açores	—	—	4.200$00
Portugal	2.080$00	2.075$00	2.100$00
Ultramarino	1.001$00	1.000$00	1.002$00
Agricultura	—	—	—
Crédito Predial	—	1.240$00	1.249$00
P. Atlântico	—	6.100$00	—
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	350$00	345$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	635$00	630$00	640$00
Ag. das Neves	—	90$00	—
Agricultura Colonial	—	—	—
Açúcar de Angola	850$00	845$00	855$00
Boror	—	—	—
Cabinda	—	—	—
Cadó	1.680$00	1.600$00	1.680$00
Col. do Búzi	67$00	66$00	67$50
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomati	—	—	—
Moçambique	54$00	53$00	55$00
Zambézia	—	44$00	45$00
Diamantes	—	—	—
Lobito	—	—	—

Comp.as diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	1.750$00	—
Cimentos Leiria	1.400$00	1.300$00	1.500$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	1.215$00	1.210$00	1.220$00
Nac. de Navegação	—	—	—
Col. de Navegação	—	575$00	580$00
Port. de Celulose	4.750$00	4.730$00	4.780$00
Port. de Pesca	—	980$00	—
Port. de Tabacos	265$00	264$00	265$00
Tabacos de Portugal	—	870$00	—
Petroquímica	—	3.650$00	3.700$00
Termoeléctrica	1.705$00	1.705$00	1.710$00
Sacor	—	—	5.350$00
Águas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934			
Aguas Lisboa 1936	—	575$00	585$00
Eléct. das Beiras	—	510$00	—
Gás e Electricidade	1.925$00	1.920$00	1.930$00
H. Alto Alentejo	499$00	499$00	500$00
H. E. Cávado	262$00	260$00	263$00
H. E. Zêzere	—	—	1.290$00
Nac. de Electricidade	1.400$00	1.390$00	1.400$00
União Eléctrica Port.	1.720$00	1.715$00	1.725$00
H. Douro	258$00	257$00	260$00
H. E. S.	—	—	—
F. Invest. Atlântico	—	158$50	163$20

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul — Rand	36$00	38$00
Alemanha — Marco	7$05	7$25
América:		
Dólares de 1 e 2	28$35	28$65
Dólares de 5 a 1000	28$55	28$85
Argentina — Peso	$10	$15
Austria — Shilling	1$10	1$15
Bélgica — Franco	$56	$58
Brasil — Cruzeiro	$01,1	$01,6
Canadá — Dolar	26$30	26$80
Dinamarca — Coroa	4$07	4$27
Espanha — Peseta	$47,2	$48,2
Congo — Franco	$06	$08
França — Franco	5$77	5$92
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,52	$04,67
Marrocos — Dirham	4$50	5$00
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$70
Ouro:		
Inglater. (Libra Isabel)	285$00	295$00
Inglaterra (Libra)	285$00	295$00
Portugal — barra fino	32$80	33$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Telef. 321273

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

ENFERMAGEM DE URGÊNCIA
CENTRO — SANTA MARTA
SERVIÇO DOMICILIARIO PERMANENTE — OXIGÉNIO — SOROS — CAMAS ARTICULADAS
R. Conde de Redondo, 56-2.º
Telf. 43738

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE

A VOZ DO SANGUE — no AVIS e no ODEON

TIVOLI — Telef. 5 05 95
As 3 da tarde e 9.30 da noite (M. 12 anos)
9.ª SEMANA
Um espectáculo maravilhoso em TODD-AO em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

MONUMENTAL — Telef 55 51 31
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA (Adultos)
NÃO INCOMODE
«DO NOT DISTURB»
com Doris Day — Rod Taylor

QUINZENA BRIGITTE BARDOT
AMANA (Adultos) As 18.30
BABETTE VAI À GUERRA
Dia 14 — A Verdade (Adultos)

SÃO JORGE — Telef. 5 41 53/54
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
Vinho, musica e «pandegos» eram a sua ocupação
O MUNDO DE HENRY ORIENT
com Peter Sellers e Paula Prentiss

ODEON — Telef. 32 62 83
HOJE, ás 21.30
ESTREIA
O notável e vibrante filme inteiramente rodado em Angola
A VOZ DO SANGUE
Realização de **Augusto Fraga**
com **Carmen Mendes, Virgílio Teixeira e Heitor Gomes Teixeira**
A odisseia de um homem que não quer revelar ao filho que é seu pai. Porquê?
(Maiores de 12 anos)

EDEN — Telef. 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
O maior êxito de gargalhada
(M 12 anos)
O OPORTUNISTA

POLITEAMA — Telef. 32 63 05
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
3.º MÊS TRIUNFAL
10.ª SEMANA com
CANTINFLAS, O BOM PASTOR
a comédia de mais alto nível do maior ídolo do publico
Eastmancolor — (M. 12 anos)

CONDES — Telef. 32 25 29
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
(Adultos)
DORIS DAY e ROD TAYLOR
O casal mais maluco numa doida aventura em Paris..
NÃO INCOMODE
«DO NOT DISTURB»
Cinemascope e Cor de Luxe

AVIS — Telef. 4 71 63
Às 21.45
ESTREIA
(Maiores 12 anos)
Virgílio Teixeira e Carmen Mendes
no aplaudido filme português de Augusto Fraga
A VOZ DO SANGUE
Inteiramente rodado em Africa!

ALVALADE — Telef. 76 30 80
Às 15.45 e 21.45
(Adultos)
Empolgante! Excepcional!
O ESPIÃO QUE SAIU DO FRIO
com Richard Burton e Claire Bloom

RESTELO — Telef. 61 03 75
Às 21.30
(M. 12 anos)
O DESPORTO FAVORITO DOS HOMENS
comRock Hundson e Paula Prentiss

TERRASSE — Telef. 32 09 17
Às 15 e 21 h.
(M. 12 anos)
OS 4 FILHOS DE KATIE ELDER
com John Wayne e Dean Martin

TÍTÁ-LON
O MELHOR FECHO DE CORRER NYLON

SÃO LUIZ — Telef. 32 71 72
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(Adultos)
O ESPIÃO QUE SAIU DO FRIO
com Richard Burton e Claire Bloom

IMPÉRIO — Telef. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
Sophia Loren e Marcello Mastroiani no laureado filme de Vittorio de Sica
MATRIMÓNIO À ITALIANA

ESTÚDIO CINEMUNDIAL
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
(Adultos)
O sensacional filme de Hitchcock
CONFESSO

MUNDIAL — Telef. 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
Uma comédia musical deslumbrante de cor
A HERANÇA
com Ruth Levwerik e Heinz Rühmann

ROMA
Plateia 72 77 78
Balcão 72 91 92
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA de enorme êxitol
Fernandel e Gino Cervi
no melhor filme da famosa séria inspirada nos romances de G. Guareschi!
DOM CAMILO NA RÚSSIA
Um espectáculo de franca gargalhada!

CINEMA IDEAL — Telef. 32 41 94
Às 15.15 e 21 horas
(M. 17 anos)
RESTOS DE UM PECADO
KASSIM, O BANDIDO

S. LUIZ — Telef. 4 85 60
As 21 horas
(Adultos)
A TENTAÇÃO DO DINHEIRO PERDIDA PELO MUNDO

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Um domingo em Nova York» (17 anos)
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23 h: «A ponte a pé!» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «Todos eram meus filhos» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Seis personagens á procura de um autor» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «A guerra do espanador» (17 anos).

CINEMAS

COLISEU — «A espada do herói» (12 anos).
CINEARTE — Às 15 e ás 21: «Com jeito vai... Cleópatra» (17 anos).
PROMOTORA — Às 15 e ás 21: «Furia assassina» (17 anos).
ARCO-ÍRIS — «Terra bruta» (12 anos).
PARIS — Às 15 e ás 21: «A carga dos rebeldes» (17 anos).
JARDIM CINEMA — Às 15 e ás 21: «Zorba, o Grego».
OLIMPIA — Às 14 e ás 19: «Os 10 gladiadores» (12 anos)
SALÃO LISBOA — «A eterna duvida» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O sol chega de manhã» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «O homem que morreu duas vezes» (12 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21: «A desconhecida de Hong-Kong» (17 anos).
BÉLGICA — Às 21: «O Indomável» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A galinha dos ovos de oiro» e «Carga de Cavalaria» (12 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «A patrulha perdida» e «Sublime aventura» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO — Às 21 e 15: «O maior espectáculo do Mundo» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Um beijo na Primavera» e «Tin-Tan na Casa do Terror» (17 anos).

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21: «O Tigre Ataca» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «A Taberna Maldita» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 30: «Murituri» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A que morreu de amor» (1 7anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A 6.ª testemunha» (17 anos).

● Na Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O Expresso de von Ryan» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Escandalo em Villa Fiorita» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Um rei em Nova York» (12 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Um homem em fuga» (17 anos).

Convite Schweppes

Férias em Londres no «Mundial» de Futebol

Só depois de publicadas as 20 perguntas começará a recepção dos cupões com as respostas

(Continuação da 1.ª página)

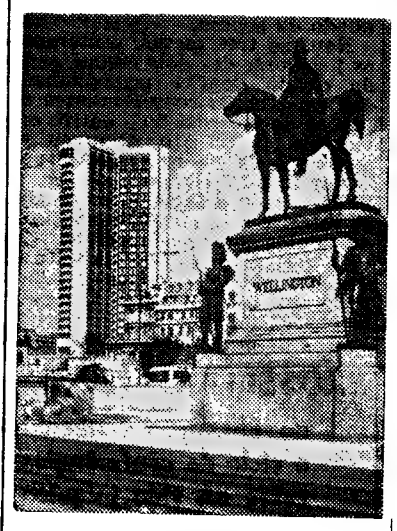
tas e todos, também, perfeitamente elucidados sobre os preceitos regulamentares.

Reconhecida, portanto, a singeleza do concurso, que é francamente fácil, os leitores do «Diário de Lisboa» preparam-se para o grande acto da iniciativa, o sorteio, o qual dará a conhecer as identidades das pessoas que viajarão até Londres e ali permanecerão durante 20 dias no Hotel Cliffton-Ford, um estabelecimento de primeira categoria situado no centro da cidade. A dois passos da zona das casas de espectáculos e das mais importantes lojas.

Entretanto, registamos o facto de o concurso estar a ser um interessante passatempo. O noticiário dedicado ao «Mundial» e as várias secções dedicadas a Londres, além de ilustração gráfica variada, entretêm o leitor na medida em que fornecem indicações de inegável interesse, algumas importantes para a descoberta das respostas. «Convite Schweppes» cumpre uma missão, desde que anunciou o propósito de apoiar a presença da selecção de Portugal na fase final do campeonato do mundo.

Como nota oportuna convirá ainda, quanto ao envio dos cupões, logo que esteja completa a colecção das vinte respostas, relembrar que oportunamente será publicado o boletim identificador, sem o qual, nada feito. Isto é, o seu envio, juntamente com os cupões, é absolutamente necessário.

IMAGENS DE LONDRES



O Milton Hotel, 512 quartos, em Park Lane, está erigido junto da estátua do duque de Wellington

A catedral de S. Paulo junto do Tamisa

Buckingham Palace

A cerimónia das chaves, na Torre de Londres, existe há 600 anos

COMISSÃO DE DISCIPLINA

A F. I. F. A. nomeou uma Comissão de Disciplina que funcionará durante o «Mundial».

Formam-na as seguintes individualidades:

Maduro (Curaçau).
Benito Pico (Espanha).
McGuire (Estados Unidos).
Colombo (Argentina).
Ohes Ogan (Ghana).

A PERGUNTA DE HOJE

Das três hipóteses, uma será, como é óbvio. Vamos por partes, como o costume. Nada de precipitações. O Brasil e a França (os que figuram em primeiro lugar nas duas primeiras hipóteses) já foram adversários dos portugueses. Deduz-se que os respectivos companheiros de hipótese também o foram.

Dentro desta ordem de ideias, ficam os restantes, vindo, a propósito informar que nunca Portugal teve por antagonista a Rússia. Percebido?

HUNGRIA
(10 milhões de habitantes)

Cinco comparências 1934, 1938, 1954, 1958 e 1962. Finalista em 1938, contra a Itália, e, em 1954, contra a Alemanha Possui 116 000 futebolistas e 3960 clubes. Seleccionador-treinador: Lajos Baroti. Dos seus jogadores, Florian Albert é a «vedeta». Grande técnica e remate.

INGLATERRA
(41 milhões de habitantes)

Ausente em 1930, 1934 e 1938 e presente nos quatro campeonatos seguintes. Em 1962 chegou aos quartos-de-final. Possui um milhão de jogadores dos quais 7500 são profissionais Trinta mil clubes dos quais 92 são profissionais.

Seleccionador - treinador Alfred Ramsey. Jimmy Graves é a «vedeta», 65 vezes internacional.

ITÁLIA
(50 milhões de habitantes)

Presente em cinco «Mundiais»: 1934, 1938. 1950. 1954 e 1962 Em 1934 e 1938 conquistou o 1.º lugar. Possui 500 mil jogadores distribuidos por 3695 clubes dos quais 38 são profissionais e 162 semi-profissionais.

Seleccionador· Edmondo Fabbri. «Vedeta»: Sandro Mazzola.

MÉXICO
(34 milhões de habitantes)

Compareceu nos «Mundiais» de 1950, 1958 e 1962. Possui 60 000 fotebolistas dos quais 800 são profissionais. 30 000 clubes dos quais 200 são profissionais. Seleccionador-treinador: António Trellez Campos. «Vedeta»: António Casbajal, 36 anos de idade e cinco presenças no «Munidal».

PORTUGAL
(10 milhões de habitantes)

Estreante no «Mundial» na fase final. Seis presenças: 1934, 1938, 1950, 1954, 1958, e 1962. Possui 530 clubes que englobam cerca de 30 000 jogadores.

Seleccionador: Manuel Luz Afonso. Treinador: Otto Glória. «Vedeta»: Eusébio.

Marque assim ☒ a resposta exacta

Convite Schweppes — Férias em Londres no «Mundial» de Futebol

Pergunta

11

DOS FINALISTAS PRESENTES EM INGLATERRA QUAIS FORAM OS TRÊS PAÍSES QUE NUNCA DEFRONTARAM PORTUGAL?

Brasil, Espanha, Itália ☐

França, Hungria e Bulgária ☐

Rússia, Coreia do Norte e Uruguai ☐

Diario de Lisboa

VIDA POLÍTICA

Presidente do Conselho

Com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar trabalhou, esta manhã, o subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

● Ministro de Estado

O ministro de Estado recebeu, hoje, o sr. José Félix Mira, governador civil do distrito de Évora.

● Secretário de Estado da Indústria

O secretário de Estado da Indústria recebeu, esta tarde, o governador civil e o presidente do Município de Coimbra, o deputado eng. Mário Galo e o presidente da Junta Autónoma de Estradas.

ATACADO E SAQUEADO O CONSULADO DA CHINA EM DJAKARTA

DJAKARTA, 10 — (R.) — Estudantes do ensino secundário atacaram e saquearam, ás primeiras horas de hoje, o consulado-geral chinês nesta capital.

Outros estudantes feriram um diplomata chinês ao atacarem e saquearem a repartição do comércio da China.

Um informador da Polícia disse que o diplomata foi atingido por pedras lançadas por alguns elementos de um grupo de cerca de 100 estudantes.

O almirante Griffin visitou os depósitos da N. A. T. O. na Outra Banda

O almirante C. D. Griffin, comandante-chefe das forças aliadas da N. A. T. O. no Sul da Europa, que desde ontem se encontra entre nos, visitou, esta manhã, os depósitos de munições e combustíveis daquela organização

Após essa visita, o almirante Griffin dirigiu-se para a cidade de Setubal, onde o sr. general Gomes de Araujo, ministro da Defesa Nacional, lhe ofereceu um almoço intimo, na Pousada de S. Filipe.

O comandante-chefe das forças aliadas da N. A. T. O. no Sul da Europa deixa amanhã o nosso País.

Sorteio de títulos de obrigações do Tesouro

Na terça-feira, ás 10 horas, na sala das sessões da Junta do Crédito Publico será feito o sorteio de títulos dos empréstimos Obrigações do Tesouro de 2 1/2 por cento de 1944 e 1946 e 3 1/2 por cento de 1938 (2.ª á 5.ª séries), 1950 (1.ª série) e do 5.º centenário do infante D. Henrique, 1960, 2.ª emissão.

NJONO EXECUTADO

SINGAPURA, 10 — (A. N. I.) — O chefe comunista indonésio Njono recusou-se a pedir o perdão do presidente Soekarno e foi morto por um pelotão de fuzilamento na segunda-feira passada, segundo anunciou a emissora clandestina «Voz da Indonésia livre».

O Benfica ofereceu um almoço à caravana do Manchester

A direcção do Sport Lisboa e Benfica ofereceu hoje, no Restaurante Folclore, um almoço em honra dos dirigentes e jogadores do Manchester, que ontem venceu, por 5 a 1, o popular clube lisboeta, em jogo a contar para os quartos de final da Taça dos Campeões Europeus.

Na mesa da presidência, tomaram lugar os presidentes da assembleia geral, da direcção e do conselho fiscal do Benfica, respectivamente, srs. drs. Sidónio Rito, António Catarino Duarte e Dídio de Aguiar; o sr. L. C. Edward, presidente do Manchester, e esposa; a esposa de Matt Busby, treinador da equipa inglesa; D. D. Hardum, J. Richards e L. Shipman, dirigentes do Manchester, o ultimo acompanhado da esposa.

Noutras três mesas, sentaram-se os jogadores dos dois clubes, estando os do Benfica acompanhados das esposas; os representantes dos órgãos de informação e outros convidados. O almoço decorreu em ambiente da maior camaradagem.

Aos brindes, falaram os srs. dr. Sidónio Rito e D. D. Hardum, que se referiram ás excelentes relações existentes entre os dois clubes, tendo o dirigente benfiquista feito votos por que o Manchester seja o vencedor da Taça dos Campeões Europeus de 1966.

PROSSEGUE HOJE

na Fundação Gulbenkian o ciclo de conferências sobre «A vida psíquica do homem»

Prossegue hoje, ao fim da tarde, no novo auditório da Fundação Calouste Gulbenkian (com entrada pela Rua do Marquês de Sá da Bandeira), o ciclo de conferências subordinado ao tema geral de «A vida psíquica do homem». A conferência será proferida pelo sr. prof. dr. António Fernandes da Fonseca, que se ocupará de «A herança de algumas funções psicológicas».

Visita de deputados à província da Guiné

No avião da carreira da TAP, segue esta noite para Bissau, em visita á província da Guiné, um grupo de doze deputados á Assembleia Nacional por círculos ultramarinos. São acompanhados pelo sr. dr.. Soares da Fonseca, vice-presidente e «leader» daquela camara, e pelo deputado sr. dr. J. Pinto Bull, secretário-geral da Guiné.

A marcha das operações na província de Angola

LUANDA, 10 — (A. N. I.) — É do seguinte teor o comunicado relativo ao período de 2 a 9 do corrente, dos serviços de informação publica das Forças Armadas de Angola:

«No período, foi intensa a actividade das nossas forças, com vista a impedir infiltrações de grupos de bandoleiros e suas acções criminosas e a actuar nas áreas onde os mesmos se acoitam. Forças navais levaram a efeito acções de patrulhamento e de vigilancia fluvial, marítima e terrestre, a fim de se oporem á infiltração e actividade dos terroristas no território nacional, cooperando, ainda com as forças terrestres na actividade operacional.

Forças aéreas efectuaram acções independentes de patrulhamento e reconhecimento e cooperaram com forças de superfície, efectuando ainda missões de transporte. Forças terrestres levaram a efeito operações e acções no quadro geral da missão das Forças Armadas em Angola, de defesa do território e protecção das populações, procurando reduzir as áreas de refugio dos bandoleiros.

Da actuação das nossas forças, salientam-se as acções levadas a efeito ao longo do rio Huezo, nas regiões de Nambuangongo, serra Vamba e Pange. Os fora-da-lei, em consequência da actividade desenvolvida, sofreram várias baixas, a destribuição de numerosos locais de refugio e a captura de diverso material.

Neste período, registaram-se algumas flagelações e reacções contra a acção das nossas forças, nomeadamente nas regiões da serra Vamba, Sanga, na planície e no itinerário Zala-Bela Vista. Verificou-se, ainda, a flagelação de uma viatura civil que se deslocava isoladamente, do que resultou a morte de dois dos seus ocupantes, e outra, sem consequências, a trabalhadores da fazenda Crespo. As nossas forças sofreram um morto, cujos elementos de identificação foram oportunamente comunicados aos órgãos de informação publica, e 4 feridos, havendo a lamentar ferimentos num civil.

Continua a verificar-se a apresentação de individuos ás autoridades legítimas».

No centro de Ílhavo uma camioneta chocou com um automóvel ficando quatro pessoas feridas

ÍLHAVO, 10 — Na Praça da Republica, no centro desta vila, deu-se hoje um violento choque de veículos, que produziu um grande estrondo e certo alarme.

Uma camioneta da distribuição de leite, conduzida por Ramiro Mesquita Maranhão, de 27 anos, natural de Seixo de Mira, embateu com um carro particular, conduzido pelo sr. Armindo dos Santos Loureiro, de 34 anos, casado, natural de Esgueira, no qual seguiam a sua esposa, sr.ª D. Maria de Lourdes Amorim dos Reis, de 40 anos, D. Aurora dos Reis, solteira, de 45 anos, e a menina Maria de Lourdes de Reis Castro, de 1 ano, que ficaram todas feridas, bem como o condutor da camioneta.

Esta, após o choque, ainda foi destruir parte do tapume do antigo Café Central.

As duas senhoras sofreram contusões torácicas e fractura de costelas, sendo grave o estado da sr.ª D. Aurora dos Reis.

Mulher morta por uma automotora numa passagem de nível

S. JOÃO DA MADEIRA, 10 — Esta manhã, cerca das 7 horas, quando atravessava a passagem de nível existente no lugar das Fontaínhas, desta vila, foi colhida, pela automotora que partira de Espinho, a sr.ª Rosa Margarida Resende, de 69 anos, viuva, doméstica, residente no lugar de Manhouce, Arrifana, Vila da Feira.

A vítima foi conduzida ao hospital desta vila, onde faleceu pouco depois.

O guarda da passagem de nível, sr. Domingos Monteiro, avisou a sinistrada da aproximação da automotora.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava nublado em algumas regiões e limpo noutras, e o vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 22°,5; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, —1°.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 14°; Faro, 14°; Funchal, 17°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 11°; Portalegre, 15°; Porto, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL—Na água do mar, 13°,7; na atmosfera, 14°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima, 20°,1; mínima, 10°,2. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 18°,3; mínima, 10°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Leste; regime de levante na costa algarvia; possibilidade de progressivo aumento de nebulosidade, de rotação de vento para Sueste para o sul do Tejo.

AMANHÃ:

SOL — *Nascer ás 6 e 56* — *Ocaso ás 18 e 39*

FASES DA LUA

Dia 14 — Dia 22 — Dia 29 — Dia 5

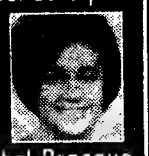
MARÉS

PREIA-MAR — Dia 10 — Às 5 e 32 (4,3 m); 17 e 50 (4 m). Dia 11 — Às 6 e 10 (4 m); 18 e 32 (3,8 m). Dia 12 — Às 6 e 53 (3,7 m); 19 e 20 (3,6 m).

BEIXA-MAR — Dia 10 — Às 11 e 08 (0,8 m); 23 e 25 (0,8 m). Dia 11 — Às 11 e 50 (1 m). Dia 12 — Às 0 e 15 (1,1 m); 12 e 41 (1,3 m).

DOMINGO, 13 DE MARÇO ÀS 15 E 30 HORAS

PARE...
DEITE CONTAS À VIDA
E COMPRE SEM DEMORA
O SEU BILHETE PARA A
GARRAIADA DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
AMANHÃ PODE SER TARDE!
UNICO! NUNCA VISTO!
sensacional competição entre dois grupos de FORCADOS e FORCADAS comandados pelo «Cabo» Carlos Gueifão e pelo



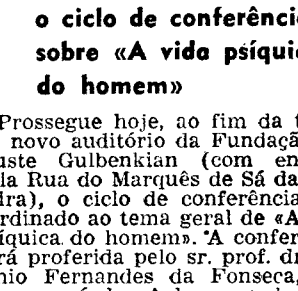
«Caba» Maria Isabel Peneque

6-GARRAIAS-6
Bactereològicamente puríssimas

CAVALEIROS
JOSÉ LUÍS SOMMER DE ANDRADE
VICTOR RIBEIRO
ESPADAS
JOSÉ PISCO
ANTÓNIO CALADO

BILHETES À VENDA:
Nos Restauradores, 7
Telef. 32 17 12 e 3 07 69)
e na Praça de Toiros
(Telef. 77 18 19 e 76 15 39)
MARCAÇÕES:
O praso para a sua renovação nã presente temporada termina no próximo dia 25

HOTEL ESTORIL-SOL
AMBIENTE DE LUXO
SALAS PRIVADAS E SALÕES COM CAPACIDADE ATÉ 1200 PESSOAS • BANQUETES • LANCHES DE CASAMENTO • COCKTAILS • CONFERÊNCIAS • CONGRESSOS •
PREÇOS NORMAIS
TEL. 28283 (15 linhas)



DE 10 A 19 DE MARÇO
das 10 às 24 horas
MARCAMPO
Expõe, no seu Salão de Vendas:
Caravanas: «FLECHA» e «MARCAMPO»
+ novos modelos — novas concepções
+ mais conforto — grandes inovações
Barcos de recreio + Tendas + Atrelados de carga «CHAIGNEAU»
Marcampo — Artigos de Campismo, Lda.
Av. Almirante Gago Coutinho, 102-B
Tel. 72 67 76 LISBOA

candeeiros
MODERNOS E CLÁSSICOS
300 MODELOS DIFERENTES
A PRONTO OU COM FACILIDADES É SEMPRE MAIS ECONÓMICO NA
Bardo
AV. DA LIBERDADE, 131
RUA DE S. BENTO, 53 A 57
AV. ALMIRANTE REIS, 124-B

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Vida literária e artística

2.º CADERNO
SUPLEMENTO SEMANAL DO
Diário de Lisboa
N.º 397
10-3-1966

Aspecto do banquete de homenagem a Isabel da Nóbrega, na altura em que a escritora proferia o seu discurso de agradecimento

Isabel da Nóbrega Prémio Camilo Castelo Branco

No sábado passado, com a presença de numerosos escritores, artistas, editores — irmanados no apreço de uma obra literária e da personalidade intelectual da autora — realizou-se na Casa das Beiras o jantar de homenagem a Isabel da Nóbrega, para entrega do Prémio Camilo Castelo Branco que consagrou o seu romance «Viver com os Outros». O acontecimento teve excepcional projecção literária e social. E o seu eco perdurável ficará assinalado não só na significação do acto como na das palavras que foram proferidas — por Mário Dionísio, em nome do juri que atribuiu o Prémio; pelo dr. Luís Borges de Castro, em representação do Grémio dos Editores e Livreiros, a que preside e que instituiu aquele galardão literário; e pela ilustre escritora, em agradecimento da homenagem recebida e testemunho da sua actividade criadora.

Reproduzimos a seguir, na íntegra, as palavras proferidas por Mário Dionísio

Discurso de Mário Dionísio

«Desculpem-me lembrar que, ainda não há muito tempo, quando me vi na situação certamente agradável mas um tudo-nada incómoda, em que neste momento Isabel da Nóbrega se encontra, me atrevi a dizer que «já vai sendo, ao que parece, da sabedoria das nações que os jantares e outras homenagens seriam a coisa mais simpática do mundo se não fossem os discursos» e que «essa verdade que os dicionários do futuro registarão nas suas páginas de provérbios e máximas, não é mais sentida por quem sorridentemente os ouve do que por quem sorridentemente os pronuncia...» É talvez sobretudo por isso que, quando chega a altura crítica de se escolher quem deve discursar em nome dos que tiveram a terrível missão de julgar, me escondo todo atrás da grande esperança de não ser o escolhido e tudo invento para que tal não aconteça. Isso tentei, desta feita, uma vez mais. Mas, por exclusão de partes e porque não houve forças que convencessem a falar em publico aquele que, por direito próprio do seu prestígio de escritor, por ter sido o presidente do juri que premiou «Viver com os outros» e pela sua própria opinião sobre a obra de que se trata, deveria ser o orador oficial da noite, por isso e só por isso, aqui me tem, Isabel da Nóbrega, aqui me têm. Aqui me têm a tentar explicar-nos (um juri deve explicar-se), coisa bem pouco fácil, na verdade, pois é sabido como, de ano para ano, se torna mais espinhoso escolher, distinguir, premiar um livro. Não porque, no nosso País como por esse mundo fora, o nível geral das obras vá descendo a ponto de ser especialmente custoso encontrar algumas, para não dizer muitas, que mereçam ser galardoadas, nem também porque vá subindo tanto que uma destrinça entre elas se torne inviável. Mas porque, não se sabe bem como, pouco a pouco nos vamos tornando mais exigentes, mais custosos de entusiasmar, mais reticentes, mais embaraçados para definir o que se revela cada vez mais esquivo a deixar-se definir: a obra-tipo, a obra-prima, a primeira entre várias que também poderiam se-lo, enquanto todos os padrões ruem, todas as normas, todas as regras e, mais e mais, aprendemos a descobrir virtudes ainda ontem insuspeitadas naquilo mesmo que mais defeituoso nos parecia ou pareceu ou ainda parece — e, no entanto, já o não é. Os historiadores de literatura do futuro hão-de sorrir deste embaraço porque terão talvez dificuldade em compreender até ao fundo a hesitação crescente que ora sentimos perante nós próprios na situação de desajustamento constante entre o que já aprendemos a dizer e já não é o que efectivamente pensamos ou o que, não formulado ainda em termos fácilmente comunicáveis, aponta já noutra direcção ou direcções. Um livro bem escrito. Mas que é um livro bem escrito? Um livro bem construído. Mas que é um livro bem construído? Um livro verdadeiro. Mas que é um livro verdadeiro? Onde começa e até onde deverá ir e estimular-se a ousadia necessária, a destruição indispensável que toda a reconstrução exige? Que melhor exprime, ajuda a exprimir, ao menos a encontrar, aquilo que somos ou, mais rigorosamente, aquilo que, a todo o momento em nós mudando, ainda não sabemos que somos ou vamos ser?

As novidades e as reacções ás novidades, que sempre naturalmente existiram e provàvelmente sempre existirão, sucedem-se hoje em ritmo acelerado. Ainda há dois dias Ionesco era considerado qualquer coisa de louco e incompreensível, o ponto mais avançado da vanguarda literária. Pois esse mesmo Ionesco, com a sua ultima peça na *Comédie-Française*, acaba de declarar-se contra o «nouveau roman», que manifestamente não entende, cujas personagens acusa de desumanizadas e no qual não vê senão «du bricolage».

Por tudo isto, cada vez menos a atribuição de um prémio terá agrado geral. E tudo quanto pode consolar-nos é admitir que, não fosse embora indesejável tal agrado geral (cada membro de um juri, no momento em que julga, sente bem a responsabilidade do invisível diálogo que sempre se estabelece entre ele e a grande massa do publico invisível, indefinível e que no entanto, pesa), não é ele, esse agrado geral, porventura indispensável. Pois não é talvez o julgamento deste publico imediato que, acima de tudo importa, mas o do que vem a seguir, por vezes bastante mais tarde, aquele em que, entretanto, foram amadurecendo as condições bastantes para aplaudir ou cobrir de ridículo a nossa escolha.

Aqui me têm, portanto, defrontando dificuldades práticamente impossíveis de vencer. Mas aqui me têm, não quereria deixar de sublinhá-lo, e sem esquecer tudo o que antes disse, aqui me têm, não só com a honra que é de norma invocar-se nestas ocasiões mais ou menos solenes, mas com prazer, com alegria, para tudo dizer: com felicidade, porque, se acaso não exagero, este jantar é um momento excepcional (peso bem as minhas palavras: um momento excepcional) não só na sua vida de escritora, Isabel da Nóbrega, mas na de todos nós. Estão aqui escritores, leitores, amigos

(Continua na página seguinte)

«Livros e Autores»

Além de Mário Sacramento e de Gastão Cruz, que iniciaram na semana anterior a sua colaboração regular na secção de crítica literária «Livros e Autores», neste Suplemento, em obediência a uma nova orientação do sistema da sua realização material e da sua apresentação, vai dar-lhe com assiduidade a sua contribuição de apreciações críticas, especialmente em relação e ensaios literários, o escritor Eduardo do Prado Coelho. Não é um nome que os nossos leitores desconhecem, pois o jovem ensaísta e crítico tem colaborado com frequência neste Suplemento, nos ultimos anos, em crónicas reveladoras de uma maturidade intelectual e de uma amplitude de cultura que justificam o mais largo apreço.

Eduardo Prado Coelho tem publicado os seus trabalhos de crítica e interpretação literária não só no «Diário de Lisboa» como em outros jornais e revistas — «Seara Nova», «Vértice», «Colóquio», «Republica», «Jornal de Letras e Artes» — mantendo um lugar que é já prestigioso na vida literária e intelectual portuguesa. A colaboração de Eduardo Prado Coelho como crítico literário na secção semanal «Livros e Autores» é mais um valor a acrescentar aos que consagram a secção perante o publico interessado, pela pena de Mário Sacramento e Gastão Cruz, assegurando a apreciação actualizada e independente das obras

EDUARDO PRADO COELHO

que nos forem enviadas. Depois de Alexandre Pinheiro Torres, cuja isenção, objectividade, consciência clara dos valores e nível intelectual na crítica, permitiram manter neste suplemento uma tradição que se quere conservar indeclinávelmente, a colaboração de Mário Sacramento, Gastão Cruz e Eduardo Prado Coelho é uma garantia de continuidade com que temos de congratular-nos em expresso testemunho.

O meu encontro com Ferreira de Castro

por ARTHUR DALMASSO

Médico de grande prestígio, poeta, artista de multiformes dons, Arthur Dalmasso tem marcado na vida intelectual brasileira uma personalidade de inconfundíveis traços. É membro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos e da Academia Teresopolitana de Letras. O seu testemunho sobre Ferreira de Castro, neste ano da celebração do seu cinquentenário de vida literária, reveste também o significado de uma mensagem de simpatia pela terra e pela gente portuguesas que cumpre registar gratamente.

Conheci-o pessoalmente, aqui, em Teresópolis. Digo pessoalmente porque há muito vinha acompanhando-lhe os passos através de uma infancia atribulada e uma juventude aventurosa e igualmente cheia de percalços.

Quem quer que o tenha visto assim, pobre menino de olhos só voltados para as durezas da vida, numa terra tão hostil, que os pró-

(Continua na página central deste suplemento)

MÁRIO DIONÍSIO FALA DE ISABEL DA NÓBREGA

(Continuação da página anterior)

que não se encontravam há muito tempo, aplaude-se uma autora que merece, por puras razões literárias, ser aplaudida, prova-se uma vez mais que estamos todos juntos, que, para lá de todas as diferenças de formação, de gosto, de tendências, é possível e será possível estarmos juntos.

O que implica, bem sei, da minha parte, um duplo paradoxo: declarar ter prazer em fazer um discurso quem não gosta de discursar; afirmar a importancia de um prémio quem nunca teve simpatia especial por prémios literários.

Li há anos um ensaio notável do romancista Julien Gracq, que recusou com isenção exemplar, um grande prémio francês, o Goncourt, como se sabe, coisa bem pouco despicienda, ao menos pelas vantagens publicitárias que desencadeia. Chamava-se esse ensaio, muito sugestiva e muito justamente, *La Littérature à l'estomac* e nele analisava o autor, com lucidez e crueza implacáveis, as mil razões que, em seu parecer, põem em perigo a literatura no seu país (e nós pederemos ler: em toda a parte), a poderosa rede de manobras publicitárias que vão amortecendo no publico e no próprio escritor o verdadeiro amor da criação, as campanhas jornalísticas e da rádio, o jogo das fotografias sensacionais e dos congressos onde a cultura é só pretexto, as vendas publicas, as sessões de autógrafos, a assinatura de manifestos de toda a espécie e, naturalmente, os prémios — toda essa luta frenética por um êxito que não é êxito, mas barulho apenas, triunfo aparente e bem fugaz, que levaria o escritor, sempre segundo Gracq, a ter «de si mesmo a impressão de existir muito menos por ser lido do que por ser falado» e arrasta inconscientemente o grande publico a exigir «como *prova* esta transformação bizarra do quantitativo em qualitativo, que leva o escritor de hoje a ter de representar, como se diz, uma *superfície* (uma face) antes mesmo por vezes de ter um talento». E eu, que já tive ocasião de tomar parte em reuniões de juris internacionais, sinto-me bem informado de como na verdade, algumas vezes, os resultados espectaculares a que se chega estão longe de corresponder a autênticos juízos de valor e se atiram para os cimos da glória — tão passageira... — nomes pouco mais merecedores do que de uma benévola atenção.

Mas, se cada época põe os seus problemas, também eles variam, na mesma época, de país para país. E o que pode ser verdade em França ou na Itália pode o não ser entre nós. Queixava-se Gracq, por exemplo, de não haver um livro (em França), um autor, «lançado á gula dessa multidão que uma espécie de fermento agita, que não seja imediatamente computado, dissecado, interpretado em todas as suas possibilidades». Ora aquilo de que todos nos queixamos, aqui, em Portugal, mesmo sem esquecer certa alteração verificada nos ultimos tempos, é de que, precisamente ao contrário, publicar um livro, é muitas vezes quase o mesmo que lançá-lo para o fundo de um poço e quase todos nos lamentos — e disso muito justamento nos elogiamos — do verdadeiro heroísmo em que frequentemente consiste o simples facto de continuar a escrever. Não esqueço que há hoje possibilidades editoriais com que os escritores da minha geração, para não falar das anteriores, nem sonhar poderiam quando começaram. Apesar disso parece haver, salvo melhor opinião, uma obra imensa a realizar para acordar, direi mesmo: criar um publico que sabemos longe de existir, quando se confronta o numero de portugueses — mesmo só dos portugueses em condições culturais e económicas de ler — com as tiragens da maioria dos nossos autores. Ora, neste acordar indispensável e possível, nesta mais que urgente aproximação do leitor e do escritor é inegável que os prémios têm, entre nós, papel relevante. Porque os prémios são, seriam, poderiam, terão de ser, além de importante estímulo para quem os recebe, um elemento de extraordinária eficácia para chamar a atenção de milhares de pessoas para este facto indesmentível, que, no entanto, muitas vezes se esquece ou menospreza: a existência de uma literatura portuguesa. E, neste capítulo, estão bem á vista os serviços prestados aos escritores, ao publico, á cultura nacional pelo Prémio Camilo Castelo Branco, em feliz hora criado pelo Grémio Nacional de Editores e Livreiros Conhece-se a influência que tal prémio teve no rápido aumento de tiragem dos livros que o obtiveram e todos estaremos de acordo em que, apesar do indiscutível talento dos respectivos autores, difícilmente «Leah» de Rodrigues Miguéis ou «Aparição» de Vergílio Ferreira, para citar apenas os dois primeiros escritores laureados, teriam alcançado com tanta rapidez a projecção que se conhece, se tal prémio lhes não tivesse sido atribuído. E a prova mais recente aqui está: a simples notícia da atribuição do Prémio Camilo a Isabel da Nóbrega fez esgotar «Viver com os outros» quase imediatamente e, no momento em que aqui estamos para aplaudir a autora e proclamar oficialmente a decisão do juri, já a segunda edição da obra se encontra em todas as montras do País.

Convicto estou de que, também, este triunfo, se, como é óbvio, ao talento de quem a escreveu se deve, no que toca á rapidez de venda é forçoso atribuí-lo ao prestígio de um Prémio em que o publico sente, desde o primeiro ano da sua atribuição, não um jogo de influências, uma manobra qualquer de pura ou impura publicidade, mas um verdadeiro acto de cultura.

Todos os juris poderão errar, compostos que são, não por deuses, mas por homens que, como homens, falíveis têm de ser. É bem possível que mais de uma vez cometam eles aquelas injustiças totais, como a que aconteceu um dia a Eça de Queiroz, ou apenas parciais, talvez piores do que as primeiras, como essa outra, mais recente de que foi vítima Fernando Pessoa. Mas não deixo de preguntar-me, de perguntar-vos se, no caso de ter vivido uns anos mais, na época dos tais prémios que alguns detestam — e lá terão as suas razões... — seria possível escreverem-se hoje as amargas, pungentes e justíssimas palavras que José Régio há dias publicou sobre o desespero em que a quase indiferença pela sua obra lançou, até á morte, uma escritora do nível e da originalidade de uma Irene Lisboa.

Isso basta, suponho, para me sentir na obrigação de aproveitar esta oportunidade para afirmar a profunda convição de que, a bem dos escritores portugueses e de toda a cultura portuguesa, o Prémio Camilo Castelo Branco tem de continuar. Isso me permite lembrar á Direcção do Grémio dos Editores e Livreiros a necessidade — ia a dizer o dever — de tomar as medidas necessárias para que este Prémio continue a existir, não só em meu nome pessoal, mas, certamente, no da maioria, senão no da totalidade, dos escritores ou simples leitores aqui presentes.

Isso e a existência de «Viver com os outros», este belo livro que teria sido lamentável não se ter ajudado a chegar rápidamente a um vasto publico, como só um prémio prestigiado pode fazer, este belo livro, inteligente, sensível, sugestivo, aliciante, um livro que faltava. Este belo livro de que não sei bem como falar, pelo menos assim, em duas palavras, porque, entre mim e ele, se travou aquela luta, viva ou surda, aquele atropelar-se de equívocos, de recusas, e descobertas que estão normalmente na base dos verdadeiros afectos e das admirações duradouras. É difícil irmos nus para a leitura de uma obra, tantas coisas pesam em nós, tantas outras, difícilmente discerníveis, entre nós e uma nova obra, quando é realmente nova, levantam uma espécie de véu que de algum modo trava a nossa possibilidade espontânea de admirar. Quanto a mim, não é á primeira, mas á segunda leitura que a verdadeira força de um romance — quando a tem — se nos entrega e nos toca e nos vence. E, então, descobre-se o que era essencial descobrir para que o contacto se estabeleça. Eu descobri, por exemplo, que Isabel da Nóbrega pertence á minha família (literária) — o que em nada a honra, decerto, mas preciso de dizê-lo —, á família daqueles que sentem que tudo está mal á nossa volta e, principalmente, dentro de nós, que tudo está mal e é, ainda assim, maravilhoso, que tudo se torna irrespirável e ainda encanta, que «*há*, como se diz no livro, outras coisas», que «a vida não pode ser só *isto*» e que é preciso dizê-lo, dizer tudo, mas tudo; á família dos que aflitivamente hesitam entre analisar cada coisa de per si e dá-las todas a um tempo, como vêm, como as vêem; á família dos que sentem que preciso dizer, dizer, dizer, comunicar, seja como for, o mais depressa possível, que não se pode esperar que alguém morra algures, longe de nós, ao nosso lado, dentro de nós, enquanto estudamos as técnicas mais subtis para salvá-lo. Mas com esta enorme diferença: é que Isabel da Nóbrega tem, teve a coragem de fazê-lo, a coragem, digo bem, porque a coragem não consiste apenas em escrever palavras, abordar assuntos mais ou menos proibidos, mais ou menos consentidos, mas em mostrar-nos por dentro, em mostrar-vos por dentro, até ao fundo mais secreto das nossas ambições e das nossas duvidas, dos nossos encantos e dos nossos desencantos, não só em dizer esperança, mas em mostrar de que armarguras e desencontros a verdadeira esperança realmente se tece.

«Uma burguesa critica a sociedade burguesa» — diz a cinta desta obra que, á primeira vista, parecerá apenas uma crítica de costumes de uma classe burguesa que, afinal, o não é inteiramente, pois que, se assim se nos apresenta, no enquadramento social em que as suas personagens se movem, logo começa a deixar de sê-lo, á medida que se vai compreendendo que as suas preocupações, os seus hábitos, o seu nível de convívio se define por qualquer coisa que bem pouco caracteriza a dita classe e vem a ser: o interesse cultural, a consciência da terrível separação entre o que se sonha e o que se faz, a quase obsessiva necessidade de encontrar a maneira, os caminhos, as hipóteses de superar a viva contradição que nos marca a todos. Livro que se pretende de uma burguesa, pronto se revela portador daquele germe de insatisfação, revolta mais ou menos consciente, mais ou menos manifesta, a ansia de renovação que, se, em maior ou menor escala, denuncia uma atitude antiburguesa, nem por isso deixa de fermentar no mais fundo de todo o homem, incluindo o burguês, ou o que assim se julga ou o que, por necessidade de estudo, ou comodidade de arrumação, ou emotiva reacção, assim catalogamos. Livro de revelação de certa frivolidade, logo se mostra inquiridor e castigador de verdades que nada têm de frívolo. Livro de crítica, logo se desmascara, ao fim de tudo e através de tudo, acima de tudo, um livro de amor.

Apelando, embora, para o exemplo setecentista da «Corte na Aldeia», «Viver com os outros», que, por certos aspectos, na verdade, se lhe aparenta, pertence, estéticamente, ao clima do romance mais recente dos nossos dias. Mas integra-se nesse clima de um modo pessoal bastante para suscitar equívocos — equívocos que direi bem-vindos e fecundos. Claramente influenciado — e porque não? — pelas pesquisas expressivas do que globalmente se intitula «nouveau roman», dir-se-ia que Isabel da Nóbrega ali colheu apenas o que com a sua necessidade de expressão coincide e, com domínio notável, só até onde a sua própria voz correria o perigo de abafar-se. Como num romance de Nathalie Sarraute ou de Claude Simon, o leitor é mergulhado de chofre numa conversa, cujos interlocutores desconhece e que com dificuldade vai identificando, exactamente, aliás, como acontece, na vida real, quando entramos numa sala e contactamos, ao mesmo tempo, com pessoas até aí desconhecidas. Não sabemos bem quem são, nem mesmo quantas são. Levamos tempo a reconhecer as vozes a perceber o que pensam essas pessoas, o que fazem na vida, que lugar nela ocupam, se são por nós ou contra nós, se alguma vez seremos seus amigos. Num cruzamento de conversas e observações, afirmações ou negações, reticências, de quem fala ou ouve ou finge que ouve enquanto vai pensando noutra coisa, através de um diálogo vivíssimo, habilmente interrompido, sempre que é necessário manter viva a atenção do leitor, fugir ao monólogo pronunciado ou apenas pensado e, por aí, estruturar o romance, apresenta-nos a autora uma reunião de amigos e simples conhecidos em casa de um casal, após um jantar em que se festejou o êxito de uma operação cirurgica a que o dono da casa foi submetido. Mas quem leu o livro sabe que esta reunião meio-mundana, meio-intelectual meio-burguesa, meio-boémia não é senão um pretexto e que os contactos que «Viver com os outros» possa ter, por exemplo, com o célebre «Diner en ville» de Claude Mauriac não vão além da semelhança, mesmo assim relativa, do pretexto. A propósito disso se poderia dizer o que uma personagem de «Viver com os outros» diz a outra: «Se mais tarde me aproximei de gente que tinha as mesmas inclinações (...), não se tratou de *sófrer influências* mas de pura identificação. Só se procura o que já se encontrou». Mas a verdadeira explicação destas ou outras influências deverão antes procurar-se numa conferência de Nathalie Sarraute, em que, ao falar da revolução literária realizada por Proust Joyce, Virgínia Woolf, Kafka, que deslocaram o centro de gravidade do romance, que era a personagem, a autora de «Planetarium» nos fala de um jovem escritor que, num debate declarara: «Sejamos francos, nenhum de nós leu Joyce, mas ele influenciou-nos a todos».

«Viver com os outros» não era, evidentemente, possível antes do jantar de «The Waves» (mesmo que Isabel da Nóbrega o desconheça ou o tenha inteiramente esquecido), antes da descoberta dessa «miríade de impressões, banais, fantásticas, evanescentes ou gravadas com a nitidez do ácido» que Virgínia Woolf descobriu existir «num espírito vulgar num dia vulgar» ou antes de, a partir daqui, Nathalie Sarraute descobrir os seus tropismos e a «sous-conversation». Seria, aliás, extremamente curioso aproximar o que Sartre diz no seu célebre prefácio ao «Portrait d'un inconnu» de certas (tantas) observações do romance de Isabel da Nóbrega. Mas mais importante que tudo isso é decerto verificar que, de toda a confusão aparente, dos diálogos separados ou cruzados, que da série de monólogos interiores, que o não são bem, porque não abdicam nunca duma lógica de comentário que o monólogo de raiz joyciana repele, que de toda essa aparente confusão, dizia, as figuras emergem, se desligam, se afirmam na sua própria personalidade — quando a têm: Ana, Silvana, a tia Leopoldina, Vladimiro, Carlos, mais que todas, talvez, a que menos fala: Henrique — ou se apagam na sua insignificancia ou importancia apenas relativa. E que, através delas (porque estas personagens que a autora tão amorosamente ausculta são ainda pretexto, espontaneo, sim, intrinsecamente criado, encarnado em pessoas, mas pretexto), através delas, um mundo de temas e subtemas se afirma, se insinua, se ilumina, como num jogo de espelhos com zonas extremamente brilhantes, outras surdas, quase baças, em que, desprevenidamente, o leitor se vai encontrando, reconhecendo, em corpo inteiro, na sua mesma realidade desmembrada e, apesar disso ou por isso mesmo, sôfrega de atingir a sua unidade perdida. Ana é uma Penélope que está sempre liberta dos próprios fogos que provoca sem ter de destruir a teia que espontaneamente tece. E, enquanto ela se desloca, de grupo para grupo, exemplar, incansável, com a palavra própria para cada convidado e para cada situação, intervindo ou apagando-se, estabelecendo, de preferência: substituindo, o que num romance tradicional seria a intriga, á sua volta, através dela, aflora-se apenas ou aprofunda-se dir-se-ia, *tudo* o que aflige, perturba, amarfanha ou exalta o homem contemporaneo, desde as questões mais pequeninas da vida quotidiana, aos grandes problemas da arte e da política, da religião e da morte, da doença e da felicidade, da solidão e da fraternidade, do amor, enfim, nos seus multiplos encontros e desencontros, e da ternura que atravessa tudo, nos atravessa e surge ali como uma graça, um dom antigo, não digo velho, digo antigo, qualquer coisa que nunca envelhece, que nunca sobeja e tanto falta na literatura porque na vida dos nossos dias.

Porque é aqui que reside o interesse principal da contribuição de Isabel da Nóbrega para o nosso romance de hoje: o de integrar-se inteligentemente nas descobertas de indagação e expressão das correntes mais recentes do romance, quase todas orientadas no sentido da desintegração crescente dos fenómenos captados — o tropismo ignora o que o produz, como e onde se produz —, o de integrar-se, dizia, numa linguagem bem actual sem permitir, contudo, que ela lhe vede a integração das suas pesquisas, mesmo as mais particulares e subtis, no todo humano-social em que existem, numa situação concreta determinada ou determinável, que, mesmo quando as não explica até ao fim, as condiciona sempre. Só isso explica, decerto que, sendo «Viver com os outros» um romance de muitos casos pessoais, diferentes, não raro opostos, um romance onde se sublinha o desespero de ser impossível comunicar inteiramente com os outros e a dificuldade, muito maior (palavras do romance), «a da *empatia*, a de nos colocarmos *no lugar do outro*», se não resolva ele nunca solução de «o inferno são» e serão sempre «os outros», mas, pelo contrário, num apelo insistente, insinuante, irresistível á vida com os outros.

Apetece, de facto, chamar-lhe um livro didáctico. E por isso, decerto, a propósito dele e agora nele, se invoca a «Corte na Aldeia» (seria preciso, porém, acrescentar, uma «Corte na Aldeia», posterior a Garrett...). Mas não é. Um livro didáctico expressamente ensina. Rodrigues Lobo, como D. Duarte fizera dois séculos antes, dá soluções, ensina. E este livro (a não ser naquela medida em que toda a arte, á sua maneira, é didáctica) nada ensina nem pretende ensinar. Acima de tudo, ele indaga, interroga, abre os olhos e mais que os olhos para pequenos e grandes problemas que a todos tocam sem impor, todavia, soluções, sem nada simplificar, sem nada empobrecer, sem nada propor que não seja a grande força do sonho que não apaga mas esclarece a vida, da hipótese enternecida e enternecedora, da duvida esperançada e esperançosa. A solidão existe porque existem os outros? Certamente. Só se é só em função dos outros. O tema da solidão não implica o esquecimento ou o desprezo dos outros. São, muitas vezes, esses mesmos outros que no-la impõem. Como não concordar com esta verdade evidente? Mas, perante ela, dentro dela, sofrendo-a antes e depois dos livros que sobre ela lemos ou escrevemos, não há só a atitude de mostrá-la, de dissecá-la, de apontá-la como unica e ultima verdade. Há ainda a de recusá-la até onde for possível, enquanto for possível, já que não podemos ignorá-la, tentar minuto a minuto, neutralizá-la, ao menos, amortecê-la, quero eu dizer: tentar a cada minuto não viver *contra* os outros, *ignorando* os outros, mas (e isso, sim, Isabel da Nóbrega no-lo ensina) *com* os outros, compreendendo que o maior perigo da solidão é levar-nos á ideia ilusória de que a humanidade é um somatório de mais um mais um mais um e de que a análise exclusiva do um poderá

(Continua na página central deste suplemento)

ACTIVIDADE EDITORIAL

«DISCURSOS SOBRE A LIBERDADE DE IMPRENSA NO PRIMEIRO PARLAMENTO PORTUGUÊS – 1821»

Na continuidade do seu magistral trabalho de ressurreição fiel das grandes figuras e dos textos literários e históricos de maior significação no século XIX português, reuniu e publicou Augusto da Costa Dias, pela Portugália Editora, um vasto documentário intitulado «Discursos sobre a liberdade de Imprensa no primeiro Parlamento português — 1821».

A colectanea, de um alcance histórico e ideológico excepcional, abrange os textos integrais dos debates realizados no Parlamento vintista, constituindo um processo completo desse passo relevante da nossa evolução político-cultural. A ortografia foi actualizada, bem como a pontuação caótica dos registos dos taquígrafos de 1821.

O volume abre com um extenso e revelador estudo de Augusto da Costa Dias em que se salienta a força de inovação intelectual e cívica dos princípios defendidos pelos homens de 1820, o sentido profundo da sua luta pioneira contra o obscurantismo e a imobilidade, a coragem de muitos, a largueza de visão de alguns, a estreiteza e egoismo de outros. «A partir dos vintistas», escreve Costa Dias», a liberdade entrou na história portuguesa». Esse é o significado primacial dos textos agora publicados, que constituem fonte preciosa de interpretação do passado português.

«Poetas do Romantismo» – antologia organizada pelo prof. J. Prado Coelho

Na Colecção Clássicos Portugueses, da Livraria Clássica Editora, foi publicada em dois volumes de simples mas sugestiva apresentação gráfica a antologia «Poetas do Romantismo». A selecção dos textos, bem como a introdução e as notas que os acompanham, são do prof. Jacinto do Prado Coelho, que deste modo assinala, mais uma vez, a sua presença laboriosa e sempre lucida na nossa cultura literária. Retomando, mas alargando-o e esclarecendo-o, o critério que inspirou outra antologia anterior, intitulada «A Poesia Ultra-Romântica», o prof. Prado Coelho reune nestes dois volumes uma colectânea extremamente expressiva de poemas de Maria Browne, Mendes Leal, João de Lemos, Camilo Castelo Branco, Luís Augusto Palmeirim, Soares de Passos, Gomes de Amorim, Bulhão Pato, Alexandre Braga e Tomás Ribeiro.

Além da Introdução, que analisa as definições possíveis de Romantismo e a sua expressão em Portugal, designadamente na poesia, as notas que precedem os textos escolhidos de cada um dos autores representados na Antologia facultam a inteligente e precisa referência do lugar que cabe a cada um na nossa história literária. O trabalho de Jacinto do Prado Coelho nesta edição é, como sempre, modelar no seu equilíbrio, elegância de forma e justeza interpretativa. O grande mestre universitário e o escritor estão presentes nestes dois livrinhos com a dignidade e o brilho de toda a sua já vasta obra.

ESCAPARATE

Autores portugueses

(De 26 de Fevereiro a 5 de Março de 1966)

Título — «*Do Tempo ao Coração*.
Autor — *David-Mourão Ferreira*.
Editora — *Guimarães*.
Colecção — *Poesia e Verdade*.
Número de páginas — *65*.
Preço — *30$00*.

Título — «*As Pobres Susanas*».
Autor — *Manuel de Campos Pereira*.
Dep. — *Livraria Portugal*.
Número de páginas — *235*.
Preço — *40$00*.

Título — «*Folhas que o Vento Arrancou...*».
Autor — *Maria Delta*.
Editora — *Autora*.
Dep. — *Editora Pax*.
Número de páginas — *170*.
Preço — *30$00*.

Título — «*O Tema da Morte*».
Autor — *Urbano Tavares Rodrigues*.
Editora — *Cronos*.
Colecção — *Ensaios, 1*.
Preço — *20$00*.

Título — «*Caminhos, Vida e Paixão dum Motorista de Angola*».
Autor — *Reis Ventura*.
Editora — *Editora Pax*.
Número de páginas — *240*.
Preço — *40$00*.

Título — «*Guiné 1965: Contra-Ataque*».
Autor — *Amândio César*.
Editora — *Editora Pax*.
Colecção — *Metrópole e Ultramar, 18*.
Número de páginas — *229*.
Preço — *40$00*.

Título — «*Cantos e Eros*».
Autor — *Arthur Lambert da Fonseca*.
Editora — *Editora Pax*.
Número de páginas — *68*.
Preço — *25$00*.

Título — «*Nós e os Outros*».
Autor — *Ernesto Moreira dos Santos*.
Editora — *Guimarães*.
Número de páginas — *152*.
Preço — *23$00*.

Título — «*Dez Anos de Política Externa — (1936-1947) — A Nação Portuguesa e a Segunda Guerra Mundial*» — *Vol. IV*.
Editora — *Imprensa Nacional de Lisboa*.
Número de páginas — *828*.
Preço — *80$00*.

Autores estrangeiros

Título — «*O Espião que saiu do Frio*» — *2.ª Edição*.
Autor — *John le Carre*.
Tradutor — *Adelino dos Santos Rodrigues*.
Editora — *Minerva*.
Colecção — *Minerva — Série Espionagem*.
Número de páginas — *288*.
Preço — *37$50*.

Título — «*O Mundo Vegetal*».
Autor — *Hilaire Cuny*.
Tradutor — *Alberto Candeias*.
Editora — *Estúdios Cor*.
Colecção — *Enciclopédia Diagramas, 35*.
Número de páginas — *107*.
Preço — *20$00*.

O PRIMEIRO ROMANCE DE NELSON DE MATOS

A editora Publicações Dom Quixote anuncia para este mês de Março a publicação do romance «Noite Recuperada» do jovem escritor e nosso prezado colaborador Nelson de Matos. Ao longo de uma sucessão de narrativas e monólogos que tem a ligá-los a realidade psicológica neles reflectida, desvenda-se a génese de personalidade de um jovem provinciano perdido na solidão da capital e de um emprego aleatório, para quem o amor surge como a unica possibilidade de plenitude, de recuperação, num mundo em contínuo devir. Mas o amor, ele próprio, evolui e consome-se. E a obra de arte aparece como o meio de unificar o caos da existência humana, inteligentemente assumida, e visionar «um mundo de comunhão e comunicabilidade» — um mundo possível no dia em que «nos olharmos todos com amor, quando criarmos as nossas relações como quem cria a salvação».

O acontecimento assinalará uma dupla estreia: a do romancista e a de uma nova colecção de Publicações Dom Quixote, destinada a revelar originais portugueses. O romance de Nelson de Matos terá um prefácio de Álvaro Salema.

A irradiação no estrangeiro da obra literária de José Cardoso Pires

Uma edição em língua hungara do romance de José Cardoso Pires «O Hóspede de Job» vai ser lançada em breve pela Editora Kossuth, de Budapeste. Terá a tiragem excepcional de 45 mil exemplares. O consagrado romance de José Cardoso Pires prossegue assim a sua divulgação além fronteiras.

Traduzido por Ferenc Baranyi, hispanista e tradutor de Guytisolo e Valle Inclán é simultaneamente um dos chamados «poetas impacientes», que se revelaram nos ultimos anos. «O Hóspede de Job», que faz parte das obras programadas no curso de literatura da Faculdade de Letras de S. Paulo, foi também recentemente objecto do estudo «Le Temps et Les Rythmes Ibériques», do professor Pierre Furter, lusófilo a quem se devem, entre outras, as teses sobre o Judeu e Eça de Queiroz.

«O Tempo e o Modo»

Na sua mais recente edição, reportada a Desembro do ano findo (n.º 33), a revista «O Tempo e o Modo» consagra grande parte das suas páginas á celebração de Gil Vicente. Em abertura, insere estudos de Jorge de Sena, «Sobre Gil Vicente», e de António Pedro, «A Farsa dos Físicos». Segue-se a transcrição de um debate gravado sobre o tema «Actualidade de Gil-Vicente», em que participaram Costa Ferreira, Francisco Vilar, Glitínia Quartin, Joaquim Magalhães, José Cardoso Pires, José Palla e Carmo, Luís Lindley Cintra e Vitorino Magalhães Godinho.

Na mesma edição de «O Tempo e o Modo», assim assinalada por colaborações de grande oportunidade cultural, publica Jacinto do Prado Coelho o notável ensaio «Bocage: a evocação do obscuro» e Vasco Pulido Valente o início de um estudo sobre «Portugal e a guerra de 14-18». Em antologia reproduz-se um ensaio de T. S. Eliot sobre Dante. Três crónicas sobre problemas de actualidade da política internacional por Júlio de Castro Caldas, Nuno Rebocho e Luís Salgado de Matos, críticos de letras e artes por M. Carmo Ferreira, Maria Aliete Galhoz, J. D. Morais Duarte Nuno Simões e João Paes, completaram a valiosa leitura deste número da qualificada revista «de pensamento e acção».

MUSEU DA CARICATURA

O CHAPÉU DE TRÊS BICOS

Este título já não é uma novidade, pois a história vem de um romanceiro castelhano, tem várias versões populares, localiza-se em regiões diversas, glosa-se em cantigas de cego, e inspirou até o célebre bailado de Falla.

Alarcon fez dela uma narrativa em prosa com a graça de uma comédia chica. Publicou-se uma tradução portuguesa em 1877, ilustrada por Manuel de Macedo.

Um simpático casal de moleiros, o tio Lucas e Frasquita, habitava o seu moinho, onde uma latada sombreando o terreiro era o lugar de lazer aprazível de certos notáveis da terra.

Havia entre eles um corregedor libertino que deitava olhos mais concupiscentes para a moleira do que para as uvas da latada. Tinha ele ao seu serviço um aguazil, homem de grandes expedientes, que lhe traçou um plano de assalto á virtude da moleira tão avessa aos seus requestos suasórios. E vai daí, arranja com que o alcaide do lugar lhe convoque e retenha o marido, deixando o campo livre na noite do projectado assalto.

Mas acontece que o corregedor, ao tentar introduzir-se por uma porta escusa, toma um banho forçado na levada do moinho, e é a própria moleira que lhe acode e lhe acrescenta ao banho uma sarabanda com ameaça de trabuco, deixando-o meio morto. A moleira sai de casa a deslindar a tramola que teriam armado ao marido e o aguazil vem acudir ao pingado e derreado amo, ferrando com ele no suadoiro da cama do moleiro, acendendo o fogo na lareira para lhe secar a roupa.

Amigo moleiro, entretanto, retido pelo alcaide, desconfiado também, consegue esgueirar-se e chegar a casa sem nada saber do que se passara. Porta escancarada, lareira acesa, farpela alheia exposta á vista e uma cara de corregedor na sua própria cama, vista através do buraco da fechadura, é caso bastante para fazer vacilar o mais confiado dos maridos

E porque isto de atentar contra a vida de um corregedor pode levar á forca, resolve tirar desforço, enfiando-lhe antes a fatiota e o chapelão, e, cavalgando uma burra, seguir para casa deste onde o disfarce lhe franqueará a entrada e talvez o quarto da corregedora...

Desfecho final da história sem tragédia, perante o aprumo da corregedora, a confusão do marido libertino e a reconciliação do casal de moleiros, no regresso ao seu moinho de felicidade.

Manuel de Macedo, artista já esquecido das novas gerações, mostra nalguns desenhos o que pode a sua veia caricatural. O seu «corregedor» é uma criação a que nada falta da personagem típica. Interpretar o texto é a tarefa do ilustrador. Manuel de Macedo, que se dispersou em actividades de cenógrafo, pintor, escritor e tradutor, professor de desenho e conservador de museu, aguarda ainda que lhe divulguem o génio através da sua imensa obra de ilustrador.

«O CORREGEDOR»

À ESQUERDA: «A tertúlia em casa do moleiro». À DIREITA: «O tio Lucas desfarçado de corregedor»

Lançamento de um romance de António de Cértima

Amanhã, pelas 18 horas, realiza-se na Parceria António Maria Pereira um *cocktail* para assinalar a publicação do romance de António de Cértima intitulado «Escandalosamente Pura». O jornalista e escritor Marques Gastão pronunciará nesse acto palavras de comentário a esse livro e á obra de António de Cértima.

PRÉMIO CAMILO (

(Continuação da 2.ª página deste suplemento)

alguma vez levar esse um ao conhecimento do que não é nunca um somatório mas sempre síntese, uma síntese de verdades diferentes que se contradizem, e só assim se completam e sempre enriquecem.

Por isso decerto abre a autora o seu livro com uma citação de Vergílio Ferreira que diz: «Para pensares em *cu* e em *sòzinho* tinhas de pensar em *tu* e *em companhia*. Só há solidão *porque* vivemos com os outros». Mas logo a completa com outra, de Kafka: «A felicidade de não estar só», e, de certo modo, a explica com esta outra dum poeta: «Mon orgueil est d'avoir aimé / Rien d'autre...»

Poder-se-ia fazer dezenas de citações de «Viver com os outros», através das quais claramente se define o tema central, o tema maior do livro. Façamos apenas esta: «o que conta é que o sonho do homem seja maior do que a sua própria estatura (...), o fim é sempre maior do que cada um, porque o fim é os outros». E mais esta: «Ao que eu dou importancia é *aos outros*.» A relação *eu-outros, nós-outros*». E esta ainda, que se me afigura fundamental: «Terei o direito de me entregar á elaboração de um romance, de um romance-narrativa, onde se conte uma história qualquer, que pode ser a de um homem á procura de si próprio, do amor, de Deus, de uma verdade essencial, de uma descida aos infernos, quando há que testemunhar, há urgentemente que testemunhar sobre a situação dos milhões da fome, dos milhares da promiscuidade dos pátios e das ilhas, das centenas em nosso redor, das dezenas com que nos cruzamos, indiferentes, todos os dias?» E, lembremos, mais que tudo, essa comovente despedida no fim da reunião, da vizinha-segundo andar que pela primeira vez estivera naquela casa, naquele ambiente, pela primeira vez encontrara *outros*, a simplíssima Ri-

ALGUMAS PALAVRAS DE LUÍS BORGES DE CASTRO

Em nome do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, que instituiu o Prémio, usou da palavra no jantar de homenagem a Isabel da Nóbrega o seu presidente, dr. Luís Borges de Castro. Depois de algumas considerações sobre a criação literária e a sua comunicação com o leitor, salientou o significado da atribuição, pela 7.ª vez do Prémio Camilo Castelo Branco, «distinguindo sete notáveis obras da autoria de outros tantos brilhantes escritores portugueses: José Rodrigues Miguéis, Vergílio Ferreira, Fernanda Botelho, Maria Judite de Carvalho, Jorge Reis, José Cardoso Pires e, agora, Isabel da Nóbrega». E acrescentou, mais adiante:

«A crise, a verdadeira crise, não está na nossa literatura mas sim na sua deficiente divulgação... O Prémio Camilo Castelo Branco, quando foi instituído, outra intenção não teve que, premiando um autor que se distinguisse, premiar simultaneamente o publico, levando esse autor ao seu conhecimento. E a partir daqui que a literatura e a cultura portuguesa se realizam. Por isso me declaro imensamente feliz ao proceder, pela 7.ª vez, á entrega deste Prémio.»

AGRADECIMENT DE ISABEL

Depois de agradecer as palavras de Mário Dionísio e Luís Borges de Castro e de assinalar a sua alegria pela decisão de manter no futuro o Prémio Camilo Castelo Branco, salientando a fidelidade dos escritores portugueses aos valores do espírito e da cultura, Isabel da Nóbrega proferiu as seguintes palavras:

«Terminada a *acção de graças* recordo ser minha obrigação — bem penosa obrigação — falar um pouco de mim e do meu livro. Nenhuma alternativa aliás, me agradaria — falar de generalidades, seria vão; da elaboração de um romance, fastidioso — e naturalmente longo. Mas falar de mim, exibir o *moi haïssable* nesta hora e lugar, é mergulhar numa situação verdadeiramente angustiante. — Num livro, sim, pode-se falar de eu, eu, eu, — porque a obra de arte é sempre uma dádiva nossa, é sempre uma tentativa de expressão, em si mesma corajosa, inábil, magoada, — mas confiante, generosa, é sempre *«esta tão velha insaciável fome de / dizer aos outros Aqui estou»* (M. D.). Assentemos então que durante uns momentos vos falarei de literatura, e da minha relação com a literatura. Vos falarei como a responder a certas perguntas informuladas, que sempre pairam em redor de um livro e do seu autor — mesmo quando se provou o milagre da comunicação.

A propósito — prefiro contar-vos simplesmente: teria os meus seis anos quando pela primeira vez fui posta diante do problema: a possibilidade ou impossibilidade de comunicação.

Acabara de ler *A Sereiazinha*, de Andresen. *A Sereiazinha*, lembram-se, tivera de optar: aproximar-se-ia do príncipe, e com ele lidaria, sob a condição de perder o dom da fala. E o príncipe não a reconhece... Muda, impossibilitada de comunicar, não é reconhecida; o príncipe continua a sonhar com a imagem entrevista, e ela volta para o fundo do mar, desesperada.

Desesperada foram encontrar a criança que debaixo de certo caramanchão se refugiava para ler; aí se lhes deparou, chorando convulsivamente agarrada ao livro.

Eu acabara de *perceber* o desencontro, a solidão. Através da literatura, é certo, não ainda através da vida. Mas creio que a literatura me deu muito cedo a consciencialização da própria vida.

Depois vim a perceber outras

PORTUGALIA EDITORA

55$00

5.º VOLUME DO ROMANCE

A VELHA CASA

JOSÉ RÉGIO

VIDAS SÃO VIDAS

CASTELO BRANCO

ta, tão só, apesar de casada, tão infeliz, dizendo a Ana: «Quereria dizer-lhe... que depois desta noite... sou outra pessoa! Garanto-lhe, a Rita que entrou aqui para jantar não é a Rita que se despede agora».

Isabel da Nóbrega, se se tratasse dum discurso formal, que eu aliás me teria naturalmente recusado a fazer, deveria terminá-lo por dizer-lhe: parabéns! Mas não se trata, ou não se trata só, de dar-lhe parabéns. Trata-se, acima de tudo, de lhe dizer: obrigado. Obrigado pela atenção carinhosa, irónica, por vezes quase mordente que dedica aos outros. Por nos ajudar a encontrarmos, falando para nós e muitas vezes por nós. Por isso, neste jantar há tantos meses esperado, tantas vezes adiado, enfim realizado (não importa quando chega o que tanto se deseja se realmente chega), nenhumas palavras terminariam melhor este pobre discurso, de que fui encarregado pelo juri que tão justamente lhe atribuíu o Prémio Camilo Castelo Branco de 1965, do que aquelas com que o seu livro acaba. A reunião termina, os convidados regressam á sua vida trivial ou aos seus problemas graves. Nesse mesmo momento há, longe dali um homem que vai morrer, uma criança que nasce). E Ana diz a Henrique: «E não estamos sòzinhos. Oh, esta alegria de não estarmos sós!»

Obrigado por estas palavras, obrigado por este livro. Obrigado por com ele nos ter aqui juntado, nos ter assegurado que é bom, é necessário, absolutamente indispensável não estar só. Por nos ter feito compreender que juntos estamos e juntos continuaremos. Que viver com os outros é viver connosco, porque — o seu livro o diz em todos os tons possíveis — os outros somos nós. E só com esses, por isso, poderemos viver, respirar, continuar.»

O E TESTEMUNHO DA NÓBREGA

coisas. Inclusivamente que as palavras podiam baralhar o sentido das coisas. E perante a afirmação de Camus (exactamente a propósito da peça *O Malentendido*) de que se não deve usar de artifício, e que: «*se o homem quiser que o reconheçam, diga simplesmente quem é. Se se calar, ou se mentir, morrerá sòzinho, e tudo em seu redor cairá em ruínas. Pelo contrário, se falar verdade, virá a morrer, sim, mas depois de ter ajudado a viver a si próprio, e aos outros*». Perante esta afirmação, pensei: — E' falso. Ninguém nos reconhece. Ou, pelo menos, nem sempre é verdade. E, depois, percebi, então, que *éramos nós, cada um de nós, que deviamos recomeçar de cada vez, essa conquista.*

Referi-me há pouco a perguntas informuladas. Aproveito outras formuladas pelos meus camaradas Carlos de Oliveira e Urbano Tavares Rodrigues, em nome da revista e do jornal que nesse momento representavam e cujas respostas começaram por me esclarecer a mim própria. C. de O. — *O que é para si, como autora, o romance?* — R. — Como autora, é para mim a expressão da minha relação com o mundo, com os outros, que me põe jogo em relação a eles, e a eles entre si. O romance não é uma história. E' mais do que isso. E' uma aventura, uma aventura em que fico imediatamente empenhada. Porque tudo o que acontece aos outros homens e mulheres sobre a terra, nesta dolorosa, absurda e maravilhosa aventura, me diz respeito. *Como nasceu o romance «Viver com os Outros»?* Sou uma pessoa que procura entender as razões de cada um. Este romance nasceu da necessidade de pôr num livro o ímpeto que sinto de dar a cada qual a sua razão e a sua verdade, como um acto de justiça. Se essas razões de cada qual serão da mesma *qualidade*, os leitores é que devem julgar.

U. T. R. — *Que pensa do novo romance? E da necessidade de renovação do ponto de vista* na arte da ficção? R. — Penso que o que distingue um verdadeiro romance novo de um falso, é, afinal, o que sempre distinguiu um verdadeiro bom romance clássico de um mau: a sua *necessidade*, aquela necessidade interior (espécie de *ananke)*, que lhe dá vida. Se comparo, por exemplo, *Les Gommes*, de Robbe-Grillet, ou *Degrés*, de Butor, com os livros da Nathalie Sarraute, ou com o *Molloy* do Beckett, sou obrigada a classificar os dois primeiros como excelentes exercícios, exercícios exactos, perfeitos, mas exercícios, apenas. São feitos de fora para dentro, os seus próprios autores no-lo dão a entender. O que pode ser até uma saudável experiência. (Posto o que, e antes de pegar na segunda parte da sua pergunta, lhe declaro: não creio que o meu livrinho se integre na denominação de *nouveau-roman.)*

Mas creio, como diz Sartre nas *Situations IV* «que (certas) obras difícilmente qualificáveis não testemunham a fraqueza do género romanesco, demonstram sòmente que vivemos numa época de reflexão, e que *le roman est en train de réflechir sur lui-même.*», que o romance se encontra a reflectir sobre si próprio. Na mesma ordem de ideias não creio numa *necessidade* de renovação do «ponto de vista» na arte da ficção. Como quem diz: agora vai passar a ser assim; ou: agora, para ser moderno, vai passar a ser assado. O fundo impõe a forma ao escritor. Como ilustração recordo que Michel Butor, além do *interessante* exercício de *Degrés*, escreveu o admirável *La Modification*, encharcado em psicologia, em que o «ponto de vista» é mero pormenor, e o fundo, esse, sim, o mesmo de todos os romances ditos universais, desde os de Tolstoi aos de Thomas Mann, ou seja o conhecimento do homem. Por mim, tendo um pendor para o que Gide chamava «o estado de diálogo», e a Psicologia chama empatia — o compreender fácilmente o ponto de vista de outrém, o «substituir-me a outrem», despojando-me por momentos do meu próprio ponto de vista — senti-me naturalmente impelida, nesta obra, a esses vários desdobramentos, que por sua vez forjaram a expressão mais conforme e directa. É verdade, é verdade haver coisas «que andam no ar», como um pólen invisível que fecunda cada época. Mas, quanto á forma, sinto-me pessoalmente mais devedora a André Gide e aos seus *Faux-Monnayeurs*, ou até a *Carne da minha carne*, assimilados na voragem de leituras dos meus quinze anos, em que a autora, Ellen Carlisle, usou de total ausência de pontuação, do que aos Claude Mauriac ou Robbe-Grillet, cujas obras li *depois* de principiar a escrever o meu livro.

— *Foi seu propósito responder ás questões fundamentais: «Que é o homem?» «Que é a vida?» O seu título «Viver com os outros» que significado assume nesta sua procura?*

— Creio que, no nosso tempo, concretizado por uma grande lucidez, não podemos abordar certos problemas, sem que se nos depare, fatal, inexorávelmente, o conceito de solidão. Comecei a escrever este livro convencida de ir exprimir em forma romanesca esse mesmo conceito, e curiosa pela confirmação que encontraria. Afinal, fiquei surpreendida. Talvez porque para mim — embora de maneira mui pouco ortodoxa — o céu seja habitado, foi-me poupado o quadro de uma aridez, que para muitos vai tomando conta de tudo. Por outro lado, entre os outros, entre o *eu* e o *tu*, em vez de descobrir a solidão, a incomunicabilidade, deparei apenas com o Desencontro, condenação remível pelo amor. Angustiante, absurda, mas remível. Entre o eu... e os Outros todos, evidenciou-se-me uma salvação — ainda que a longo prazo — a da Solidariedade, segundo sinónimo de amor. Prefiro-o — definitivamente — a esse outro, de *caridade*.

— *Podemos classificar este seu livro como de significação realista? Tem você a preocupação de dar ás suas figuras um contexto sócio-económico?*

— Projectei escrever um romance sem «crise», sem as altas temperaturas de um conflito, com pessoas de todos os dias, que naturalmente transportassem em si problemas de todos os dias; que pudessem impor-se como personagens diferenciadas e vivas, e, ao mesmo tempo, que fossem porta-voz do que tivessem a dizer, fossem-no do que eu autor, queria dizer... Se o consegui ou não, o leitor o dirá. Refiro-me neste livrinho a romances *irresponsáveis*. Falava daqueles em que o autor ignora ou desleixa a verdade íntima das suas personagens, pelo prazer gratuito de *narrar*, e pensava também que um escritor não deve deixar-se atrair por temas — por expressões abstractas, nebulosas, escamoteada a realidade por detrás de biombos de um pseudo-lirismo, ou até de um lirismo verdadeiro. Penso que um escritor é testemunha do seu tempo (e testemunhar é também denunciar). Não quer isto dizer que tenha de escrever livros de circunstancia ou empregar sistemáticamente certos assuntos. Mas um intelectual não pode alhear-se. Está *en situation*. Entrelaçar a contribuição do seu testemunho na feitura de uma obra de criação que mereça o nível de obra de arte... parece-me dever ser a legítima ambição de todo o verdadeiro escritor.

Meus amigos: desde que ficou assente este encontro, em que teria de me levantar e «falar», fui tomada, confesso, de grande perturbação. Em todo o caso uma coisa senti logo — e era que preferia falar convosco, a falar *para* vós. E era que preferia, mais uma vez, o diálogo, ao monólogo. Nunca fiz uma conferência na minha vida, nem nunca pronunciei um discurso, mas sei que tanto uma como outro podem resultar em monólogos, quando, afinal, a palavra nos foi dada... para comunicarmos... Ainda uma palestra... ruminava há dias... Escolhe-se o assunto, arrumam-se as ideias, apontam-se os tópicos, inventam-se as imagens e, de pesquisa em descoberta se estrutura um texto, que o próprio título anuncia e resume. Mas neste caso dos discursos de agradecimento, o assunto somos nós, sou eu, hoje — daí este terror. Ter de infligir-vos o EU, o EU, o tal *moi haïssable*, o que é quase uma agressão. Mas. Mas. E aqui se entrevê a minha desvantagem... Se não lhes servisse o EU... acabaria, penso, por desiludi-los, por frustrá-los de qualquer coisa... Assim, prefiro concluir que estivemos sobretudo a falar daquilo que mais nos importa: a poesia, a literatura, as relações humanas, a vida que construimos com os outros.

Mário Dionísio ao referir-se á obra de Isabel da Nóbrega, que se vê na gravura, vestida de branco

falar um pouco do que se ama
com alguém que no deserto nasce
falar um pouco do que se ama
entre os destroços fumegantes

pensar um pouco no que se ama
com alguém que no silêncio o
[*mesmo pensa*
mudar o rosto ao deserto bra-
[*dante*
na casa fria onde uma chama
[*aquece*

construir duramente uma durável
plataforma serena sobre chamas
e as próprias lágrimas mudar
nas exactas passadas invenciveis

eis a nossa (vida) que não morre
camarada homem

(O RISO DISSONANTE
de Mário Dionísio)

O meu encontro com Ferreira de Castro

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

prios nativos tinham de ser gigantes para não sucumbir; quem quer que tenha acompanhado suas andanças pela selva brasileira, frágil cortiça boiando no vasto caudal humano de ambições, de revoltas, de sentimentos os mais heterogénios e quase sempre explosivos, porque primitivos e sem quaisquer freios, sem quaisquer limitações; quem quer que o analise em função dos entrechoques de sua ínfima condição de ser vivo com a grandiosidade verdadeiramente ciclópica do ambiente onde se tornou homem, haverá de compreender, já agora, em consequência de tantas e tão grandiosas vivências, a magnífica altitude dos seus voos pela esplêndida envergadura das asas; a acuidade das observações e o conhecimento profundo da alma humana pela hipertrofia das pupilas que aprenderam a buscar, nos subterraneos das paixões em luta, a fímbria de humanidade que distingue e eleva o nosso semelhante, por mais agreste e inculto, bem acima da animalidade que o envolve.

Conheci-o pessoalmente, aqui, em Teresópolis, um suburbio serrano do Rio, distante milhares de quilómetros, no espaço, daquela selva densa de mistérios, de perigos e de fascinações da sua atribulada infancia e também distante, bem distante no tempo, daquela procura ansiosa da cornucópia encantada da fortuna. E porque o conhecesse de há muito, e porque me houvesse tornado, pelo espírito, um seu companheiro através da vigorosa descrição de suas aventuras, participei com ternura, em pensamento, nas muitas homenagens que recebeu, no Brasil, dos inumeros admiradores do seu talento. E quando um jornalista mais indiscreto pretendeu arrancar-lhe declarações inadequadas ao momento, a sua resposta foi tão eloquente e tão expressiva, mas ao mesmo tempo tão elevada e tão digna, que passamos a compreendê-lo e a admirá-lo sob uma nova dimensão: a do homem que sabe fazer todos os usos da palavra, mas que sabe, também, com toda a sobranceria e altivez, fazer uso do silêncio...

Visitei-o, depois, em Portugal, E quando me levou a atravessar o Tejo para almoçarmos na margem oposta, pediu-me que olhasse, dali, a «sua» Lisboa. Contemplei emocionado o Castelo de São Jorge, as colinas, Sta. Luzia, a Ajuda, estendi o olhar para o Cais do Sodré e repousei o coração em Santa Catarina. Não era o melhor momento, dizia ele, para se ver e admirar Lisboa. O sol não estendera, ainda, as suas compridas sombras pelo casario do Bairro Alto e da Graça, avivando os contrastes e dando á paisagem um ligeiro toque de melancolia, tão a gosto da alma romantica e sonhadora dos portugueses. Mas servia mesmo assim, pensei eu, para medir a intensidade estética daquele coração afeito aos grandes embates, enrijecido por tantas e tão fortes emoções, mas capaz, ao mesmo tempo, das mais inesperadas subtilezas.

Tal revelação enterneceu-me. Ali estava Portugal. Ali estava Lisboa. E como um traço marcante de união com a espiritualidade brasileira, ali estava Ferreira de Castro, honra e glória do Idioma que nos irmana.

ARTHUR DALMASSO

UMA CARTA DE J. SANTOS STOCKLER

Do publicista e poeta de Faro sr. J. Santos Stockler recebemos, com pedido de publicação, a carta que a seguir se transcreve:

«Diz-nos José Régio, no n.º 395 deste suplemento, com aquela objectividade que lhe é sobejamente reconhecida, que o fracasso da obra da grande escritora e humanista que foi Irene Lisboa não se deve, desta vez, á crítica, mas apenas e unicamente á falta de publico ledor dos seus livros, afirmando que esse numero não foi, infelizmente, além de duzia e meia de letrados. Ora a verdade, — que me perdoe José Régio esta pequena achega — segundo creio, está a paredes meias com a crítica, pois que não aclareou devidamente o leitor, deixando assim, no campo suspeito, os amantes da boa literatura. Pois elogiar uma obra, ou um escritor, não é suficiente, desde que nessa crítica não transpareça as qualidades desse autor. E sendo assim, o leitor fica sempre de pé atrás...

Outro factor do fracasso em causa, cabe ás livrarias, pois estas, salvo casos especiais, sem ligar ao valor da obra, atira esses livros para as prateleiras de segunda ordem... Além destes factos, também cabe um pouco da «mea culpa» á editora, quando esta não arrisca o custo da edição, não dando, nestes casos, ás obras particulares, aquela publicidade e projecção que dá ás obras da casa, até quando se trata de autores estrangeiros, pondo de lado aqueles que lhe deviam merecer mais carinho, ou sejam os portugueses. De tudo isto, mais do que da falta de publico ledor, resultou o fracasso da expansão dos livros de Irene Lisboa, pois que além da duzia e meia de letrados que a leram, outros existem, embora desconhecidos no nosso meio literário, que propagaram o nome de Irene Lisboa na província, junto de amigos e conhecidos, estando entre eles o autor destas linhas, que possui, na sua modesta biblioteca de provinciano, os livros da genial escritora, alguns deles, autografados pela grande mulher e humanista que foi Irene Lisboa.

Para que o erro anterior se não venha a repetir agora, com a reedição de «Solidão», que quer a firma editora do livro, quer a crítica, ajudados estes pelos mestres da nossa literatura, venham a fazer verdadeira luz sobre a obra, e Irene Lisboa terá, num curto espaço de tempo, o lugar que já lhe é devido na literatura nacional, mesmo sem empurrões...

E por assim o pensar e desejar, quis o autor destas descoloridas linhas juntar esta pequena achega ao valioso comentário de José Régio, fazendo votos para que a boa camaradagem ajude não só á reedição de «Solidão», como ainda a que o resto da sua obra saia, quanto antes, da obscuridade em que se encontra, pois que ela merece, a todos os títulos justos, atravessar o rio largo das nossas fronteiras, visto que essa projecção, não só honrará os seus colaboradores, como prestigiará o nome da nossa literatura, além-fronteiras.

Que esta pequena achega não caia no olvido, são os votos de quem a entrega hoje nas mãos dos admiradores de Irene Lisboa. Faro, Fevereiro de 1966. — J. Santos Stockler».

Prémio Internacional de Novela «Romulo Gallegos»

O Instituto de Cultura e Belas-Artes da Venezuela, com patrocínio do Governo deste país, abriu concurso para a atribuição do Prémio Internacional «Romulo Gallegos», destinado a criações novelísticas em língua espanhola. O Prémio tem por objectivo assinalar a irradiação mundial do grande romancista venezuelano, que conta presentemente perto de 82 anos, e consistirá no montante de 100 mil bolivares, equivalente a cerca de 640 contos em moeda portuguesa.

A atribuição do Prémio «Romulo Gallegos» será feita, pela primeira vez, em 1967, e pela segunda vez em 1972, prosseguindo de cinco em cinco anos segundo o plano estabelecido pelo Instituto de Cultura e Belas-Artes.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 10 de Março de 1936 publicava:

«BERLIM, 10 — O governo alemão, esperando fortes reacções diplomáticas de alguns países por virtude da resolução de denunciar o Pacto de Locarno, continua a ordenar rápidos movimentos de forças militares e a incorporar na «Reichswehr» todas as forças policiais da Renânia.

«Sabe-se que o Gabinete alemão está elaborando vários decretos-leis, que serão publicados brevemente, chamando ao país todos os alemães residentes no estrangeiro para prestarem serviço militar».

CURIOSIDADES

● As pessoas ilustres

O célebre actor cinematográfico Humphrey Bogart definia assim as pessoas ilustres:

«São criaturas que, depois de haverem feito grandes esforços para serem conhecidas, usam óculos escuros para não as conhecerem...»

● Com caracóis faz-se penicilina

Ao cabo de aturados estudos e várias experiências, um cientista chinês, professor de Medicina na Formosa, anuncia para breve a produção de penicilina extraída da baba dos caracóis.

A descoberta do prof. Fai-Hsiang anuncia-se como sensacional na história das conquistas da Medicina, de efeitos extraordinários e, além disso, remédio extremamente económico.

● As aplicações da matéria plástica

Os barcos construídos em matéria plástica não apodrecem, não enferrujam nem se incendeiam. O mesmo se dá com secções de plástico utilizadas em construções de casas ou quaisquer outras estruturas onde o homem habita, trabalha, ou se diverte.

Desde há anos que somos beneficiados pelo uso de plásticos em aparelhos eléctricos ou em materiais empregados na confecção de pisos, telhados, cortinas, e outras formas de decoração interior. Em todos os casos, há a acrescentar a tantas vantagens ainda a que resulta do facto de o plástico reduzir o tempo das construções.

● As prodigiosas abelhas

É prodigioso o trabalho das abelhas para fabricarem o mel.

Em dez minutos um desses laboriosos insectos percorre em voo quatro quilómetros e, durante esse tempo, as suas asas batem cento e oitenta mil vezes.

— Já era desastroso deixares cair a dentadura dentro do prato da sopa, mas aquela ideia de a limpares à toalha da mesa...!

ANEDOTAS

■ **Um pintor sensacionalista, pensativo quanto á posteridade, confessa a um amigo:**

— Estava capaz de oferecer um quadro a qualquer instituição de caridade.

— Óptima ideia — diz o amigo. — Manda-o para um asilo de cegos.

■ Um marido violento comparece no tribunal por haver maltratado a mulher. Entretanto vem a apurar-se que a mulher, sempre que pode, defende a sua integridade com meios pouco ortodoxos: garrafas, terrinas, vassouras, garfos. O juiz inquire a primeira testemunha:

— Meu caro senhor, este caso parece-me complicado. Assistiu ao começo da zaragata?

— Exactamente, senhor doutor juiz. Fui padrinho de casamento.

■ O marquês de Alvito era um homem cheio de originalidade. Amigo de D. Carlos, volta e meia saía-se com uma das suas. Certa vez propôs ao monarca a venda de uma propriedade.

— *O* quê, a herdade que te deixou o teu tio-avô? Mas essa já ma vendeste há dois anos!

O marquês franziu o sobrolho e comentou:

— Arre, que estes Braganças têm boa memória!

■ **Um casal viaja de comboio. Por alturas do Entroncamento exclama a senhora:**

— Ai! Esqueci-me de desligar o ferro eléctrico!

— Não tem mal — diz o marido — eu esqueci-me de fechar a torneira da casa de banho.

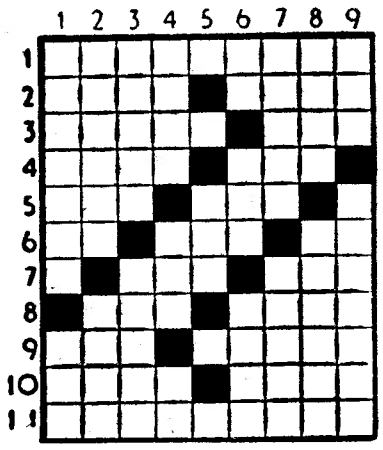
EFEMÉRIDES

Março

● 1551 — Dia 10 — *Parte para a Índia, sob o comando de Diogo Lopes de Sousa, uma armada de cinco naus e três galeões.*

● 1890 — *E' executado pela primeira vez o hino nacional, «A Portuguesa».*

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4038

HORIZONTAIS: 1 — Tostavam. 2 — Meta precioso de cor amarela. Emblema. 3 — Eminência em forma de pirâmide triangular, que é a sede do olfacto. Rente. 4 — Após. Procedi. 5 — Suspiros. Capa se mangas. 6 — Oferece. Fileira. Compaixão. 7 — Esteiro. Raer. 8 — Colorido. Gomo (parte de certos frutos). (prov.). 9 — Preposição. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. 10 — Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Gago. 11 — Que têm resina.

VERTICAIS: 1 — Referido. Colorido. 2 — Saíria frequentemente ó rua. Gasta. 3 — Vagueias. Nome de um fruto (pl.). 4 — Tempo do verbo ser. Oásis. Escarnece. 5 — Olé. Artigo definido. 6 — O mais. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Género de mamíferos carnívoros digitígrados. 7 — Fasquia. Nivelas. 8 — Gostei muito de. Tira um cargo a. 9 — Conjunção. Demorados.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4037

HORIZONTAIS: 1 — Asca. Rape. 2 — Siam. Etal. 3 — Ova. Sou. 4 — Aroma. 5 — Or. Ca. 6 — Bira. Nios. 7 — Sir. Gim. 8 — FALAI. 9 — Ag. Mui. NO. 10 — MAU. Aos. 11 — APARELHAI.

VERTICAIS: 1 — As. Sob Goma. 2 — Sio. Ris. Gap. 3 — Cava. Rif. Ua. 4 — Amarraram. 5 — O. Lume. 6 — Resmungai. 7 — Atoa. III. Ah. 8 — PAU. Com. Noa. 9 — El. Cós. Cosi.

Provérbio: FALAI NO MAU APARELHAI O PAU.

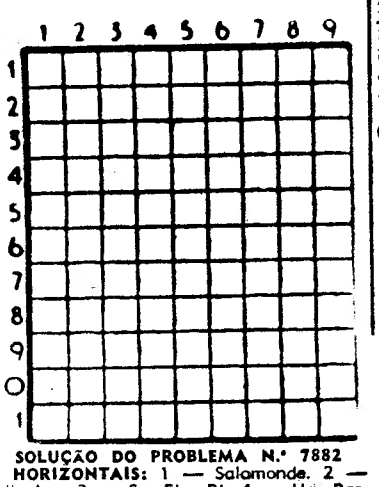
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 7883

HORIZONTAIS: 1 — Preposição. Veículo de rodas para transporte de coisas ou pessoas. 2 — Mulher gorda (fig.) (pl.) 3 — Seguia. Lavras. 4 — Partido. Agora. 5 — Ardósia. Nesse lugar. 6 — Reformador checo. Estadista e general espanhol, um dos autores da queda de Isabel II. 7 — Em partes iguais. Agrada. 8 — Emprega. Rente. 9 — Em mais alto grau. Pronome reflexo. 10 — Ilha dependente da Austrália, de que a separa o estreito de Bass. 11 — Estabelecimento termal situado no concelho de Anadia. Patrão.

VERTICAIS: 1 — Rio de Espanha e Portugal. Célebre geólogo e académico francês. 2 — Vaso para vinho. Planeta (pl.). Pronome pessoal. 3 — Pedra de Moinho. Uma das Espórades. Gostar muito de. 4 — Meta. Empunhei. 5 — Enrubesces. A primeira das horas canónicas. 6 — Pedra de altar. Captura. 7 — Cabo da costa de Portugal. Chefe etíope. Em a. 8 — Reis. Origem. Consentimento. 9 — Irmão de Abel. Reino da Espanha antiga.

PALAVRAS CRUZADAS



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7882

HORIZONTAIS: 1 — Salamonde. 2 — Ali. Ara. 3 — Sa. Eta. Pt. 4 — Uri. Par. 5 — AC. Garage. 6 — Cio. Iam. 7 — Halo. Rã. 8 — Eva. Aló. 9 — Vã. Dra. Ru. 10 — Mãe. Aer. 11 — Opiomania.

VERTICAIS: 1 — Sascachevão. 2 — Ala. Ciava. 3 — Li. Olá. Mi. 4 — Erg. Dão. 5 — Matias. Arem. 6 — Ora. Ala. 7 — Na. Pai. An. 8 — Pagar. Rei. 9 — Estremadura.

FACTOS REAIS «O PÁRA-QUEDAS»

13 — *Quando, a 22 de Outubro de 1797, o balão que transportava Garnerin e o pára-quedas se elevou no céu cinzento do parque Monceau, a inquietação popular atingiu o auge. Na parte inferior do balão estava colocado um grande pára-quedas, que por sua vez se ligava a uma barquinha de vime onde ia Garnerin. Devia bastar a este cortar no momento exacto uma corda para o pára-quedas se desprender do balão. Viu-se o balão dar um salto, deixar o solo, ultrapassar o cimo das árvores. Garnerin lançou fora o lastro. O balão continuava a subir.*

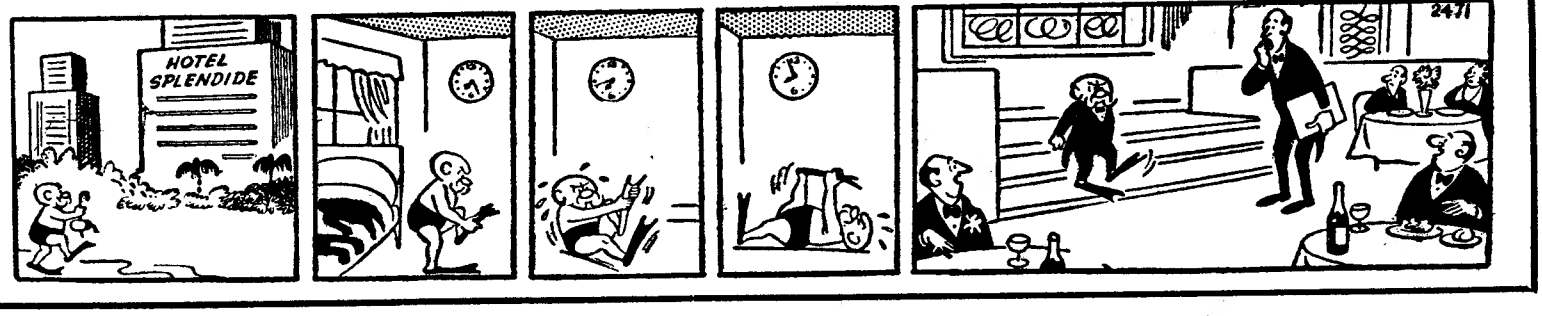
14 — *Garnerin declarara que se desprenderia a uma altura de trezentas toesas, ou seja quase seiscentos metros. Mas o aeronauta parece hesitar. A altitude prevista é ultrapassada. Ei-lo a trezentas e cinquenta toesas. Então as testemunhas que, presas de angustia, seguem cá de baixo a ascensão do aeróstato, vêem Garnerin munir-se da sua faca e cortar com um gesto decidido a corda que retém o pára-quedas e a barquinha. O balão, que deveria ir acabar os seus dias em qualquer ponto do campo, explode nesta altura por cima da multidão aterrorizada. Vê-se a barquinha mergulhar no vácuo a toda a velocidade. Na assistência transida de horror desmaiam mulheres. Mas uma imensa corola branca acaba de abrir-se na parte superior da barquinha. Esta já não cai: flutua, desce com oscilações violentas mas sem perigo. Um clamor imenso sobe até ao aeronauta, que por fim toca no chão. É beijado e levado em triunfo através de Paris.*

15 — *«A coragem de Garnerin», disse muitos anos depois o americano Wilbur Wright, pioneiro da aviação, «é um dos mais belos actos da história aérea.» É também a esta coragem que inumeros aviadores devem a vida. Após esta primeira proeza Garnerin efectuou muitas outras descidas de pára-quedas. Depois viajou pela Inglaterra, Alemanha e Russia, levantou voo a bordo dos seus balões em todas as direcções e com quaisquer condições de tempo.*

16 — *Jacques Garnerin casara com Jeanne-Geneviève Labrosse, a quem comunicou a paixão do ar. Jeanne Garnerin foi a primeira mulher que pilotou um balão e desceu de pára-quedas. Percorreu a Europa com o marido, dando a conhecer por todo o lado a invenção de Garnerin. Quanto a Elisa Garnerin, sobrinha do ilustre aeronauta, efectuou á sua conta mais de quarenta descidas. Decididamente os Garnerin fizeram as honras do pára-quedas.*

(CONTINUA)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq
Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.as — 17 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.as 4.ª, 5.as e 6.as — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.as e 5.as — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.as, 5.as e Sáb. — 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.as, 4.as e 6.as — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e Vias urin. — 16 h
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát — 3.as e 5.ª — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h
Dr. José de Freitas Ribeiro — Int. de Neuro-Cirur. dos H. C. L. — 2.as 4.as e 6.as — 17.30 h.
Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.as, 5.as e Sáb.as — 14 h
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.as, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenç. Pulmonares — 14 h.
Dr. Rosário Dias — Clín. Méd. (Doenç. Endocri. e Nutrição) — 3.as 5.as e 6.as — 15 h.
Dr. José Benard Guedes — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica. Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. — Tel. 771639. (Ao Campo Pequeno)

«FÉRIAS»

por CHRISTOPHE BONHEUR

RESUMO — Durante as suas férias na Côte d'Azur, Elisabeth, casada com o cirurgião Pierre Mennessier, trava conhecimento com Alfred Share, piloto de helicóptero, que lhe demonstra grande simpatia. Elisabeth rompeu com um amigo, Didier Lenormand, mas este volta a abordá-la. A esposa do cirurgião procura um pretexto para se encontrar a sós com Didier quando Share, no momento em que vai descolar, lhe entrega um pequeno papel: tem de falar com ela urgentemente. Mas em pleno voo o aparelho parece entrar em perda. Quando por fim consegue pousar, Share jaz morto no assento. No hotel o velho cozinheiro Angier morreu subitamente. A senhora Serrault, proprietária do estabelecimento, contratou um substituto.

13 — A cena seguinte passa-se no pequeno café «Chez Titine», á noite. É perto do posto. O subchefe da polícia de Bellemar está sentado numa mesa do fundo, acompanhado do inspector de Marselha enviado para tratar do caso. Das análises feitas ao cadáver de Share depreende-se que o infeliz foi envenenado com estricnina. «O veneno deve ter sido ministrado uns vinte minutos antes da morte», diz o subchefe, «e com certeza que o assassino, conhecedor dos hábitos do piloto, previu que a morte se daria em pleno voo. Share voava quase sempre sobre o mar. Havia muitas probabilidades de o aparelho se afundar... e o crime não chegar a ser descoberto!» «Penso exactamente como o senhor», diz o inspector Lemanchot. «Suponho que Share, piloto fora-de-série, teve reflexos suficientes para salvar o aparelho a todo o custo. Deve ter-lhe sido necessário um prodígio de vontade para aterrar, com aquele sofrimento todo...» «Tem alguma ideia sobre o provável assassino?», quis saber o subchefe. «Nenhuma. Creio que o melhor é investigar o passado de Share, o que não será fácil. Andou dum lado para o outro, como toda esta gente da aviação. Vou começar pelo Hotel da Praia.»

14 — O inquérito apresentava-se difícil. Lemanchot não alimentava quaisquer dúvidas. Share saira do hotel cerca de meia hora antes de descolar. O envenenamento deveria lógicamente datar da hora do jantar, ou pouco depois — Share costumava beber um copo com os pescadores á saída do hotel. Lemanchot começou por interrogar a senhora Serrault, que parecia muito abalada pela morte do hóspede. E o velho cozinheiro? «Estas duas mortes poderão, segundo a sua maneira de ver, ter alguma ligação uma com a outra?», perguntou o inspector. «Não», respondeu a senhora Serrault, e reprimindo uma lágrima, «o pobre do Angier morreu duma síncope cardíaca. Há muito tempo que ele sofria do coração.» «Algum hóspede andava com o senhor Share?» A senhora Serrault pareceu hesitar. «Talvez a senhora do cirurgião, Elisabeth Mennessier... Creio que eram bons amigos, mas.. quer dizer, não vejo a relação que isso possa ter com o caso...»

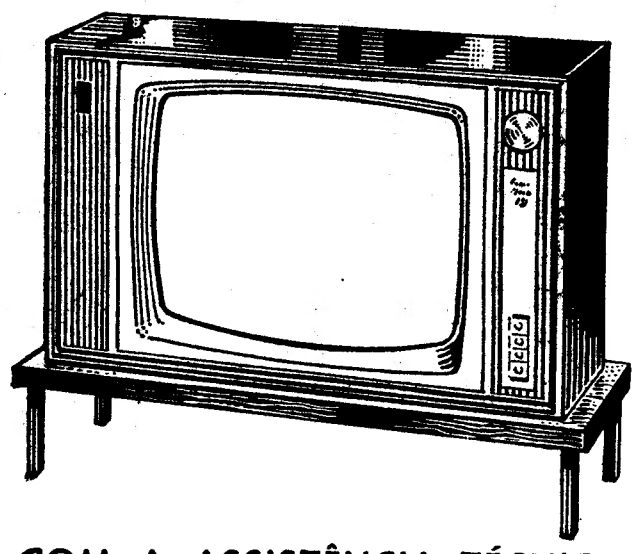
15 — Durante a confusão provocada pela morte do infeliz piloto, Elisabeth não conseguira escapulir-se para ir ter com Didier. Desde esse momento vivia no terror de ver aparecer o amigo no hotel. Pierre descobriria tudo! Na verdade Didier era capaz dessa tolice. Não passara o seu carro várias vezes junto ao terrapleo do helicóptero? E agora a morte de Share, que tanto a penalizava! Certa tarde vieram procurar Elisabeth. O inspector Lemanchot queria falar com ela. Começou por perguntar se conhecia Share. Sim, conhecia de facto Share, mas só há uma semana. Tinham simpatizado um com o outro, mais nada. Lemanchot, sentado diante de Elisabeth, enxugava o rosto periódicamente. «Vossa-lência desculpará», explicou, «mas andar de casaco com um calor destes é um verdadeiro suplício.» Continuava a ouvir Elisabeth. Mas esta acabou por calar-se. Gostaria de referir o pormenor da pequena missiva entregue por Share, que certamente não tinha qualquer relação com o crime. De resto, para quê misturar a sua vida particular a este caso?

16 — Lemanchot marcava passo. Havia realmente muito poucos indícios. Toda a gente dizia o que lhe apetecia. A polícia encontrara no bolso do casaco do morto uma conta do restaurante Le Tahiti. Era uma «boîte» exótica situada numa praia perto de Bellamar, reputada pela sua excentricidade. Muitos veraneantes iam lá acabar a noite. Lemanchot, por pura curiosidade, resolveu dar um salto ao restaurante. Sobranceiro á praia, imitava as casas do Tahiti com o seu tecto de colmo e os seus tótemes de madeira pintada. Entrou e pediu um anisado no bar. O empregado era um tipo baixo e magro, com olhos fugidios. «Recordas-te dum cliente mais ou menos com quarenta anos, baixo, entroncado, com pouco cabelo?» Era a descrição física de Alfred Share. «Vinha num carro de marca alemã, um *Volkswagen*.» A placa da polícia exibida pelo inspector dava que pensar ao empregado. «Parece que sim», acabou este por dizer, «esteve cá com uma senhora alta, de meia-idade, cabelos prateados...» «De que falavam eles? Lembras-te?» «Discutiam», continuou o empregado, «não sei dizer mais nada. Falavam da Resistência... E um cozinheiro morto... Qualquer coisa como isso...» O inspector agradeceu e deu uma gorjeta ao empregado. A mulher de cabelos prateados tinha todo o aspecto de ser a senhora Serrault!

(CONTINUA)

Grande Campanha
TOP RANK

OFERTA DURANTE ESTA CAMPANHA
DE UM RÁDIO PORTÁTIL DA MARCA
GENERAL ELECTRIC



equipado com moderno comando automático que mantém constantes o brilho e contraste da imagem

COM A ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GARANTIA DA
GENERAL ELECTRIC
PREÇOS BAIXOS E AS FAMOSAS FACILIDADES DA
Bardo
AV. DA LIBERDADE, 131 | AV. ALMIRANTE REIS, 124 B | RUA DE S. BENTO, 53 A 57

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Publicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.as C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C.U.F., U.F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.a Civil, Fundação Gulbenkian, etc., Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES
FACULTAMOS FOTOCÓPIAS
Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»
DISTRIBUIDORES GERAIS:
TITO PEREIRA DE SOUSA
Rua de S. Nicolau, 41, 3.º — LISBOA-2 — Telefs. 361805 - 322118

AUTO-ANTÓNIO DA ESCOLA
AUTOMÓVEIS SEM CONDUTOR
RUA ANTÓNIO MARIA BAPTISTA, 24 — TELEFONE 835791 - 47326

LIVROS & AUTORES

Apreciações críticas por
MÁRIO SACRAMENTO, GASTÃO CRUZ E EDUARDO PRADO COELHO

FICÇÃO

«GIOVANNA» — uma novela e dois contos de Tomás Ribas

Num clima sobre-saturado de reminiscências e analogias artísticas um estilo fluído, sinuoso, doce e só na aparência fácil conduz uma história de amor com precisão e maestria. Repassado de Hoffman, Bocaccio, Heine, que sei eu?, um belo sonho de quimera adolescente cristaliza em maturidade formal um ondulante refrão emotivo. Se a novela é o fruto de uma estesia reflexiva, é-o num plano de incontestável originalidade pessoal. O seu barroquismo simbolista vasa-se na harmonia contrastante de um fio de história a um tempo simples e inverosímil, que um contraponto crítico sabe, contudo, defender: *«nela tudo me parecia fabricado, copiado dos quadros dos grandes mestres, demasiado literário, demasiado superficial»*. A narrativa entretece-se de pequenas mas sempre felizes anotações mundanas, de discretos toques de finura psicológica, de ditos ou reparos espirituosos, que lhe conferem uma cadência de permanente interesse.

Há, não obstante, inexplicáveis asperezas de estilo pelo início da novela, que logo cessam abruptamente (agressivos ou rascantes «ainda», «tantos», «mesmos»...) e estereotipias de incompreensível platitude, como a da atracagem do vapor. Consequências, talvez, de redacções que se espaçaram no tempo e iludiram o desbaste final.

Seria estulto opor reservas ao cosmopolitismo aristocratizante do entrecho, á sua glosa esteticista de valores, ao seu formalismo de literatura da literatura. A novela sobrepuja isso tudo em tensão emotiva e bom gosto estilístico que, um pouco mais depurado, será modelar. É Tomaz Ribas em corpo inteiro. E que mais pode exigir-se de alguém?

Os dois contos são também felizes. Tal como a novela são ambos escritos na primeira pessoa e, como ela ainda, figuram um aprendiz de escritor, o que é prolongar no processo uma dimensão mais de problemática estética, como seria de esperar em quem lhe votou a vida.

«DIÁRIO DE EDÍPO» — por Alberto Ferreira (2.ª edição)

Quem assistiu no Porto ao excepcional colóquio que Alberto Ferreira lá realizou há tempo, ficou a saber o que custa hoje a um pensador da craveira deste a conquista de uma integral maturidade. No ensaísmo filosófico deste autor, o que mais se me impôs sempre foi o rigor da sua análise, o escrupulo da sua objectividade, o concatenar minuciosíssimo das suas mediações. A crise em que este *Diário de Édipo* tomou corpo é, por isso mesmo, a de uma expressão que, para poder dar o homem integral, terá de romper os quadros da ideação. O próprio do escritor, no mais amplo sentido da palavra, não é de facto o de adiantar um pé quando tem o outro bem firmado. Se ele faz isso por dentro (quando faz!), o certo é que vem para o mundo desenvolto, avançando ou recuando ao sabor da emergência e ora saltando barreiras ora fazendo *back flash*, sempre inquieto e aparentemente indisciplinado como a vida. Sem rigorismo, portanto, mas rigorosamente! Para se fazer literatura há que atirar as mediações ao ar, aparando-as em assimétrica coerência, sem a *hantise* de poupar as etapas, cujo destino é arderem na chama da síntese que ilumina.

Com *Diário de Édipo* (de que só dou notícia, pois o que vá além disso exige o ensaio crítico, aqui impraticável) nasceu em Alberto Ferreira, sobre a matriz do filósofo e ideólogo, o embrião de um homem novo: o do ensaísta *tout court*, que destas páginas de diário ficto há-de ascender ás do diário autêntico e estético, cujo nome singular de ensaio só tem como sinónimo o de homem.

A REVOLUÇÃO DE 1383 — por António Borges Coelho

As obras de erudição ou investigação histórica são normalmente de leitura ingrata para o grande publico. Não assim este ensaio (pois que de um verdadeiro ensaio se trata), em que a precisão dos dados emparelha com o fresco descritivo e a sempre elegante ponderação interpretativa. Retomando e recriando a tese hoje clássica, de António Sérgio sobre as características burguesas da Revolução de 83, o autor situa-a no contexto social da época e caracteriza-a com a propriedade possível. Parecem-me de assinalar, entre todas, as páginas que revêem o papel que coube ao Condestável nos acontecimentos da época e as que esboçam a fisionomia do campesinato e da burguesia provinciana. Já o enquadramento histórico no panorama geral do mundo resulta demasiado sucinto (e deslocado, até) em fecho do volume. Mas um ensaio não respeita nunca a ordem convencional, pois obedece a leis internas de que por vezes só o autor detém o segredo. E é isso, quer-me parecer, o que sustenta a frescura e a leveza deste em matéria tão atreita a tolher de reumático quem dela se avizinha.

MÁRIO SACRAMENTO

ENSAIO

«Programa para o concreto» de Alexandre Pinheiro Torres

Feitas as contas, muitas vezes o crítico é o principal criticado. Sabendo isso, convém desde já prevenir algumas objecções mais prováveis:

a) uma crítica de livros de ensaio, perante obras especializadas, representando longos anos de investigações, não pode tentar mais do que um comentário um tanto epidérmico, sem qualquer intenção analítica, e que apenas pretenda responder a uma pergunta deste tipo: «Em que medida, a mim, leitor de cultura mediana, interessará o livro em questão?»;

b) uma crítica de um jornal diário deve sempre partir do princípio de que o leitor não conhece o texto criticado, baseando-se, assim, muito mais numa comunicação entre crítico e leitor do que entre crítico e autor (ao contrário do que frequentemente acontece em publicações especializadas).

c) toda a leitura é violência: se qualquer crítica é sempre apaixonada e parcial, a verdade é que a crítica imediata terá de ser muito mais parcial e apaixonada, muito mais subjectiva e contingente; nas colunas de um jornal, um crítico nunca prova: prova-se a si mesmo, conquistando ou não a confiança do leitor, ao longo de uma presença constante.

E é tudo.

Incluido na excelente colecção Poesia e Ensaio, da Editora Ulisseia, publicou Alexandre Pinheiro Torres um volume intitulado *Poesia: programa para o concreto*. Trata-se de um conjunto de ensaios, escritos no tom buliçoso que o caracterizou, quase todos já publicados em jornais ou revistas ou como prefácios. Encontrará o leitor textos sobre Alexandre O'Neill, João José Cochofel, António Reis, Afonso Duarte, João Cabral de Melo Neto, José Gomes Ferreira e outros. Nesta colectânea, os estudos que me parecem mais bem elaborados são os dedicados a Murillo Mendes, a Melo Neto, a O'Neill e a Gomes Ferreira.

E' evidente, julgo, que Pinheiro Torres se sente muito mais á vontade perante os poetas que se integram numa certa orientação da poesia actual: a da prosificação da poesia, segundo uma estética nitidamente anti-romântica. Quando se vê frente a outores que, embora voltados para uma poesia solar, clara e rigorosa, se movem ainda dentro dos limites do universo tradicionalmente poético, Pinheiro Torres, sem deixar de reconhecer o mérito das suas obras, não evita, implícitamente, um certo tom depreciativo: basta recordar o modo como avalia certas fases da evolução de Ramos Rosa e de Sophia de Mello Breyner Andersen. E é por isso que os três artigos sobre o autor de *Ocupação do Espaço*, me parecem ser o que de menos feliz se encontra neste volume.

Basta passar os olhos pelo índice da obra para ver como a preocupação com o concreto a domina. Mas pergunta-se: o que é o concreto? Os estudantes do liceu aprendem nas suas ajuizadas gramáticas que são substantivos concretos os que indicam pessoas, coisas e animais, e abstractos, os que se referem a acções, qualidades e estados. Mas, por exemplo, *noite*, o que é? Substantivo abstracto ou concreto? Os alunos hesitam e os professores também. Afinal, vamos lá saber, o que será o concreto?

Filosòficamente, tem-se definido o concreto como sendo uma síntese de numerosas determinações, uma unidade da diversidade. Quer isto que a realidade, tal como ela nos surge na experiência do dia a dia, é, até certo ponto, uma abstracção, que só ganha corpo e sentido quando a inserimos numa rede de mediações até obtermos amplas totalidades significativas. Donde se conclui que o concreto, nesta acepção, não é algo que baste ver e tocar, mas uma conquista, quase poderíamos dizer: uma lenta e metódica invenção. Isto levanta-nos um problema: será o concreto o viver quotidiano? Mas se o consideramos o único concreto, o concreto autêntico, não correremos o perigo de o cristalizarmos em dimensões estreitas que, certamente, não são as suas? E não haverá, no meio de tudo isto, uma certa retórica de concreto? Certas palavras, que já foram concretas no esclarecimento de determinadas realidades históricas, não ocultarão hoje uma nociva idealização da realidade?

O livro de Pinheiro Torres põe-nos ainda outra questão fundamental: poderá a arte representar o concreto tal qual ele é? Em larga medida, a linguagem irrealiza, isto é, dá-nos não a presença de um objecto mas a sua ausência. Se não tivermos em conta o facto de a linguagem nos instalar num universo imaginário fundamentalmente oposto ao da realidade concreta, arriscamo-nos a simplificar excessivamente as coisas. Toda a teoria realista da literatura tem que defrontar a irrealidade da linguagem. Sem isso, fica-nos apenas ou uma hipótese grosseira da linguagem como reflexo do real ou um temível mistério. Qualquer das possibilidades é pouco aliciante.

Outro problema importante é aquele que se levanta em torno da noção de realismo. Sobre as definições de realismo, realismo crítico e neo-realismo (ou realismo dialéctico) a confusão é completa. Se Pinheiro Torres considera realistas as obras que nos dão uma representação não superficial da realidade concreta, a verdade é que, para todas as restantes, fica inteiramente desprovido de qualquer critério de valor que não seja descaradamente formalista. E' certo que várias vezes nos diz que a primeira fase de Sophia de Mello Breyner e a recente evolução de Ramos Rosa são notáveis manifestações de grandes poetas, mas temos de reconhecer que, quando se trata de análise prática dos textos, os juízos implícitos são muito desfavoráveis. Ora parece-me que essa incompreensão de períodos extensos da obra de excelentes poetas, como os que estão em causa, se deve a uma definição inaceitável de realismo. Quanto a mim, toda a obra de arte é realista e o critério primordial (a que todos os outros se subordinam) que me permite julgá-la é, precisamente, o seu grande realismo. Creio que esse realismo consiste no modo como a obra nos proporciona um «conhecimento produtivo do real» (a frase é de Char), um sentido superiormente elaborado de realidade, que se enraiza muito naturalmente na reflexão de uma experiência comum. A realidade nunca se reduz á realidade pensada: cumpre á obra de arte dizê-lo.

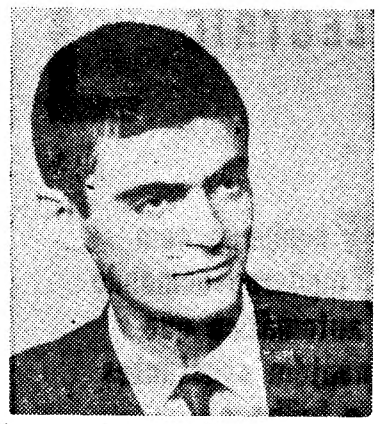
O que se verifica em *Poesia: programa para o concreto* é que Pinheiro Torres, denominando realistas certos autores e certas obras, acaba por ter de valorizar muitos outros de uma forma evasiva: não descobrimos na pág. 110 a ideia de que o 1.º período de Afonso Duarte é muito valioso «sob o estrito ponto de vista da poesia»? Ora, para uma doutrina realista, a poesia não tem pontos de vista particulares (a não ser em questões de técnica necessàriamente secundárias), porque toda a poesia é linguagem e toda a linguagem um nível de elaboração do real.

A um livro tão sugestivo, polémico e estimulante, apetecia pôr muitos outros problemas. Por exemplo: não será José Gomes Ferreira um poeta neo-realista *mesmo*? Não será um grande poeta neo-realista? O elemento que Pinheiro Torres acentua para o não incluir na corrente (a não superação da dialéctica entre o que o autor chama o *eu particular* e o *eu social*) não será uma reminiscência da teoria já moribunda do herói positivo em arte? Toda a coerência é uma abstracção. E José Gomes Ferreira é verdadeiramente neo-realista, penso eu, quando, na linha das grandes descobertas das ciências humanas, põe em foco o problema da sinceridade, mostrando que nunca temos plena consciência de todas as motivações e significações autênticas do nosso comportamento, e que, portanto, sempre a existência precede a consciência — forçando-nos, assim, a anular a parcialidade de todas as coerências e a um esforço incessante de reequilíbrio e invenção de nós próprios.

EDUARDO PRADO COELHO

POESIA

«História de um clã» por Júlio Carrapato



JÚLIO CARRAPATO

Com dezasseis e dezassete anos, Julio Carrapato publicou, respectivamente *Zagala* (1964) e *História de um Clã* (1965), duas edições do autor, que passaram, por assim dizer, inteiramente despercebidas. E' o que acontece, normalmente, a livros publicados nessas condições — não sem alguma justificação, dada a sua abundancia, directamente proporcional á má qualidade que costuma caracterizar os textos, embora também não faltem livros de nível quase idêntico com chancela de editor.

E todavia os livros de Julio Carrapato, especialmente *História de um Clã*, ensaiam, com êxito, processos que se revestem de iniludível interesse para a poesia portuguesa de hoje e a sua evolução. Penso mesmo que os unicos casos verdadeiramente renovadores surgidos na poesia portuguesa, posteriormente a 1961, foram o deste poeta e o de Armando da Silva Carvalho, com a sua recente *Lírica Consumível*.

Sem ser propriamente um poema narrativo ou um poema épico, *História de um Clã* conserva, como *poesia do objecto*, características desses géneros. E nem por ter como matéria a história do clã dos homens (ou mais do que isso — v. o Canto II, *Luta de Répteis no Jurássico*) deixa de ser, por vezes, agudamente circunstancial, e crítico, em relação a um espaço e um tempo restritos, que são os do poeta:

Nas casas as mães recebem cartas
[iguais
dizendo que os seus filhos afinal
[eram mortais

O caudaloso discurso de Julio Carrapato é hàbilmente dinamizado por meio de uma técnica do refrão unica na poesia portuguesa dos nossos dias. O último canto do poema *(A Ultima Ceia)*, suma de todos os outros, chega a ganhar um ritmo febril, pela combinação de diversos refrãos, um dos quais são os dois versos citados acima, repetidos como motivos de um andamento musical. *A Ultima Ceia* é, em *História de um Clã*, o canto do presente e nele se entrelaçam os temas do *doentio amor*, condicionado pelas circunstancias, e da *revolução*, que poderá salvar o amor e a arte ameaçados.

O estilo de Julio Carrapato, que, em *Zagala*, claramente patenteava algumas das suas fontes, de Lorca a Emiliano da Costa e a Jorge de Lima, mostra-se, em *História de um Clã*, mais homogéneo. A despeito de algumas faltas de gosto, o poeta controla agora com bastante segurança a sua complexa imaginação verbal, que mobiliza um vocabulário copioso e um tanto rebarbativo, á Emiliano da Costa. A rima, a anáfora, as associações puramente fónicas, os mais variados jogos de palavras, além do refrão, são alguns dos recursos que Julio Carrapato utiliza para tornar consistente uma linguagem cuja rudeza (e até certa *gaucherie)* não são dos seus menores atractivos.

GASTÃO CRUZ

Prémio de Poesia no Brasil

O maior acontecimento recente nos domínios da poesia brasileira, segundo notícia do «Jornal de Letras» do Rio de Janeiro, foi a atribuição do «Grande Prémio de Poesia Instituto Nacional do Mate», promovido pela «Porta de Livraria», de António Olinto, de «O Globo». Ou seja: o maior concurso de poesia em língua portuguesa e no Brasil. A Comissão Julgadora, do mais alto nível e probidade, foi constituída por Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Fausto Cunha e Paulo Mendes Campos. Concurso onde, entre 1807 candidatos, houve 36 Menções Honrosas. Os 3 prémios foram concedidos aos livros inéditos «Península», de Mário; «Labirinto», de Caramujo, e «Geolírica», de Rhithmus. Uma vez abertos os envelopes dos pseudónimos verificou-se que os premiados eram, respectivamente: Roberto Mena Barreto, Foed Castro Chamma e Stella Leonardos.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha